



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ANTONIO CARLOS CARVALHO DOS SANTOS

**A GEOGRAFIA DO AGITO:
EMERGÊNCIA E “MORTE” DE BARES E BOATES NA CIDADE DE
JOÃO PESSOA - PB**

**JOÃO PESSOA
2010**

ANTONIO CARLOS CARVALHO DOS SANTOS

**A Geografia do Agito:
Emergência e “Morte” de bares e boates na cidade de João
Pessoa - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Sérgio Fernandes
Alonso.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

**JOÃO PESSOA
2010**

S237g Santos, Antonio Carlos Carvalho dos.

A geografia do agito: emergência e “morte” de bares e boates na cidade de João Pessoa - PB / Antonio Carlos Carvalho dos Santos.- João Pessoa, 2010.

130f. : il.

Orientador: Sérgio Fernandes Alonso

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCEN

1. Geografia Urbana. 2. Reestruturação urbana – João Pessoa. 3. Valorização e desvalorização de espaços. 4. Territorialização – bares – boates – João Pessoa.

“A Geografia do Agito: Emergência e “Morte” de Bares e Boates na Cidade de João Pessoa - PB”

por

Antônio Carlos Carvalho dos Santos

Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do CCEN-UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente

Aprovada por:



Prof. Dr. Sérgio Fernandes Alonso

Orientador



Profª Drª Doralice Sátyro Maia

Examinadora interna



Prof. Dr. Eduardo Pazera Júnior

Examinador externo

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Curso de Mestrado em Geografia**

Novembro/2010

**À Deus por ter sido meu escudo e
minha fortaleza nas horas em que
pensei em recuar e desistir.**

AGRADECIMENTOS

AOS MEUS PAIS pelos incentivos e apoio durante mais essa etapa da minha vida.

À MINHA FILHA pelas contribuições e dedicação em todas as etapas desta experiência.

AOS MEUS IRMÃOS pelo carinho demonstrado em cada etapa vencida.

AO PROF. DR. SÉRGIO FERNADES ALONSO pelas orientações, sugestões e críticas durante o decorrer da pesquisa.

À PROF^a. DR^a. DORALICE SÁTYRO MAIA pelas contribuições e sugestões de leituras bibliográficas, desde o seminário de dissertação.

AO PROFESSOR EDUARDO PAZERA JÚNIOR pelas contribuições e sugestões apresentadas na qualificação.

AOS PROFESSORES DO PROGRAMA que contribuíram para o enriquecimento das discussões em sala de aula durante as disciplinas.

AOS MESTRANDOS pela batalha em conjunto e pela troca de experiência nos debates em sala de aula.

AO PROF. DR. CARLOS AUGUSTO DE AMORIM CARDOSO coordenador do PPGG/UFPB pelas oportunidades e eventos acadêmicos.

À SÔNIA (secretária do PPGG/UFPB) pela sua dedicação para com os mestrandos e por sempre facilitar e agilizar as etapas administrativas.

À MARLENE pela força e pelas orações constantes, como também pelos livros que emprestados.

AOS MEUS TIOS E TIAS que sempre demonstraram carinho por mim.

AOS MEUS SOBRINHOS pelo respeito e carinho demonstrado.

AOS ENTREVISTADOS que contribuíram de forma decisiva para as análises e o alcance dos objetivos da pesquisa.

AOS OS MEUS AMIGOS que de forma direta ou indireta fizeram parte dos meus momentos de angústia durante o percurso da pesquisa.

AOS MEUS AVÓS PTERNOS E MATERNOS (*in memorian*) que mesmo estando em outra dimensão se fizeram presentes nessa caminhada.

RESUMO

A atual reestruturação urbana de João Pessoa está caracterizada pela descontinuidade no seu padrão de urbanização, viabilizando, a partir da instalação de infraestrutura e equipamentos, a valorização de alguns espaços e a desvalorização de outros. Nesse sentido, o processo de expansão vai gerando mudanças no uso do solo, contribuindo para a especialização dos espaços. A pesquisa demonstrou que a expansão e reestruturação urbana da cidade interferiram de forma direta na migração de bares e boates, deslocando as áreas de agito para a orla marítima, sobretudo, a partir da década de 1980. Etnografando estas áreas de agito, identificamos as múltiplas formas de viver o urbano a partir das práticas sociais e do comportamento de determinados grupos. Assim, compreender o processo de territorialização de novos bares e boates significa entender que as relações cotidianas entre os indivíduos e/ou grupos imprime no território traços identitários, fruto das estratégias de resistências para evidenciar o direito à cidade, isto é, a efetiva “apropriação”. Desta forma, identificamos que os inúmeros territórios e territorialidades surgem no espaço, variando de acordo com a escala e com os atores responsáveis pelo controle dos mesmos. Nesse contexto, foi possível também verificar como os homossexuais, enquanto grupo, dotado de identidade própria, formaram seus territórios e territorialidades em escala local.

Palavras-chave: reestruturação urbana, território, agito, territorialidade.

ABSTRACT

The current urban reorganization of João Pessoa is characterized by the interruption in its housing development model, making possible, through the infrastructure and equipments installation, the going up of some spaces and the going down of others. This way, the development process is day-by-day making changes in the use of the land, giving support for the space specialization. The Research showed that the city expansion and reorganization directly interfered in the migration of bars and discos, taking the entertainment areas to the seashore, mainly, from the 80's on. Etnografando those entertainment areas, we identified the many ways of living the city life through the social attitudes and the behaving of specific groups. We assume that understanding the limitation process of new bars and discos means to understand that regular relations between people and/or groups of people leave in the territory unique marks, which come from the resistance strategy to make it clear the **citizen** city right, that is, the permanent possession. In this context, It was also possible to see how the homosexuals as individuals themselves, having their own identity, formed their territories and territorialidades in a local scale.

Keywords: urban restructuring, territories, rocking, territoriality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

01	Recorte do início e novas áreas do agito.....	52
02	Avenida Epitácio Pessoa (principal via de expansão Leste).....	56
03	Delimitação do Centro Histórico de João Pessoa pelo IPHAEP (1982).....	58
04	Delineamento do eixo viário de João Pessoa (2005).....	76
05	Deslocamento das áreas do agito.....	78

FIGURAS

01	Lagoa dos Irerês (antes da urbanização).....	59
02	Parque Sólon de Lucena no final de 1940.....	60
03	Ponto de Cem Réis em 1942.....	61
04	Ponto de Cem Réis em 1951.....	61
05	Centro Histórico revitalizado.....	62
06	Rua das Convertidas (atual Maciel Pinheiro).....	63
07	Rua da Areia (antiga Barão da Passagem).....	63
08	Construção do Cassino da Lagoa.....	65
09	Cassino da Lagoa atualmente.....	65
10	Intervenção urbana em 1970.....	68
11	Última intervenção em 2009.....	68
12	Visão frontal do Hotel Globo.....	70
13	Visão do pôr do sol e do Sanhauá.....	70
14	Antigo Bar da Xoxota.....	81
15	Casa verde onde funcionou a boate BX.....	81
16	Local onde funcionava o Travessia.....	82
17	Placa Oficial do Projeto Vitrine Turística.....	84
18	Convívio Bar.....	86

19	Prédio onde funcionou a boate Santuário.....	87
20	Empório Café.....	89
21	Parte interna do Empório Café.....	89
22	Parte interna vista de outro ângulo.....	90
23	Incógnito.....	91
24	KS Bar.....	91
25	Marley's Bar.....	92
26	Companhia do Chopp.....	93
27	Local onde funcionou a Acrópole e posteriormente a Electra.....	93
28	Prédio onde funcionou o Tempero da Goma.....	95
29	La Espanhola.....	95
30	Boate Zodíaco.....	96
31	Casa onde funcionou o Baco's Bar.....	111
32	Casa rosa onde funcionou a Notórios.....	112
33	Prédio onde funcionou o Anjo Azul.....	113
34	Local onde funcionou o Sem Censura.....	114
35	Casa onde funcionou a Butterfly.....	115
36	Casa onde funcionou a Bambuluar.....	116
37	Casa onde funcionou o Oca Bar.....	116
38	Boate Vogue JP. Na av. Visconde de Pelotas.....	117
39	Parte aberta onde ocorrem os shows.....	118
40	Palco do dance onde ocorrem os shows.....	118
41	Banda de forró fazendo show no palco externo.....	119

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

INTRODUÇÃO.....	14
 CAPÍTULO 1 – OS PARADIGMAS DA DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO DA GEOGRAFIA PARA OS PROPÓSITOS DESTA DISSERTAÇÃO.....	26
1.1 O conhecimento geográfico e a construção dos conceitos de espaço, lugar e território enquanto categorias de análise da geografia.....	30
1.2 O objeto da geografia e o conceito de espaço.....	34
1.3 Lugar: um dos conceitos chave da Geografia	36
1.4 As novas propostas de transformações do conceito de território	40
 CAPÍTULO 2 – A CIDADE NO CONTEXTO DA EXPANSÃO E REESTRUTURAÇÃO URBANA E AS REPERCUSSÕES NA GEOGRAFIA DO AGITO.....	53
2.1 A espacialidade urbana de João Pessoa e sua influência na territorialização dos seus primeiros bares	57
2.2 Expansão urbana rumo à praia, porção sul e sudeste da cidade	73
2.3 A territorialização dos bares e boates na orla marítima	78
 CAPÍTULO 3 – A TERRITORIALIZAÇÃO DE BARES E BOATES GAYS NO CENTRO DA CIDADE A PARTIR DA DÉCADA DE 1900.....	98
3.1 Diversidade e preconceito: o surgimento do movimento homossexual.....	98
3.2 As identidades de gênero e os territórios paradoxais do Centro da Cidade.....	103
3.3 A linguagem e o estilo como marcas da simbologia dos homoafetivos de João Pessoa.....	107
3.4 A multiterritorialidade homoafetiva no Centro da Cidade.....	110
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
 REFERÊNCIAS.....	123

INTRODUÇÃO

A descontinuidade da urbanização é uma característica marcante nos dias atuais e permite novas leituras e releituras do território. Ao buscar definir a territorialização dos bares e boates de João Pessoa, é indispensável explicar a historicidade do conceito de território, suas significações e suas formas de apropriação. Pretende-se, com isso, defender uma conotação de território dentro de uma visão sociopolítica, tendo em vista que só é possível falar em demarcação ou delimitação dentro de um contexto onde exista uma multiplicidade de agentes (NUNES, 2006).

Em uma sociedade política, os indivíduos se articulam através de relações reguladas por princípios mínimos de organização. Assim, a noção de território deve ser entendida a partir da decorrência da vida em sociedade. Para aqueles que têm a oportunidade de usufruí-lo, ele vai inspirar a identificação positiva e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 1997, 200; SOUZA & PEDON, 2007).

As informações contidas neste texto estão subdivididas em três capítulos. No primeiro, será feita uma discussão sobre a importância da definição do objeto de estudo da Geografia para as análises da territorialização, emergência e “morte” dos bares e boates de João Pessoa. A ideia de retomar a discussão do objeto da Geografia, mesmo a título de introdução nesta dissertação, tem um caráter mais propositivo de “romper” e não comungar com a premissa do positivismo clássico que obriga a definição de um objeto inteiramente preciso para cada ciência, o qual cria barreiras rígidas entre as diferentes áreas do conhecimento.

Na verdade, pretende-se proporcionar uma reflexão acerca de uma proposta em que a fragmentação dos campos de atuação da ciência geográfica não dificulte e nem limite o pesquisador a encontrar uma metodologia única para a sua pesquisa em virtude de um método mais “adequado”. Assim, a existência da interdisciplinaridade, não como fundamento do conhecimento geográfico, mas como um saber inerente às ciências humanas, uma vez que a Geografia faz parte do campo das humanidades, cujas disciplinas estão se interrelacionando constantemente, proporciona uma excelente ferramenta na busca de um melhor entendimento do real.

De acordo com Moraes (2000b, p. 15), a Geografia precisa ser considerada como “lôcus privilegiado para realizar a discussão sobre interdisciplinaridade e a transposição metodológica interdisciplinar”, posto que durante muito tempo foi considerada como “ciência” ponte que transita indistintamente entre os domínios das ciências naturais e sociais”.

Como compreender um conceito é buscar todo o caminho percorrido ao longo da história do conhecimento e toda a herança que ele carrega em sua construção conceitual, se faz necessário levantar uma discussão com relação a três categorias geográficas (espaço, lugar e território), na busca de construir um referencial teórico que expresse com clareza possibilidades analíticas da Geografia, uma vez que ela sempre se expressou e se expressa embasada por um conjunto de conceitos que, muitas vezes, são considerados equivalentes. Discutir os conceitos geográficos se torna fundamental para o entendimento desta pesquisa, em virtude de eles apresentarem níveis de abstração bastante diferenciados e, por conseguinte, expressarem também possibilidades operacionais diferenciadas. É nesse sentido que se faz necessário uma análise de forma mais objetiva do campo de atuação da Geografia, que está balizado pelo conceito de espaço geográfico como sendo o mais abrangente e o mais abstrato.

A partir dessa discussão, será explicitado o porquê da escolha do território enquanto categoria central de análise dessa pesquisa, a qual tomará como base uma leitura diferenciada das mais tradicionais, em virtude de trabalhar esta categoria a partir do sentimento de pertencimento, de identidade e das representações simbólicas dos grupos que os vivenciam.

O presente trabalho intitulado: A Geografia do Agito: emergência e “morte” de bares e boates em João Pessoa – PB objetiva analisar o processo de constituição dos espaços de agito¹ no âmbito do processo de reestruturação (expansão urbana) territorial da cidade de João Pessoa, num recorte temporal compreendido entre a década de 1980 e os dias atuais.

¹ Lugar de efervescência, movimentação e aglomeração de pessoas em busca de diversão, os quais se tornam conhecidos na cidade, em virtude de concentrar grande quantidade de pessoas, sobretudo nos finais de semana. Segundo o Dicionário Prático da Língua Portuguesa. Autor: Dermival Ribeiro Rios - agito significa movimento e inquietação.

O objeto dessa pesquisa são os bares noturnos e as boates que passaram a fazer parte do cotidiano de diversão e agito da cidade, embora a maioria deles de forma bastante efêmera. O foco principal são os que fizeram e fazem a badalação noturna da orla marítima de Tambaú a partir da década de 1980 e os do Centro da Cidade, sobretudo os das ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas, totalmente voltados para o público GLS a partir da década de 1990, como também os atuais.

No segundo capítulo da dissertação, será tratada a expansão e reestruturação urbana de João Pessoa, dentro de uma visão em que o espaço geográfico é remontado a partir de um sistema de objetos e ações cada vez mais artificiais e estranhos ao lugar e aos seus habitantes, viabilizado por um sistema complexo, a partir do qual surgem as novas contradições geradas pela reprodução do espaço, realizadas com base no processo de produção da sociedade. É a reprodução social que dará suporte a uma análise entre a produção social e a apropriação privada do espaço (SANTOS, 1996).

Para que seja possível entender a reestruturação urbana, é indispensável entender primeiro o que vem a ser a estruturação urbana. Segundo Sposito (2004), a estruturação urbana consiste na forma como se encontram e se estruturam os usos do solo em um determinado momento. Já a reestruturação urbana, ainda segundo a autora, diz respeito aos períodos em que é vasta e profunda a adaptação que orientam os processos de reestruturação urbana e das cidades. Sendo a reestrutura urbana um termo mais adequado para tratar as mudanças mais recentes nos âmbitos das redes urbanas e a reestruturação das cidades é um termo mais compatível com as análises dos espaços da cidade, isto é, do intraurbano.

Entender que esse processo não ocorreu da mesma forma em todas as cidades do mundo permite compreender que ele se dá de forma diferenciada e em tempos diferentes. No Brasil e em vários países da América Latina, o processo de produção e apropriação do espaço urbano só se torna mais evidente em meados do século XX, quando a relação entre centro e periferia começa a sofrer uma reconfiguração urbana, decorrente de mudanças na lógica de utilização do solo urbano.

Até as primeiras décadas do século XX, João Pessoa ainda apresentava um crescimento urbano muito pequeno em relação a outras cidades do Nordeste e do Brasil. Somente por volta de 1930 é que a cidade passa a apresentar mudanças significativas em sua infraestrutura urbana, passando a apresentar alguns elementos da “modernidade²”, contudo, permanecendo ainda com sua forma concêntrica. Somente a partir da década de 1970 é que a cidade perde totalmente a sua forma concêntrica e recebe os maiores aparatos em infraestrutura já vistos, favorecendo ainda mais sua expansão em direção ao leste e ao sul do município, principalmente em direção à orla marítima. É também nesse período que a cidade passa a apresentar o surgimento de vários conjuntos habitacionais, frutos dos projetos de habitação do Governo Federal, bem como a construção de várias vias de acesso a esses novos bairros.

Antes desse período, o Centro da Cidade era a área que concentrava o comércio, as residências e as áreas de lazer. Embora não sejam os vários bares, restaurantes, pensões e cafés desse período o objeto de estudo proposto, pontuá-los se torna importante, visto que fizeram parte do cotidiano de diversão de vários grupos de pessoas e se configuraram como pontos de encontros e locais de agito. Desta forma, facilitará o entendimento da pesquisa com relação à territorialização dos bares e boates a partir da década de 1980.

A partir da década de 1970, a cidade já havia se expandido para as áreas do entorno da Av. Epitácio Pessoa (principal avenida que corta a cidade no sentido centro-praia) e orla marítima, deixando o Centro da Cidade em processo de esvaziamento. A partir desse período, os bares e boates da cidade passam a se locomover nesta direção, formando novas áreas de agito e diversão.

A década de 1990 é marcada pela territorialização de bares e boates na praia de Tambaú, sobretudo após o projeto de criação da vitrine turística de Tambaú do Governo do Estado através da PB-TUR.

A variedade de bares e boates que vão surgindo para atender aos mais variados públicos marca um momento de “explosão” da vida noturna da orla marítima de João Pessoa, tornando-se a única área de agito da cidade. Esses novos bares são aclamados por muitos moradores da redondeza como bares

² Redes de saneamento de água e esgoto, pavimentação, eletrificação e transportes.

“moderninhos”, em virtude de seus frequentadores serem bastante ecléticos³, sem falar nos voltados para o público GLS, cada vez mais comuns nessa parte da cidade, a exemplo da boate BX, Empório café, boate Electra, bar Tempero da Goma e boate Escorpion.

No terceiro e último capítulo, as discussões sobre identidade de gênero e a expressão do agito dos grupos GLS a partir da territorialização de bares e boates gays no Centro da Cidade, sobretudo nas Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas a partir da década de 1990, darão suporte para o entendimento da ideia de resistência desses grupos.

Os conceitos e análises da Antropologia urbana, enquanto área do conhecimento científico para pesquisas com sociedades urbano-industriais, fornecerá subsídios para esclarecer melhor o modo como os fenômenos sociais são produzidos, reproduzidos e vivenciados na vida cotidiana de determinados grupos da sociedade pessoense. Assim, o desafio é transformar conceitualmente essa experiência a partir de algumas metodologias e de um aporte conceitual que dê conta dos fenômenos vivenciados na vida urbana dos vários atores sociais, baseado em um conhecimento epistemológico por parte do pesquisador.

Além do objeto, o método foi outro elemento fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que ele representa a tomada de procedimentos para o objeto, facilitando a obtenção do conhecimento. Partindo desse pressuposto, o método etnográfico realizado a partir da observação direta e participativa foi o escolhido, tendo em vista que o pesquisador realiza caminhadas no local, observa o espaço e suas configurações, interage com os atores que participam da vida social, entre outros.

A entrevista foi à metodologia mais adequada para o início do trabalho pelo fato de colocar o pesquisador diante de elementos e informações importantes. A escolha destes entrevistados foi motivada pela sua vivência nesses territórios, como também pela sua participação ativa, enquanto frequentadores destes bares e boates.

³ Formados a partir de vários gêneros, estilos e opiniões. Fonte: Dicionário Prático da Língua Portuguesa. Autor: Dermival Ribeiro Rios.

Foram feitas trinta entrevistas, as quais se desenvolveram de forma “tradicional”, com encontro e, em alguns casos, utilizando gravador. Apenas uma delas foi feita com perguntas via correio eletrônico, pelo fato de o entrevistado não morar mais em João Pessoa. A entrevista ao vivo permite capturar sutilezas e detalhes do contato com o entrevistado que não são possíveis de outras maneiras, mas, no caso desta, graças à fluência da escrita do entrevistado e sua disposição para escrever laudas e laudas sobre as perguntas propostas, foi possível colher dados riquíssimos, não só pelas informações, mas pela revelação da intimidade e pelo mergulho na subjetividade que marca os frequentadores desses territórios.

Como a maioria dos entrevistados, sobretudo os relacionados aos bares e boates gays, não permitiu que suas identidades fossem reveladas, o texto utilizará letras aleatórias em lugar de seus nomes e a data das entrevistas para assegurar o direito de sigilo dos mesmos.

Um aliado forte nesse método de pesquisa é a máquina fotográfica. Na “etnografia de rua” (ECKERT e ROCHA, 2003), ela se torna um instrumento indispensável que auxilia na interação com o espaço público da rua, além de possibilitar um outro olhar sobre a configuração social do espaço urbano. Ela revela diversas situações, não sendo apenas um registro destas, mas um recorte na busca de imagens que possam falar sobre a existência social dos diferentes grupos urbanos. Assim, capturar várias imagens do cotidiano desses bares e boates se tornou peça importante para uma posterior interpretação da realidade.

Muitas conversas informais foram utilizadas com vários frequentadores, proprietários e ex-proprietários para a construção da pesquisa. Em vários momentos, foi possível perceber que algumas pessoas ficavam mais a vontade para conversar quando suas falas não estavam sendo gravadas e outros até pediram para que o aparelho fosse desligado. Assim, algumas indagações e afirmações que foram apontadas nos capítulos surgiram a partir de momentos como esses, os quais se constituíram de grande riqueza para o objeto de estudo. As conversas se davam em ruas, durante caminhadas pela cidade e visitas aos bares e boates. Também foi feita uma visita a casa de um jornalista e de um historiador, militantes e representantes dos homossexuais, como também os vários desabafos de alguns moradores das áreas próximas dos bares e boates

pesquisados que se sentiam incomodados com a movimentação noturna dos seus frequentadores.

Sempre que ia fazer as entrevistas, organizava previamente algumas informações que gostaria de saber e sempre o retorno para casa era com a sensação de que precisava de mais informações, principalmente das relações entre os grupos frequentadores desses bares e boates.

Para fundamentar a pesquisa enquanto pesquisa científica e sair do discurso da neutralidade foi necessário recorrer a autores como Bachelard (1996), Feyerabend (2007) e Santos (2005), que defendem uma ciência mais emancipada, democrática e libertadora, ou seja, mais próxima do social e do saber local.

Em virtude de suas argumentações, aparentemente divergentes, mas que, no fundo, se complementam, o texto se embasa nas ideias de Bachelard (1996) e Morin (2000), visto que ambos relatam as dificuldades que as ciências sociais encontram dentro do campo epistemológico, devido às suas ideologias e paradigmas estarem alicerçados numa diversidade de debates para a sua construção.

De acordo com Santos (2005), o processo de evolução e involução das ciências sociais passou por um processo de rupturas epistemológicas para dar lugar a um discurso de um paradigma “emergente”, cujas discussões comungavam com o retorno do senso comum, da relação sujeito/objeto e dos debates da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Com base nas concepções de Bachelard (1996) quando afirma que trabalhar com a noção de obstáculo epistemológico é conhecer todo o processo do pensamento epistemológico a partir de sua estagnação, regressão e inércia da ciência que o diálogo com os autores da pesquisa foi construído.

Em suas várias críticas, a do obstáculo da opinião é de grande importância, uma vez que, segundo ele, a ciência é absolutamente oposta à opinião. Para ele, o conhecimento não questionado se torna um obstáculo na medida em que o pesquisador toma como verdades absolutas as práticas teóricas e metodológicas, ocasionando um bloqueio no olhar do pesquisador, o qual fica impossibilitado de analisar outros elementos presentes no objeto de estudo.

Para este autor, é fundamental e necessário variar as condições da pesquisa científica, isto é, utilizar várias ferramentas para ter cada vez mais o que questionar. Ele coloca que é importante sair do campo específico da ciência geográfica e migrar para outros campos de saberes. Por isso ele afirma que para evoluir a ciência é preciso:

Colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 1996, p. 24).

É interessante ressaltar que a busca pelo objeto científico, a crise da ciência e suas especializações não são debates exclusivos da Geografia, mas das ciências sociais como um todo. Nos dias atuais, é bastante comum ouvir dizer que um geógrafo que propõe uma discussão interdisciplinar para uma pesquisa científica é tudo, menos Geógrafo. É preciso entender que a Geografia vem passando por um momento de enriquecimento teórico-metodológico, onde a interdisciplinaridade se torna um dos suportes para interpretar as novas demandas da sociedade atual, bem como fazer uma análise mais reflexiva do objeto aqui proposto, como afirma Morin (1983), quando diz que a Geografia nasceu dentro de um complexo sistema de investigação, o qual possui uma natureza multidimensional que varia desde a geologia aos fenômenos sociais. Por isso ele afirma que a interdisciplinaridade é um fator importante e vantajoso para a ciência geográfica.

De acordo com Quaini (1983), o pesquisador que restringe o conhecimento a uma única visão está contribuindo de maneira decisiva para a estagnação da ciência. Segundo ele, entender o processo histórico de construção da ciência geográfica significa entender o conhecimento das outras ciências, isto é, desenvolver um debate eminentemente geográfico implica deixar de lado todo o aporte filosófico que alicerçou as ciências humanas.

O início do século XXI é marcado por uma efervescência de fenômenos sociais que obrigam a Geografia, assim como as demais ciências humanas, a buscarem novos caminhos epistemológicos para a compreensão da complexidade social pós-moderna. Para tanto, Santos (2005) defende a utilização

de abordagens diversificadas, inseridas a partir da pluralidade metodológica e da volta do senso comum, uma vez que as ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados pelos seres humanos, com base no comportamento que eles adquirem em função do conhecimento.

Diante da diversidade de métodos e metodologias para se chegar ao conhecimento científico e entender as quebras de paradigmas ocorridos nas ciências de modo geral, Santos (2005) defende a ideia de “paradigma emergente”, com base nos reflexos históricos das várias sociedades. Para ele, o “paradigma emergente” não pode ser apenas científico, ele é, antes de tudo, um paradigma social, posto que surge numa sociedade fruto de revoluções científicas que geram “crises paradigmáticas”. Essas “crises” não devem ser entendidas como o fim da ciência, mas como um momento de reflexão e de incorporação de propostas transformadoras, cujo objetivo é desconstruir posturas autoritárias geradas na ciência moderna (SANTOS, 2007).

As discussões aqui trabalhadas são importantes porque retratam questões paradigmáticas complexas, colocadas pela epistemologia na tentativa de adequar a ciência moderna no contexto atual das mudanças sociais ocorridas em João Pessoa, sobretudo, após sua expansão urbana em direção à orla marítima.

Como a categoria analítica adotada para embasar toda a discussão foi o território, recorreu-se às ideias de território e territorialidade na ciência geográfica, a partir de autores como Ratzel, Raffestin, Souza, Santos, Moraes, Haesbaert, entre outros.

Com base nas leituras produzidas pela Geografia acerca do conceito de território, foi dada prioridade às novas discussões dos autores mais contemporâneos, a exemplo de Souza (2003) e Haesbaert (2004), pelo fato de eles trabalharem a noção de território a partir de suas singularidades, visto que o fator que mais caracteriza essa diferença se dá pelo sentido de pertencimento e de identidade a partir da expressão de “apropriação” de um determinado grupo sobre essa unidade territorial.

Pelo fato de se tratar de uma pesquisa geográfica, o primeiro passo foi fazer um (re) conhecimento dessas áreas a partir de caminhadas (DE CERTAU, 1998) e o segundo foi fazer um mapeamento dos territórios de agito, para

observar a totalidade de seus trajetos e percursos, para, a partir de então, analisar os diferentes fluxos de pessoas e os diferentes tipos de “apropriações”.

As visões de mundo e trajetórias destes indivíduos e/ou grupos que frequentaram e frequentam esses territórios de agito de João Pessoa são marcadas pela pluralidade de universos simbólicos, que dão a estes o sentimento de pertencimento, de identidade e de atração por estes territórios.

Entender a cidade de João Pessoa como um processo de recodificação do passado é entender todo o processo de transformações que se desloca progressivamente para um novo momento, isto é, é vivê-la como consciência de si (HILLMAN, 1993, p. 12). Partindo desse pressuposto, a cidade passa a ser a essência do contexto social, fazendo parte de cada morador.

Walter Benjamim (1991) afirma que na cidade o objeto de duração não está ligado unicamente ao presente-futuro, mas, sobretudo, ao passado. Para ele, a estrutura urbana, para durar no tempo, não necessita recorrer a recursos estilísticos "preciosos" para se configurar como memória e patrimônio. Ao contrário, ela precisa aderir à fluidez do tempo e à efemeridade dos processos de transformações dos sistemas de representações simbólicos (imagens e valores) que caracterizam a vida na cidade.

O deslocamento dos grupos e indivíduos entre os "territórios" de significação nas cidades é uma das questões cruciais para se compreender o fenômeno da memória coletiva e, por consequência, da estética urbana das modernas sociedades urbano industriais. Desta forma, é possível reconhecer que o urbano é fruto da ação recíproca de grupos e indivíduos no contexto das trocas sociais.

A Antropologia torna-se peça importante no estudo das formas específicas dos arranjos da vida social na cidade, segundo a complexidade dos gestos acumulados de seus habitantes, tanto na compreensão do processo de territorialização e desterritorialização de identidades sociais, como na continuidade e descontinuidade sistêmica de valores acionados por esses habitantes.

Nesse sentido, trabalhar esses bares e boates dentro de um contexto de identidade coletiva e de vários lugares significativos para a vida urbana de João Pessoa, encravados na memória coletiva de seus habitantes pela pluralidade dos

seus grupos urbanos, proporciona um olhar da cidade não por uma visão panorâmica, distante das práticas comuns de seus habitantes, mas por uma visão de racionalização urbanística, como propõe a obra *A Invenção do Cotidiano* de Michel De Certeau (1994).

Desta forma, para que seja possível interpretar as dinâmicas territoriais dos bares e boates, não se deve seguir caminhos prontos, nem verdades absolutas e inquestionáveis, ao contrário, devem ser considerados os limites que toda pesquisa possui para que seja possível penetrar e descobrir caminhos que levem a uma compreensão da realidade e, assim, contribuir para o conhecimento, uma vez que:

Todas as pesquisas contribuem de alguma forma para um acúmulo de conhecimentos que, em certo momento, pode permitir passos maiores ou a descoberta de caminhos alternativos na compreensão da realidade (STRECK, 2006, p. 262).

Como a etnografia consiste em práticas e saberes de indivíduos e grupos sociais a partir de técnicas de observação e de conversação dentro de um contexto de uma pesquisa científica, organizar, fotografar e descrever os relatos dos grupos pesquisados para uma posterior interpretação das várias figurações da vida social na cidade é algo indispensável. Esse investimento contempla, não apenas interpretações cognitivas das fontes de investigação, mas a própria retórica analítica do investigador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa.

A partir dessa retórica, o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana com base na imagem que ele compartilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos por ele investigados. Assim, aprofundar uma prática etnográfica para desvendar as subjetividades que movem os territórios de agito em João Pessoa consiste na exploração dos espaços urbanos através de caminhadas e entrevistas com os atores desses territórios investigados, para, a partir daí entender os deslocamentos constantes que estes sofreram ao longo do processo de expansão e reestruturação da cidade.

Para tanto, é importante entender que a ideia de reestruturação urbana é uma combinação de continuidade e mudança, onde o pré-existente condiciona o surgimento do novo, rompendo tendências seculares em direção a uma nova

ordem social e econômica, a qual pode ser identificada com certa clareza em João Pessoa.

CAPÍTULO 1 Os paradigmas da definição do objeto de estudo da Geografia para os propósitos desta dissertação

Devido ao retardamento na definição do seu objeto de estudo, a Geografia sempre se mostrou como uma disciplina que mensurava elementos das ciências da natureza e das ciências humanas. Por este motivo, ela sempre apresentou grandes dificuldades no campo epistemológico, tornando problemática a sua aceitação no meio acadêmico.

Na busca de um caráter científico, os geógrafos apoiaram-se primeiro no modelo das ciências naturais (Vasconcelos, 1995), contemplando apenas a natureza física do espaço, que em seu sentido mais determinista corresponde a toda superfície terrestre e à biosfera.

Embora as raízes históricas dos estudos da Geografia sejam antigas pelo fato de estarem ligadas ao pensamento grego, onde, na Antiguidade a geografia desenvolvia um saber vinculado à filosofia, às ciências da natureza e à matemática, pelo menos até o final do século XVIII, a expansão do capitalismo e o desenvolvimento comercial contribuíram para que a geografia se tornasse uma ciência “autônoma”, com um conhecimento específico.

Até o final do século XVIII, não é possível falar em conhecimento geográfico como algo padronizado, com um mínimo que seja de unidade temática, e de continuidade nas formulações. Designa-se como geografia: relatos de viagens, escritos em tom literário; compêndios de curiosidades, sobre lugares exóticos; áridos relatórios estatísticos de órgãos de administração; obras sintéticas, agrupando os conhecimentos existentes a respeito dos fenômenos naturais; catálogos sistemáticos, sobre os continentes e os países do globo etc. (MORAES, 1983, p. 33-34).

Somente no início do século XIX, o conhecimento nesta área do saber passou a ser sistematizado, quando o geógrafo alemão Humboldt declarou que a Geografia baseava-se no estudo dos aspectos visíveis da paisagem. Para ele, identificar a associação entre os fenômenos da natureza e tomar como base a conexão entre os seus elementos era peça chave para a obtenção de seu objeto.

Contudo, apenas os aspectos visíveis da paisagem como conhecimento geográfico, não eram suficientes para fornecer autonomia à Geografia enquanto ciência.

Buscando um conceito mais explicativo ao campo do pensamento geográfico, sobretudo, da natureza, Ritter enfatizou as peculiaridades do lugar, cujo objetivo era entender o caráter particular de cada local. Para tanto, ele colocou o homem como elemento principal (MORAES, 1994).

Como o foco central desta pesquisa são os espaços que se expressam como territórios e estes são constituídos e destituídos a partir da expansão urbana, o texto discute sobre os conceitos de espaço, lugar e território e faz alusão ao conceito de território na ciência geográfica, em virtude de as leituras e reflexões realizadas recentemente em torno dessa categoria contribuírem para a construção e evolução epistemológica da geografia, e assim explicar de forma mais concreta o objeto desta pesquisa.

Um ponto relevante desse estudo é o entendimento de que os conceitos, embora tenham sua própria história, devem ser trabalhados de forma integrada, visto que para explicar um, faz-se necessário recorrer a outro.

Durante muito tempo, o conhecimento geográfico baseou-se na neutralidade científica, apoiando-se na visão empírica como procedimento de descrição da realidade, adotando como método científico os princípios da observação, da descrição e da classificação dos fatos, restringindo-se aos aspectos visíveis e mensuráveis do estudo. Essa postura fez com que a ciência geográfica se resumisse apenas na descrição compartimentada entre a geografia natural e a geografia humana, eliminando toda e qualquer relação entre elas. Essa visão compartimentada transformava a geografia num paradigma norteador do contexto em que a sociedade estava inserida.

A partir das novas concepções da escola francesa com relação ao objeto da Geografia, o determinismo, ainda numa visão positivista, passa a ser “rompido” e cede lugar a uma nova corrente do pensamento denominado de possibilismo geográfico, o qual difundiu o conceito de região, até então trabalhado apenas pela Geologia, tornando-o uma unidade de análise geográfica capaz de retratar a forma como o homem e as sociedades organizam o espaço terrestre (MORAES, 1994).

As indefinições do seu objeto de estudo, como também as novas demandas e problemáticas decorrentes desse processo, colocam os estudos geográficos em “xeque” e contribuem para uma crise epistemológica da geografia, tendo em vista que os seus pressupostos tornaram-se insuficientes para explicar de maneira concreta e eficaz todas as mudanças ocorridas, sobretudo, nesse novo cenário mundial (SANTOS, 1980; MORAES, 1994).

Diante desse novo contexto, o texto destaca a necessidade de se desenvolver diferentes formas de perceber, pensar e refletir os fenômenos socioespaciais da cidade de João Pessoa, dentro de uma perspectiva geográfica capaz de analisar as profundas modificações ocorridas no seu tecido urbano e, por conseguinte, entender a emergência e morte de alguns bares e boates ao longo de seu processo de expansão urbana.

A partir da década de 1950, um novo paradigma se apresenta nos estudos geográficos, sobretudo, no Brasil, fundamentado no estudo das localizações. De acordo com as ideias de Claval, o conceito de espaço numa perspectiva naturalista não mais explicava a efervescência e demanda social dos grandes centros urbanos. Para ele, o espaço deve ser interpretado dentro de uma visão funcionalista, onde tudo se relaciona a partir de redes para que haja uma ideia de totalidade e equilíbrio interno pelo qual o sistema social tenderia a perpetuar-se tal como existe, sem que persistissem conflitos. Segundo ele:

O espaço está organizado porque está estruturado em redes de relações sociais e econômicas, em redes de vias de transporte e de comunicação, e em redes urbanas, que concretizam os efeitos da combinação dessas redes (CLAVAL, 2002 p. 18).

O início da década de 1960 é marcado por movimentos em busca de uma renovação da geografia, onde a mesma deveria analisar e utilizar os vários modos de observação: o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, como também o literal e o esquemático (HOLZER, 1996).

Ainda na década de 1960, o arquiteto Kevin Lynch apresenta uma grande contribuição para a Geografia após a publicação de *A imagem da cidade*. Ele buscava, na verdade, desenvolver uma metodologia que pudesse ser aplicada universalmente a partir das necessidades práticas do desenho urbano. Outra

contribuição bastante importante foi a de Lowenthal, cujo discurso desenvolve uma proposta de renovação e ampliação do objeto da Geografia. (OLIVEIRA, 2001, p. 19). Ainda de acordo com esse autor, essas novas discussões propiciaram um retorno do interesse pelo estudo das paisagens, não apenas descritivo ou fotográfico, mas como um elemento essencial na leitura urbana.

Somente na década de 1970, o espaço geográfico passa a ser visto como resultado da complexa e dinâmica organização e interação de todos os elementos, passando a ser visto como fruto das diversas relações sociais (SANTOS, 1980).

Pensando a Geografia atual como uma ciência que busca a compreensão das relações socioespaciais, percebe-se que as maneiras de se analisar estes processos assumem diferentes formas ao longo do tempo. A viabilidade dessa compreensão só será possível se as análises forem colocadas dentro de um contexto de conhecimento que, como citado por Carlos (2002, p. 162), “(...) é cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual e, ao mesmo tempo contínuo/descontínuo”.

Em meio a toda essa dificuldade de se encontrar o verdadeiro foco com relação ao seu objeto, a Geografia deve ser concebida como uma ciência humana, visto que ela compreende uma parte do grande campo das humanidades, sendo fundamental e necessária a interrelação dela com as demais ciências humanas, na tentativa de exterminar com a idéia de imprecisão e fragmentação da Geografia.

Refletir a respeito da fragmentação do conhecimento geográfico e da sua consequente indeterminação se torna pré-requisito básico para o desenvolvimento de um discurso que coloque a Geografia como uma ciência própria, e não como um somatório mal feito de outras disciplinas, ou seja, uma súpula de conhecimentos vastos que dificultam a apreensão do seu objeto de estudo, como bem coloca Maximo Quaini (2002) em seu livro *Marxismo e Geografia*.

A introdução de teorias externas à geografia, pode contribuir para o enriquecimento desta ciência. Todavia, elas precisam ser justificadas com os conceitos, categorias e teorias elaboradas por esta ciência, para que esse procedimento não acabe produzindo interpretações geográficas alheias à sua

área de conhecimento, como é comum encontrarmos alguns geógrafos que tomam nos seus discursos objetos e métodos de outras disciplinas, sem estabelecer claramente as razões dessa escolha, como bem afirma Yves Lacoste (1988).

Assim, a interdisciplinaridade se torna uma ferramenta importante para fornecer à geografia seu verdadeiro papel, isto é, sua verdadeira identidade enquanto ciência, tendo em vista que ela proporciona uma contradição nos campos científicos na medida em que os leva a uma relação dialética de afirmação e ao mesmo tempo de negação enquanto áreas específicas do conhecimento.

Enquanto relação sólida de interação entre duas ou mais ciências para a apreensão da realidade, a interdisciplinaridade deve assumir uma postura de utilização de estruturas conceituais e teóricas que circulem livremente entre as ciências, sem perder o foco do que lhe é próprio. Adotar uma interdisciplinaridade de diálogo entre teorias e conceitos de outras ciências sem perder o diálogo com o objeto específico do conhecimento geográfico trará benefícios para a nossa pesquisa, visto que em todos os métodos temos a formação de categorias que nos ajudam a analisar a realidade.

Partindo desse pressuposto, é preciso entender que as barreiras entre as ciências, sobretudo as humanas, são plásticas e não rígidas, ou seja, são maleáveis e transponíveis, e não intransponíveis e imaleáveis. Desta forma, o pesquisador entenderá que cada qual apresentará sua especificidade dentro de uma investigação científica.

É com base no método etnográfico que a emergência e “morte” dos bares e boates de João Pessoa será analisado, tomando como referencial os principais vetores de crescimento espacial da área urbana da cidade como um processo que influenciou e influencia na territorialização dos mesmos, num recorte temporal compreendido entre a década de 1980 até os dias atuais.

1.1 - O conhecimento geográfico e a construção dos conceitos de espaço, lugar e território enquanto categorias de análise da geografia

Como todo conceito e toda teoria só têm validade quando vinculados a uma problemática, a proposta desse texto consiste em promover uma discussão mais objetiva e sistemática dos conceitos norteadores da Geografia, tendo em vista que compreender um conceito é buscar todo o caminho percorrido ao longo da história do conhecimento e toda herança que ele carrega em sua construção conceitual.

A partir da conceituação, será construído um referencial teórico que expresse com maior clareza possibilidades analíticas da Geografia, uma vez que ela sempre se expressou e se expressa embasada por um conjunto de conceitos que muitas vezes são considerados equivalentes.

Na verdade, os conceitos geográficos apresentam níveis de abstração bastante diferenciados e, por conseguinte, vão expressar também possibilidades operacionais diferenciadas. É nesse sentido que, em decorrência do caminho que assumiu, esse texto analisa de forma mais ampla e objetiva o campo de atuação da Geografia, o qual está balizado pelo conceito de espaço geográfico onde este se constitui como o mais abrangente e o mais abstrato.

Tomando como referência para as análises o conceito defendido por Milton Santos (1997), quando diz que o espaço geográfico é constituído por “um sistema de objetos e um sistema de ações” onde ele:

É formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina” (SANTOS, 1997).

É possível identificar que na concepção de espaço geográfico encontra-se expresso o conceito de diferentes categorias, isto é, palavras “as quais se atribui dimensão filosófica”, ou “produzem significados basicamente não de uso coletivo, mas do sentido que adquirem no contexto de sistemas de pensamento determinados” (GENRO FILHO, 1986).

Na geografia, como também em outras áreas das ciências, algumas categorias e conceitos são balizadores para a análise do seu objeto de estudo. Desta forma, esses instrumentos se tornam indispensáveis para o avanço das ciências, os quais historicamente embasam as teorias e servem como fator de consolidação para uma linguagem em comum.

O território como um caminho metodológico de análises sucessivas da realidade para a produção social não consiste necessariamente em um processo de habitar, mas, de vivenciá-lo e entendê-lo como uma categoria de análise social (SOUZA, 2003, p. 70). Assim, como nas demais ciências, os conceitos também são de grande importância para o conhecimento científico na Geografia. Eles viabilizam a evolução das teorias e da epistemologia geográfica, tornando-se instrumentos importantes para a construção do seu conhecimento. Conforme eles vão sendo utilizados, é possível chegar a resultados específicos, posto que, cada conceito vai se aprofundar mais em um determinado aspecto da realidade.

Como não é possível contemplar todos os elementos variáveis do espaço geográfico, o pesquisador precisa optar por um determinado recorte espacial e temporal que o levará a escolha de uma categoria específica de acordo com o método e a metodologia escolhida. Desta forma, para compreender a dinâmica espacial atual se faz necessário uma releitura dos seus conceitos norteadores.

De acordo com Santos (1996), a identidade da geografia consiste na diferenciação espacial. Assim, fazer Geografia, como diz Silveira (2002) é dar sentido ao espaço, é buscar entender uma Geografia em movimento.

Diante dessa nova proposta, Milton Santos chama a atenção para a necessidade de analisar os aspectos do passado para a compreensão da dinâmica socioespacial do presente. Com a ideia de desenvolver uma Geografia do movimento ele propõe novos conceitos, tais como: periodização, evento, rugosidades, território usado, empirização do tempo, entre outros. Nesse sentido, o texto levanta problemáticas sobre a tradicional organização econômica que produz a divisão territorial, sobrepondo o espaço a uma função político-disciplinar e simbólica, a qual a geografia deve ajudar a entender.

Levantar ideias de um espaço-território, numa visão de espaço concreto, o qual é apropriado de formas diferentes, segundo a distinção entre dominação e apropriação na visão lefebvriana representa buscar fundamentação teórico-

metodológica para explicar o processo de territorialização dos bares e boates de João Pessoa. Para Lefebvre (1975), as relações analíticas entre o urbano e a vida cotidiana, sendo estes, ao mesmo tempo, produtos e produção do espaço, nos dá a idéia de re-produção das relações sociais, visto que, essas relações se realizam nas atividades mais diversas: na vida cotidiana, nos lazeres, no habitar e na apropriação e utilização do espaço, podendo transformar estes em territórios.

Em sua obra *La Production de L' Espace*, Lefebvre aponta para uma contradição entre a fragmentação do espaço (para a venda e a troca) e a capacidade técnica e científica para a produção do espaço social numa escala planetária. A essa fragmentação do espaço ele contrapõe o direito à cidade, afirmando que os cidadãos e os grupos por eles constituídos têm o direito “de figurar sobre todas as redes e circuitos de comunicação, de informação, de trocas” (p.31). E isto não depende de uma intervenção urbanística, pelo contrário, depende da centralidade, que é algo inerente ao urbano. Para ele, a realidade urbana não existe sem um centro, “sem uma reunião de tudo o que pode nascer no espaço e nele ser produzido, sem encontro atual ou possível de todos os objetos e sujeitos” (p.32).

Lefebvre deixa claro que o direito à cidade não representa uma “ciência do espaço”, mas o conhecimento de uma produção do espaço. Assim, é possível assimilar que tanto o espaço como o território podem ser estudados a partir de múltiplas abordagens e métodos. Segundo ele, o espaço não é um objeto, uma mercadoria, um instrumento e nem sequer o lugar da produção de coisas, ele é o lugar da reprodução das relações sociais.

Ao tomar como base estas ideias, percebe-se que o espaço tem um caráter muito mais paradoxal do que se imagina, tendo em vista que ele é independente e ao mesmo tempo vinculado através do consumo e do poder que o unifica.

Esta pesquisa trabalha o termo território a partir da multiplicidade de significados que aparecem em conjunto na produção de símbolos e identidades onde estes vão variar conforme o contexto e o conteúdo em que são construídos. Para tanto, a identidade não pode ser vista como algo dado, mas como um processo que acontece por meio da comunicação com os outros atores, isto é, ela surge a partir da diferença e contradição que forma a realidade concreta, conforme atesta Lefebvre (1983).

É importante abordar os conceitos de espaço geográfico, lugar e território, tendo em vista a luta da Geografia enquanto área do conhecimento em sempre demonstrar a compreensão da relação homem/natureza e, na medida em que a mesma foi se diferenciando e se contrapondo das demais ciências em virtude dos seus objetos e de suas classificações, ela foi dividida em ciências naturais e sociais transformando-se num paradoxo. Na modernidade se expandiu a racionalidade e se formou a ciência moderna, na qual o conhecimento foi separado e compartimentado entre as ciências naturais e as ciências sociais. Diante disso, a Geografia encontrava dificuldade na construção de um método que explicasse a unidade natureza-sociedade dentro de um contexto científico, pelo fato de que estas dimensões separadas possuíam métodos diferentes.

O conceito mais abrangente e mais abstrato da Geografia seria o espaço geográfico pelo fato de expressar diferentes categorias de análises. Estas categorias vão assumindo dimensão filosófica na medida em que: “(...) produzem significados basicamente não de uso coletivo, mas do sentido que adquirem no contexto de sistemas do pensamento determinados” (GENRO FILHO, 1986).

Enquanto ciência, a natureza sempre foi entendida pelos geógrafos como algo externo ao homem. As idéias de Descartes promoviam uma separação entre natureza e homem, transformando-a em objeto e o homem em sujeito conhecedor e dominador desta.

1.2 - O objeto da Geografia e o conceito de espaço

O espaço se torna a ideia de categoria central da Geografia, sendo este muitas vezes confundido com o objeto próprio dela. Igualmente ao tempo, a ideia de espaço foi consolidada a partir de Kant, o qual o considerava como absoluto, isto é, lugar onde ocorriam todos os fenômenos geográficos.

Segundo a abordagem de David Harvey (1980), o espaço numa perspectiva e num contexto dialético seria absoluto, relativo e relacional. Sendo assim, o objeto só será verdadeiro na medida em que ele retrata dentro de si mesmo a relação com outros objetos. Ele não é nem um, nem outro em si mesmo, mas pode se transformar em outro dependendo do contexto.

Milton Santos vai retratar o espaço dizendo que: “o espaço é acumulação desigual de tempos”, reconhecendo-o como algo herdado. É nessa perspectiva que analisaremos a territorialização dos bares e boates de João Pessoa, como algo que foi ocorrendo conforme a cidade foi expandindo e adquirindo novas práticas sociais locais e até mesmo globais.

As discussões acerca dessa categoria analítica da Geografia são cada vez maiores e mais complexas, instigando e estimulando uma convergência de ideias na busca de um campo teórico-conceitual capaz de caracterizar uma definição mais consensual para o espaço geográfico.

A proposta dessa dissertação não comunga com a ideia de espaço geográfico em seu sentido mais amplo, bastante trabalhada entre o final do século XIX e início do século XX. Mas com uma ideia de espaço geográfico localizável e concreto, suscetível de ser interpretado a partir das relações por ele mantidas com os seus diversos atores, isto é, com um espaço recortado, subdividido e mutável de acordo com a sociedade e o desenvolvimento das técnicas nele utilizadas.

Como toda investigação geográfica envolve a utilização de métodos e metodologias para que seja possível investigar as múltiplas relações entre fenômenos sociais e sua espacialização, isso faz da Geografia um campo de atuação que se diferencia das demais ciências humanas.

Dentro de uma visão de espaço fruto da acumulação desigual de tempos, colocada por Milton Santos, é possível entender o processo que fez e faz com que João Pessoa modifique a sua espacialização em virtude da materialização e do movimento da sua sociedade. Assim, o espaço geográfico deve antes de tudo ser analisado dentro de um processo dialético entre paisagem e espaço, o qual se complementa e se opõe. Desta forma, para que não se corra o risco de não entender o processo de uma sociedade em movimento, se faz necessário compreender o espaço e a paisagem como categorias diferentes, mas que se complementam (SANTOS, 1996, p.72).

Partindo desse pressuposto, para que seja possível entender o significado de espaço é necessário considerar que “o espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade” (SANTOS, 1996, p. 73).

A interpretação proposta nesta pesquisa para o espaço geográfico está inserida em contexto social, o qual está cada vez mais dinâmico e rápido, cuja ação de transformação deste é resultado do próprio processo social. Em termos metodológicos, para que o espaço geográfico seja entendido em sua totalidade, é preciso que objetos e ações sejam analisados como sistemas integrados sistematicamente.

De acordo com Santos (1997, p. 124), o espaço é um fator e não uma causa, pelo fato de o mesmo servir como testemunha da história, se tornando ao mesmo tempo passado, presente e futuro. Assim, o movimento da história se torna um fator crucial para as análises dos objetos do espaço, visto que o valor desses elementos varia com o tempo, como afirma Milton Santos quando diz que em “cada momento histórico cada elemento muda seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial, e, a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo” (SANTOS, 1985, p. 09).

Ana Fani também vai ressaltar essas mesmas ideias para o conceito de espaço geográfico, a partir da dinâmica histórica da sociedade. Segundo ela:

O espaço geográfico é produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais no sentido amplo de reprodução da sociedade, num determinado momento histórico- um processo que se define como social e histórico; o que significa que há uma relação necessária entre espaço e sociedade. (CARLOS, 2001, p.65).

Contribuir para uma nova reflexão do conceito de espaço enquanto categoria analítica da Geografia, mesmo que de forma singela, torna-se uma das propostas deste texto, posto que o mesmo levanta discussões acerca da relação dialética existente entre espaço e sociedade, na busca de transferir as reflexões teórico-metodológicas para a realidade do objeto de estudo desta pesquisa. A partir dessas reflexões, fica explícita a influência da dinâmica social da cidade de João Pessoa mediante o processo de expansão e reestruturação urbana.

1.3 – Lugar: um dos conceitos-chave da Geografia

Uma das primeiras definições do conceito de lugar foi feita por Aristóteles, o qual o definiu como o limite que circunda um corpo. Alguns séculos depois, Descartes, em sua obra *Princípios Filosóficos*, apresenta uma nova versão para o conceito de lugar, quando diz que além de delimitar um corpo, o lugar deve ser entendido também em relação a outros corpos (RIBEIRO, 2008).

Até o final do século XIX e início do século XX, o conceito de lugar era usado na Geografia simplesmente em seu sentido locacional, servindo apenas como conceito de localização espacial, ou seja, era um conceito operacional da Geografia que retratava o espaço geográfico numa escala local. Esta visão tem sido alvo de diversas interpretações ao longo do tempo e entre os mais variados campos do conhecimento.

Nas concepções de Vidal de La Blache, a Geografia era definida como “a ciência dos lugares e não dos homens”. Partindo desse pressuposto, definir lugar enquanto conceito na Geografia consistia em analisar as integrações e variações entre um lugar e outro. Assim, o conceito de lugar era o mesmo conceito da própria Geografia, de acordo com La Blache (1913, apud Relph, 1976).

Mesmo tendo passado por várias reflexões acerca do seu significado, esta categoria de análise geográfica foi a que menos se desenvolveu. Todavia, a partir da década de 1970, a Geografia Humanística traz a tona novas discussões para este conceito. Para os seus adeptos, o lugar está diretamente relacionado com a afetividade dos indivíduos em relação ao seu ambiente cotidiano. Para fundamentar sua definição, a Geografia Humanística recorreu à fenomenologia, à hermenêutica e ao idealismo, pelo fato de os seus métodos utilizarem a subjetividade humana para interpretar as suas atitudes perante o mundo (MELO, 1990).

A partir dessa categoria analítica é possível estabelecer relações e representações entre o modo como cada indivíduo vê o seu lugar e como cada lugar é parte integrante da paisagem, visto que no lugar é que estão as representações da vida cotidiana, os valores pessoais e coletivos, as coisas, os lugares que unem e separam as pessoas, entre outros.

Geralmente, toda discussão teórico-metodológica sobre lugar na ciência geográfica tem sido feita por geógrafos que seguem o método humanista. Na visão da Geografia Humanista, citada anteriormente, o conceito de lugar

compartilha tanto a localização como o meio ambiente físico. Como há uma tendência de um espaço físico se tornar um lugar humanizado, cabe ao geógrafo humanista desvendar toda ligação emocional dos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar. (TUAN, 1982, apud HOLZER, 1999).

Segundo ele, todos os lugares são pequenos mundos. O sentido de mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível de relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação. Porém, para que o poder dos símbolos possa criar lugares, ele depende necessariamente das emoções. (TUAN1979, apud HOLZER, 1999).

Para este autor, o lugar engloba as experiências e as aspirações do ser humano, constituindo uma realidade que deve ser interpretada à luz da compreensão das pessoas que integram o universo de atuação do estudo geográfico. Ele ainda defende a idéia de “que o espaço não é uma idéia, mas um conjunto complexo de idéias [...] o lugar é um espaço estruturado”. (TUAN, apud HOLZER, 1979).

Em relação à importância do lugar para o estudo da Geografia, deve-se ainda considerar um componente fundamental que é a identidade, ou seja, o sentimento de tofília⁴ ao lugar.

Em seu sentido geral, ele pode ser visto como uma porção ou parte do espaço terrestre, constituído por diferentes lugares que formam a paisagem geográfica. Na visão de Milton Santos, o lugar assume uma dimensão da existência “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituição-cooperação e conflitos, os quais formam as bases da vida em comum” (SANTOS, 1997).

A noção de lugar desenvolvida aqui permeia as percepções emotivas das pessoas que o vivenciam cotidianamente, ou seja, o sentimento de afeto que o indivíduo tem com o lugar, não somente onde ele vive, mas onde ele costuma frequentar cotidianamente.

⁴ Elo afetivo, isto é, de atração entre a pessoa e o lugar.

Fonte: TUAN, Yi-Fu. Topofília: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

O uso do “lugar-mundo-vivido” enquanto entendimento da abordagem dos sujeitos e dos seus constituintes ativos em todos os processos de construção social traz consigo em suas concepções o outro e o social, mostrando-nos que “lugar” e “local” assumem conotações diferentes, pelo fato do lugar sofrer influências globais dos seus agentes. Já o uso do “lugar-território”, proposto neste texto, além de exigir discussões recentes sobre a territorialidade, enquanto construção e re-construção diária dos territórios requerem uma contextualização e um entendimento dos elementos de “dominação”, não dentro de uma visão de totalitarismo, mas dentro de uma abordagem de alteridade e participação.

É necessário entender que a perspectiva do “lugar-mundo-vivido”, bastante trabalhada no método fenomenológico, não deve ser vista de forma excludente do “lugar-território”, posto que, mesmo sendo a Teoria das Representações Sociais o ponto alto desse estudo, nada impede que essa leitura seja complementada numa visão também fenomenológica dos fatos. Assim, é preciso considerar cada vez mais as contribuições teóricas como complementares e não contrárias.

Hilton Japiassu (1994) chama a atenção para as práticas científicas que tomam a realidade como um objeto de análise simplificado, as quais ignoram a complexidade de seus elementos e questões, tornando-se um objeto de interesses unilaterais:

Assim, quando for do interesse da realidade, manipula-se sem constrangimentos e sem escrúpulos as opiniões, as necessidades e os indivíduos, em nome de argumentos realistas: estabilidade social, expansão econômica, etc. E tudo é feito como se a vida e a morte dos indivíduos não constituíssem parte integrante da realidade. (JAPIASSU, 1994, p. 160).

Para Suertegaray (2001), lugar também pode ser interpretado como um conceito de geograficidade, sendo remetido a uma análise geográfica da existência, da necessidade, da localização, da posição e da interação entre os objetos e as pessoas.

As análises dessa pesquisa partem do entendimento de lugar como produto das experiências vivenciadas pelo homem, isto é, do somatório das dimensões simbólicas, culturais, políticas e emocionais dos indivíduos (TUAN,

1983). Assim, mesmo sabendo que é possível uma pessoa se apaixonar à primeira vista por um lugar, como também é possível alguém viver por um determinado tempo em um lugar sem travar qualquer vínculo de afeto a ele, a afetividade que os indivíduos vão desenvolver com o lugar partirá de interesses predeterminados. Segundo Relph (1979), o indivíduo só adquire identidade com um determinado lugar através da intenção e do cenário físico das atividades ali desenvolvidas.

Partindo dessa premissa, a relação de afeto e de identidade que movem alguns grupos a frequentarem as áreas de agito de João Pessoa tem contribuído de forma visível para o sucesso e a permanência duradoura de alguns bares e boates, como também a baixa frequência e a vida efêmera de outros.

1.4 - As novas propostas de transformações do conceito de território

O território é um dos conceitos geográficos que tenta responder toda a problemática da relação entre a sociedade e o seu espaço. Várias reflexões sobre este conceito foram feitas por diversos autores. Cada autor, dependendo de suas concepções teórico-metodológicas, foi desenvolvendo teorias sobre o território, de diferentes maneiras: alguns tomaram como base o aspecto econômico, outros deram maior ênfase aos aspectos políticos e culturais e, em alguns casos, o entrelaçamento destes três aspectos.

Quando se fala em território, é comum levantar perguntas como: o que vem a ser na verdade territorialização? O que significa territorializar? Segundo o Oxford English Dictionary, a territorialização é uma palavra derivada do verbo territorializar, a qual significa tornar territorial, situar em bases territoriais ou associar a um território particular. O termo território origina-se do latim – territorium, que deriva de terra, dando a ideia de “pedaço de terra apropriada”.

Numa perspectiva mais antiga e tradicional pode significar uma porção da superfície terrestre delimitada por fronteiras. Todavia, esse termo etimologicamente pode assumir uma conotação material (terra-territorium), como também simbólica térreo-territor (terror, aterrorizar).

[...] o termo território tem relação com a dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do medo e do terror, sobretudo, para aqueles que, subjugados à dominação, tornam-se excluídos dela ou são impedidos de entrar no 'territorium'. Por outro lado, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, podemos dizer que o território inspira a identificação e a efetiva apropriação". (HAESBAERT, 1997, 2005).

Por isso, é de grande importância rediscutir território e suas transformações para a identificação dos territórios de agito em João Pessoa, tendo em vista que os discursos e estudos sobre o conceito de território têm se constituído em uma tradição do pensamento geográfico, sobretudo, nos últimos cem anos.

A primeira visão de território de maneira sistematizada partiu do geógrafo Ratzel, no século XIX, inspirada na ecologia, no romantismo alemão e no imperialismo do final do século XIX. Ele colocou como centro de suas ideias a necessidade do domínio territorial por parte do Estado, tendo em vista que o mesmo "não existiria sem o território". Para Ratzel (1988), o Estado seria um organismo vivo que nasce, cresce e pode declinar. Nesta perspectiva, o território não expressava apenas as condições de trabalho, mas a existência da sociedade, a partir da propriedade e da dominação de alguém ou do Estado. Em sua obra "Antropogeografia", o território seria a expressão legal e moral do Estado, sobre o qual a sociedade se organizaria.

O conceito de território numa visão mais política e tradicional associa a territorialidade a uma identidade específica, livre de contradições internas a um estado determinado, fixo no tempo e no espaço. Nesta perspectiva, estas características só mudariam mediante o uso da força (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 2003). Assim, o movimento de expansão dos territórios teria um caráter de um organismo que cresce e precisa de uma área maior para ocupar.

A apropriação do espaço por diferentes grupos urbanos pode levar ao exercício de alguma forma de poder, mas também pode estabelecer laços simbólicos que em decorrência de alguns fatores subjetivos, podem transformá-los em território. No caso do objeto em estudo, a manutenção desses territórios vai favorecer a uma identificação em torno de um ideal comum para afirmar a identidade dos grupos que frequentam ou frequentaram esses bares e boates de João Pessoa.

Conforme as idéias de Raffestin (1993,p. 54), o território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Segundo ele, o poder “surge por ocasião da relação” e toda relação pode ser o “ponto de partida para o surgimento do poder”. Assim, quando em um mesmo espaço coexistirem várias relações de poder, estamos diante da formação de vários territórios, isto é, de várias “territorialidades”. Ainda de acordo com Raffestin (1993, p.143), quando um indivíduo ou grupo se apropria de um espaço de forma concreta ou abstrata, ele territorializa o espaço, ou seja, configura a partir de sua ação a formação de um território. Em outras palavras, pode-se afirmar que o território materializa todas as estruturas e conjunturas a que os indivíduos e/ou grupos sociais estão submetidos num determinado tempo histórico de acordo com o contexto vigente. É neste processo de formação do território que se constitui a ‘territorialização’ segundo Gil (2004, p.7).

Sobre a territorialidade, Raffestin (1993, p. 158-162) apresenta um valor bem particular, pelo fato de esse processo refletir a multidimensionalidade do vivido pelos membros de um grupo ou coletividade. De acordo com ele, a territorialidade se manifesta em todas as escalas sociais e espaciais. Contudo, não é possível entender essa territorialidade se não forem considerados todos os elementos que a constituíram, os lugares em que ela se desenvolve, bem como os seus ritmos.

A territorialidade, a partir das colocações de Robert Sack, é uma estratégia dos grupos sociais para controlar e influenciar pessoas ou fenômenos sobre uma determinada área. Nesse sentido, a territorialidade é resultado das relações políticas, econômicas e culturais, as quais assumem diferentes configurações e criam heterogeneidades tanto espaciais quanto culturais. Estas heterogeneidades vão formando uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área, a qual passa a ser denominada de território (SACK, 1986).

Nas concepções de Saquet (2003), os territórios encontram-se em permanente movimento de construção, desconstrução e reconstrução. Assim, a emergência e/ou “morte” dos territórios coexistem no interior da própria territorialização e do próprio território.

Raffestin (1982, p. 167-171), comentando as concepções de Lefebvre (1976) sobre a produção do espaço, diz que o território não é um sujeito do

espaço, mas um processo em constante evolução e transformação num determinado tempo, onde os atores sociais “produzem o território partindo da realidade inicial dada, que é o espaço”. “Há, portanto, um processo de territorialização quando se manifestam todas as espécies de relações de poder que se traduzem por malhas, redes e centralidades”. (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8).

Na atualidade, devido às constantes mudanças de ordens políticas, sociais, econômicas e culturais que vêm ocorrendo, particularmente, em virtude da globalização, qualquer discussão da Geografia que tenha o território como objeto necessita de uma reavaliação das características essenciais desse conceito.

Hoje, a noção de território ultrapassa os limites do campo da Geografia, pela competição da lógica espacial capitalista e pela mobilidade política que perpassam as várias sociedades do mundo atual. A noção deste conceito vem sendo concebida e utilizada por outras áreas do conhecimento como a antropologia, a sociologia, a ciência política, a psicologia, a ciência econômica, entre outras. Isto ocorre devido à complexidade do contexto atual do mundo, mas também pela riqueza de informações que o território pode trazer para o campo das relações sociais estabelecidas em um determinado espaço.

A geopolítica dos anos 50 seguiu os mesmos princípios da teoria ratzeliana, estendendo-se até 1980. Ela sempre alimentou a idéia de território como palco de disputas militares e econômicas, como também de propriedade e poder. Porém, nas últimas décadas, o conceito de território ganhou sentido mais amplo e diferente, passando a abordar também questões inerentes ao controle físico e simbólico de uma determinada área.

A partir da década de 1980, os territórios passaram a ser aplicados para representar as atividades dos movimentos urbanos, uma vez que o processo de urbanização fez surgir nas cidades problemas de superpopulação, ausência de justiça social, aumento da violência, desigualdade econômica, baixa qualidade de vida, falta de moradia, desemprego, entre outros. O aumento desses problemas sociais gerou uma pluralidade de cenários e atores para o espaço público, desencadeando um novo discurso para o conceito de território.

As novas formas de ocupação espacial das cidades exigem mudanças nas bases teóricas e metodológicas sobre o território para que seja possível realizar um estudo mais rico e eficaz das cidades. O conceito de território associado

apenas à escala do território nacional, limitado pelas fronteiras, não mais propicia a compreensão da nova organização socioespacial das cidades. Somente a partir das novas interpretações do território consegue-se ter uma visualização da “cidade em disputa”, a qual se apresenta dividida entre o poder público e os grupos organizados.

Quando se observa as fronteiras desses territórios de maneira criteriosa, percebe-se que suas dinâmicas geram movimentos constantes que surgem e desaparecem, se expandem e se retraem, gerando certa hierarquia em sua organização, devido ao seu caráter dialético.

Diante do atual contexto do desenvolvimento da geografia brasileira, a qual está a exigir uma explicitação mais eficaz de algumas categorias analíticas, estas discussões, mesmo de forma breve e objetiva, tem uma perspectiva de renovação das idéias e definições acerca do território enquanto categoria analítica da Geografia, tendo em vista que a Geografia Crítica, vista apenas como “crítica”, não fomenta mais as diversas mudanças ocorridas no mundo atual. Para ser utilizada com eficácia, ela precisa ser analítica e não apenas discursiva. Mesmo que a crítica seja destrutiva, mas desde que tenha algo a propor, explícita ou implicitamente ela contribuirá para o conhecimento. Sem essa nova roupagem, de nada a Geografia crítica contribuirá para o avanço do conhecimento. (SANTOS, 1988).

Desta forma, compreender o movimento que faz com que o território constitua o *lócus* da vivência, da experiência de cada indivíduo com a coletividade, torna-se peça chave para o entendimento do surgimento, manutenção e “morte dos bares e boates propostos neste estudo. Nesse sentido, a identidade funcionará como fator de aglutinação e de mobilização para a ação coletiva, onde a relação identidade-território dar-se-á a partir de um processo dinâmico ao longo do tempo e do sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência, o qual vai formar elementos simbólicos que se transformarão em relação de poder.

Por isso, é pertinente rediscutir essas três categorias tradicionais, com ênfase ao território para que se criem algumas linhas de reflexão metodológica para defini-lo a partir da história concreta, debatendo algumas realidades do presente e alguns conceitos dele resultantes. Para tanto, é fundamental situar a

Geografia no contexto de um mundo globalizado, onde para falar do espaço, necessariamente se ofereça categorias de análise. Caso contrário, ele se torna insuficiente para que se desenvolva uma reflexão metodológica concreta. Distingui-lo da paisagem e da configuração territorial são elementos fundamentais para o seu entendimento, visto que a sua crescente interrelação entre o natural e o artificial permite abordar o velho debate sobre a definição da Geografia física e da Geografia humana.

É com base nas análises de Haesbaert (1997, p. 39-40), quando diz que o território é revestido de um sentimento de pertencer ao espaço em que se vive e de conhecê-lo como o espaço das práticas de sociabilidade que esta pesquisa aponta caminhos para que seja possível entender e interpretar a territorialização dos bares e boates de João Pessoa, visto que somente pensado dessa forma eles assumem o caráter de território-identidade. Com base essa linha de pensamento, os símbolos, as imagens e os aspectos culturais são valores que para a população local materializa uma identidade incorporada no cotidiano de vida. É nessa materialização que o espaço vai assumindo um sentido de território e de defesa dos valores numa perspectiva político-cultural que, na verdade, são relações de poder e de defesa de uma cultura adquirida ou ainda em construção.

Partindo desse pressuposto, é possível perceber que o espaço urbano de João Pessoa, enquanto palco de dimensões simbólicas e culturais foi se transformando em vários territórios a partir de uma identidade própria dos seus habitantes e/ou dos seus frequentadores que o apropriam, não necessariamente como propriedade, mas com a ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, culturais e econômicas, na tentativa de preservar suas identidades, como afirma Haesbaert (1988,p.78), quando diz que: “[..] toda identidade só se torna ativamente presente na consciência e na cultura de sujeitos e de um povo quando eles se vêem ameaçados a perdê-la.” A identidade, portanto, não é algo dado, mas é sempre processo que acontece por meio da comunicação com os outros atores, isto é, ela surge a partir da diferença e contradição que forma a realidade concreta, de acordo com as idéias de Lefebvre (1983).

Analisar a territorialização desses bares e boates é entender esse processo a partir de um sistema de realidades, ou seja, de uma lei de funcionamento e

estruturação. Sua explicação só passa a ser possível mediante categorias de pensamento que reproduzam de forma concreta o encadeamento dos fatos. Assim, o grande desafio desse estudo é encontrar na categoria território o seu conhecimento sistemático enquanto metodologia para que se possa fazer uma análise e uma síntese dos seus elementos constituintes.

Ao tratar da relação espaço-simbólico, Castells (2000) acrescenta um elemento de grande importância para a compreensão do território quando afirma [...] “que toda ideologia proporciona a constituição de um código por meio do qual a comunicação entre os indivíduos se torna viável e possível”.

Ao tomar como base a teoria da totalidade de Kant, quando afirma que ela é a "pluralidade considerada como unidade", é possível entender que enquanto totalidade, a sociedade é um conjunto de possibilidades, onde essa unidade nada mais é do que uma sociedade renovada que vai adquirindo formas geográficas e se transformando num espaço-território.

É nessa contradição analisada sob uma perspectiva dialética que é possível identificar vários tipos de territórios de agito em João Pessoa. Desta forma, é a territorialidade que vai designar a qualidade do território de acordo com a sua utilização ou apreensão pelos mais variados grupos sociais. Os territórios do agito constituem os espelhos das transformações do espaço pessoense, deixando na paisagem suas imagens. Assim, os produtores de territórios também são produtores de paisagens, como afirma Emílio Ntarelli (1997, p.7) quando assegura que “a paisagem, portanto, apresentada como imagem territorial, é constituída, pelos homens, sem que estes, com a sua atuação concreta, estejam distantes do signo mais ou menos positivo que imprimem”.

Os territórios, na atualidade, transformam-se de acordo com o ritmo das novas técnicas, dos interesses e do sentido de pertencimento dos vários grupos sociais que se identificam com o espaço dando a eles uma identidade. Visto dessa maneira, a produção territorial se torna um processo complexo e problemático que é preciso aprender a descrever e entender para reproduzi-lo, modificá-lo ou aperfeiçoá-lo, de maneira que essa categoria de análise apresente um método e uma metodologia capazes de superar as definições tradicionais. É de total importância que fique bem claro que espaço e território não são termos equivalentes e nem sinônimos.

Este estudo enfatiza esta categoria, em virtude da proliferação contemporânea das reivindicações identitárias. As análises estão inseridas num contexto em que se percebe que os territórios foram ultrapassados por um progresso do multiculturalismo e pelos avanços de uma mundialização, onde se pretendem unificar as regras e os valores de toda a sociedade mundial.

As ideias de Marx, Guy Débord em sua obra *A Sociedade do Espetáculo*, publicada em 1967, sintetiza bem a perspectiva materialista histórica sobre os efeitos globalizadores do Capitalismo quando afirma que:

A produção capitalista unificou o espaço, que já não é limitado por sociedades externas. Essa unificação é ao mesmo tempo um processo extensivo e intensivo de banalização. A acumulação das mercadorias produzidas em série para o espaço abstrato do mercado, assim como deveria romper as barreiras regionais e legais e todas as restrições corporativas da Idade Média que mantinham a qualidade da produção artesanal, devia também dissolver a autonomia e a qualidade dos lugares. Essa força de homogeneização é a artilharia pesada que fez cair todas as muralhas da China. (DÉBORD, 1997, p. 111).

A partir dessas análises, uma nova roupagem está sendo dada à dimensão espacial e à territorialidade de João Pessoa enquanto componentes indissociáveis da sociedade, visto que num sentido mais restrito, pode-se afirmar que o conceito de sociedade também implica na sua territorialização, uma vez que sociedade e espaço são dimensões indissociáveis. Assim, não haverá como definir o indivíduo, a comunidade, o grupo ou até mesmo a sociedade como agentes formadores do espaço se todos esses elementos não estiverem sendo analisados dentro de um contexto territorial.

A visão de território que se adéqua às análises propostas nesta pesquisa é a sociopolítica, onde, de acordo com Souza (1987, p. 87), os territórios “[...] são no fundo, antes relações sociais projetadas no espaço, que espaços concretos”.

Segundo Nunes (2006), só é possível uma demarcação ou delimitação territorial onde houver uma pluralidade de agentes. Para ele, em toda sociedade política os indivíduos se articulam por meio de relações reguladas a partir de princípios mínimos de organização. Ele assegura que essa organização só é possível quando existe um “*poder*” capaz de coordenar todos aqueles que se

encontram em um mesmo espaço. Por isso, todas as análises feitas das sociedades políticas ao longo da história sempre revelavam o território como um elemento indissociável da noção de poder, onde sem este não haveria organização.

Em todo processo de territorialização de um determinado espaço há uma libertação de suas características originais e uma formação da espacialidade histórica (humanização), onde a permanência e a repetição dos trajetos podem se transformar numa ponte entre o espaço e o território. Todavia, antes deste se transformar num recurso pelo qual se exerce o domínio e o controle social, surgem às territorialidades, que, somente a partir dessa relação é que se chega ao território propriamente dito.

O movimento historicamente determinado pela expansão do modo de produção capitalista e seus aspectos culturais vão formando o processo de territorialização do espaço, caracterizado a partir das contradições sociais dos elementos socioespaciais com base na economia, na política e na cultura, dando origem às diferentes territorialidades no tempo e no espaço (processo de desterritorialidade e reterritorialidade).

Alguns autores definem a territorialização como um processo de “habitar um território”. Esta ação tem como resultado a materialização das práticas sociais dos grupos pertencentes a este processo (KASTRUP, 2001, p. 215). Para habitar um território, segundo Ceccim (2005), é fundamental que o agente saiba explorá-lo, seja capaz de conhecer suas dinâmicas, de movimentar-se dentro dele com amor, de perceber as alterações sofridas em suas paisagens, de sentir-se parte integrante de todo o processo de formação desse território, de realmente sentir-se dono desse espaço o qual foi formado mediante um processo de identidade e de pertencimento.

Para Souza (2003), os territórios são resultantes de relações sociais que vão se projetando no espaço, configurando um substrato material da territorialidade que pode ter um caráter permanente ou não. Segundo sua visão, a territorialidade no singular seriam as relações de poder, delimitadas em um substrato referencial do espaço. Já as territorialidades são configuradas a partir de propriedades dinâmicas entre a sociedade e o espaço.

Quando esse autor trabalha em seu texto as “territorialidades flexíveis”, como: o território da prostituição, dos migrantes, do tráfico de drogas e do jogo do bicho, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, ele se refere aos vários usos que um território pode apresentar. No caso da prostituição, o território é usado durante a noite por “profissionais” do sexo, a exemplo das prostitutas, garotos de programas, travestis e homossexuais. Já durante o dia, esse mesmo território é usado ou (re)utilizado de outras formas.

O tráfico de drogas e o jogo do bicho também constituem, segundo Souza (2003), uma forma de territorialidade denominada por ele como “território de redes”. Essa forma de enxergar o território está relacionada com os conceitos de território e de rede⁵. No caso do primeiro, ele se torna uma verdadeira malha complexa, pelo fato de incluir nesse sistema, não somente os pontos de venda, mas também as fortes e duras disputas pelo comando desses pontos, como também os deslocamentos nas favelas.

Outra visão que serviu de apoio para explicar a territorialização dos bares e boates na orla de Tambaú e dos bares e boates gays no Centro da Cidade foi a de Haesbaert (2002). Em seu livro “Territórios Alternativos”, ele estuda e interpreta o território a partir de questões diferentes das utilizadas pelos geógrafos mais tradicionais. Do ponto de vista teórico e prático, ele toma como base os estudos da filosofia, sobretudo, os feitos por Guatarri, Foucault e Deleuze, os quais buscam sempre a interdisciplinaridade para entender o território e os seus desmembramentos.

Na verdade, os seus estudos não se preocupam em definir o conceito de território, mas sim com o entendimento do processo de territorialização que, segundo ele, podem ser concretos ou simbólicos. Sua concepção preocupa-se com as múltiplas formas de apropriação e construção dos territórios.

Para Haesbaert (2002), as várias formas de apropriação do território interagem com elementos econômicos, subjetivos e de poder. A desapropriação de um território é considerada por ele como um processo de desterritorialização. No que se refere às formas de reapropriação, o referido autor a denomina de reterritorialização. Quando se refere ao novo processo de modernização gerado

⁵ Representação gráfica de pontos e segmentos que se interligam aos territórios ou aos deslocamentos dos mesmos através dos fluxos.

pela globalização, ele afirma que estamos vivenciando um constante processo de desre-territorialização, onde os valores sociais estão cada vez mais mergulhados num processo cultural mundial.

A escolha em trabalhar com a categoria território consiste em defender uma nova visão na qual ele possa ser entendido e analisado como uma proposta transformadora de saberes e práticas locais, sendo possível conceber a territorialização como um processo, não apenas de habitar, mas, sobretudo, de vivenciar um território. Nessa perspectiva, ele se transformará em um método de obtenção e análise de informações sobre as relações sociais e de identidade dos grupos que frequentaram e frequentam o Centro, como também a orla marítima da cidade em busca de diversão.

Analisado desta forma, o território funcionará como uma ferramenta viável para se entender os contextos de seu uso em todos os níveis das atividades humanas, transformando-se em uma categoria de análise social, isto é, um caminho metodológico de aproximação e análise sucessiva da realidade dada, que é o espaço (SOUZA, 2003, p. 70). Assim, o mesmo se desenvolverá em torno de fatos e problemas de uma relação que surge a partir de um fato novo sobre uma condição original. O fato novo seria a ação humana e a condição original seria o espaço primeiro, o qual é abstrato, absoluto, natural e apresenta ligações diretas com os elementos materializados (OLIVEIRA, 1982, p.92).

Quando Raffestin (1993, p.142) fez menção a uma prisão original, o fez já pensando em transformações posteriores e nos condicionantes que, segundo ele, se sobrepõem como uma série de características que vão dar origem ao território.

Se estas características forem analisadas e entendidas a partir das transformações do meio, tudo aquilo que aparece como espacialidade, necessariamente vai apresentar tamanho, posição, extensão e dimensão. Se esta espacialidade apresentar ainda diferentes objetos e seres, a comparação e o confronto das formas de apropriação deste espaço serão inevitáveis e darão origem à territorialização do mesmo. Sendo assim, o território necessariamente precisa ser visto e entendido como uma relação que envolve apropriação, domínio, identidade, demarcação, pertencimento e segregação. É no processo de territorialização que percebe-se o processo histórico e suas manifestações

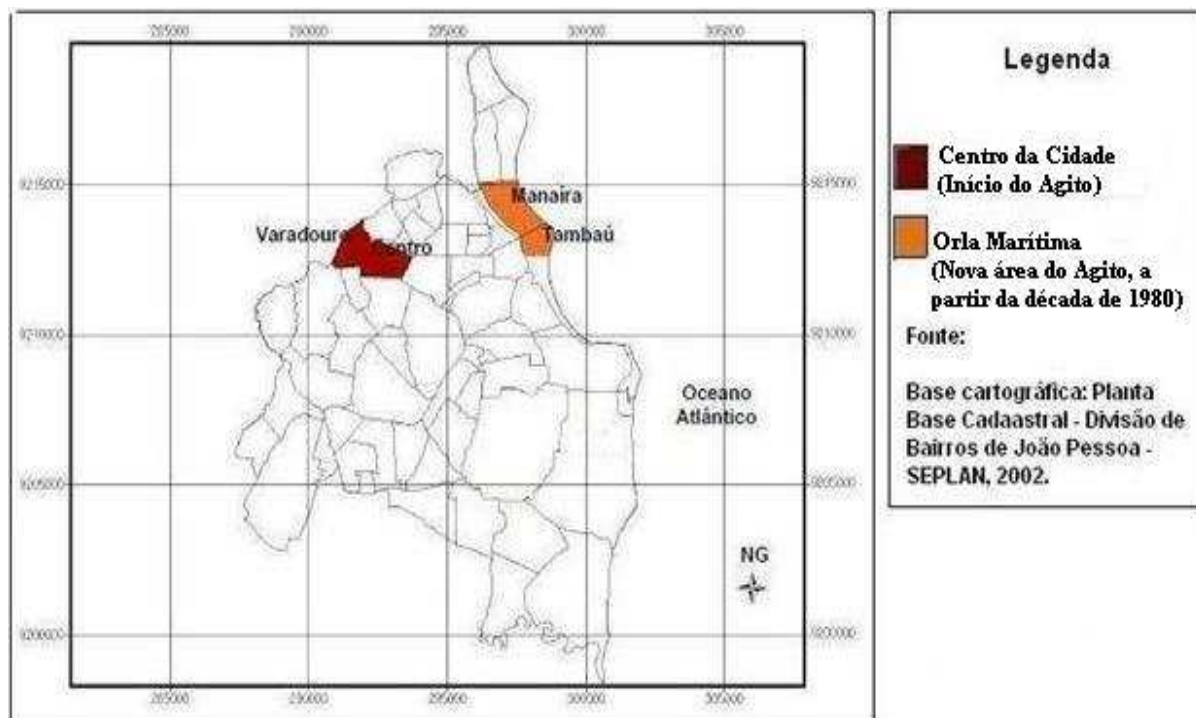
territoriais no tempo e no espaço, fruto dos processos socioespaciais, os quais são resultado das relações entre objetos e ações (SANTOS, 1999).

Como a sociedade representa um elemento dinâmico que vai moldando o espaço conforme a sua vivência, a forma de encontro com o mundo e com o outro acontecerá a partir da percepção. Devido à dimensão que o termo possui, torna-se viável utilizar outras teorias para abordar a escala território.

Aliada à percepção, não se pode deixar de considerar as representações construídas e reconstruídas na vivência cotidiana, as quais vão revelar outros elementos influentes nestas reconstruções, visto que conforme vai aumentando a comunicação entre os grupos, novas representações são criadas, algumas morrem, e outras nascem, reconfigurando a materialização das territorialidades e das feições com os seus espaços de vivência.

Ao observar a expansão urbana de João Pessoa, é possível perceber que houve um processo de territorialização dos bares e boates, embora por períodos curtos de tempo em alguns espaços, os quais se configuraram a partir de suas simbologias, do sentimento de pertencimento e de identidade dos grupos que procuravam esse tipo de diversão na cidade. A busca pela diversão por parte desses grupos deu origem às áreas de agito da cidade ao longo das décadas. Estes bares e boates foram mudando de endereço conforme a cidade foi assumindo outras formas urbanas durante o seu processo de expansão.

O mapa a seguir delimita a área de estudo e viabiliza um melhor entendimento do deslocamento do agito rumo à orla marítima após a década de 1980.

MAPA 01 – Recorte do início e novas áreas do agito

CAPÍTULO 2: A CIDADE NO CONTEXTO DA EXPANSÃO E REESTRUTURAÇÃO URBANA E AS REPERCUSSÕES NA GEOGRAFIA DO AGITO

Conforme atesta Milton Santos (1996, p.51), retomando as ideias de Pierre George, a partir do século XIX a cidade começa a perder o seu caráter de produto cultural e passa a converter-se em produto técnico. De acordo com Lefébvre (2000), o Estado monopolista vai tornando as cidades não somente *locus* de produção, mas, sobretudo, *locus* das várias produções das relações sociais de produção, as quais vão reproduzindo o espaço. Segundo ele, o espaço assume uma estratégia essencial para a lógica do capitalismo.

O espaço geográfico é remontado a partir de um sistema de objetos e ações cada vez mais artificiais e estranhos ao lugar e aos seus habitantes. É nesse sistema complexo que surgem as novas contradições geradas pela reprodução do espaço, realizadas com base no processo de produção da sociedade. É a reprodução social que dará suporte a uma análise entre a produção social e a apropriação privada do espaço. Ele não deve ser visto como simples resultado de uma interação entre o homem e a natureza, nem sequer como uma “mistura” da sociedade e o meio ambiente. Enquanto objeto de estudo da Geografia, deve ser “considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima” (SANTOS, 1996, p.26).

As transformações espaciais na atualidade acontecem de maneira tão veloz que exige dos estudiosos urbanos um conhecimento cada vez mais apurado das ciências, para que seja possível entender as interrelações que influenciam a morfologia e a função das cidades no contexto atual, tendo em vista que a crise do regime de acumulação capitalista, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970, repercutiu no papel e na sua função das cidades (HERVEY, 1994; BENKO, 1999).

De acordo com as ideias de Soja (1993, p.221), a reestruturação urbana se configura pelo surgimento de um “tecido urbano esticado” e interligado por sistemas urbanos espacialmente pensados e administrados pelo Estado. Conforme Gottdiener (1993, p.19), a reestruturação urbana se dá por um

processo de desconcentração, o qual se forma a partir de dois processos que surgem em comum: a descentralização (processo de movimento socioeconômico oriundo das cidades centrais mais antigas para áreas mais afastadas) e a concentração (aglomeração tipo cidade em áreas afastadas). Essa desconcentração, também chamada de crescimento polinucleado, ocorre quando há a dispersão maciça de pessoas, atividades comerciais, industriais etc., oriundas do centro histórico da cidade.

Buscando compreender o processo de reestruturação das cidades, Soja (1993, p.192-193) direciona suas idéias na relação entre reestruturação e espacialização para interpretar o momento atual. A espacialização estaria ligada à reafirmação do espaço com base no discurso ontológico, epistemológico e teórico, dentro de uma compreensão prática do mundo material. Ao se analisar a história do capitalismo, é fácil perceber que as formas urbanas são frutos do processo de modernização da lógica capitalista, que, conforme Soja (1993, p.221), a primeira ocorreu na cidade mercantil no início do século XIX, a segunda no final do século XIX na cidade industrial da livre concorrência e a terceira na cidade monopolista empresarial do início do século XX. Assim, a atual reestruturação é consequência de uma quarta modernização do Capitalismo, agora financeiro.

É importante entender que a reestruturação urbana não é um processo que ocorreu da mesma forma em todas as cidades do mundo. Ela se dá de forma diferenciada e em tempos diferentes. No Brasil e em vários países da América Latina, o processo de produção e apropriação do espaço urbano só se torna mais evidente no final do século XX, quando a relação entre centro e periferia começa a sofrer uma reconfiguração urbana decorrente de mudanças na lógica de utilização do solo urbano.

A partir das características peculiares de um determinado sítio geográfico e de suas “forças” socioeconômicas expandem-se os terrenos e ocupa-se o território, determinando-se os usos e definindo-se as vias de circulação para pessoas e mercadorias. A relação entre os transportes, as localizações e a valorização da terra vai definindo o processo de produção do espaço urbano, o qual vai proporcionar a estruturação da cidade. Desta forma, assim como em outras cidades, o tecido urbano de João Pessoa se desenvolveu por meio de

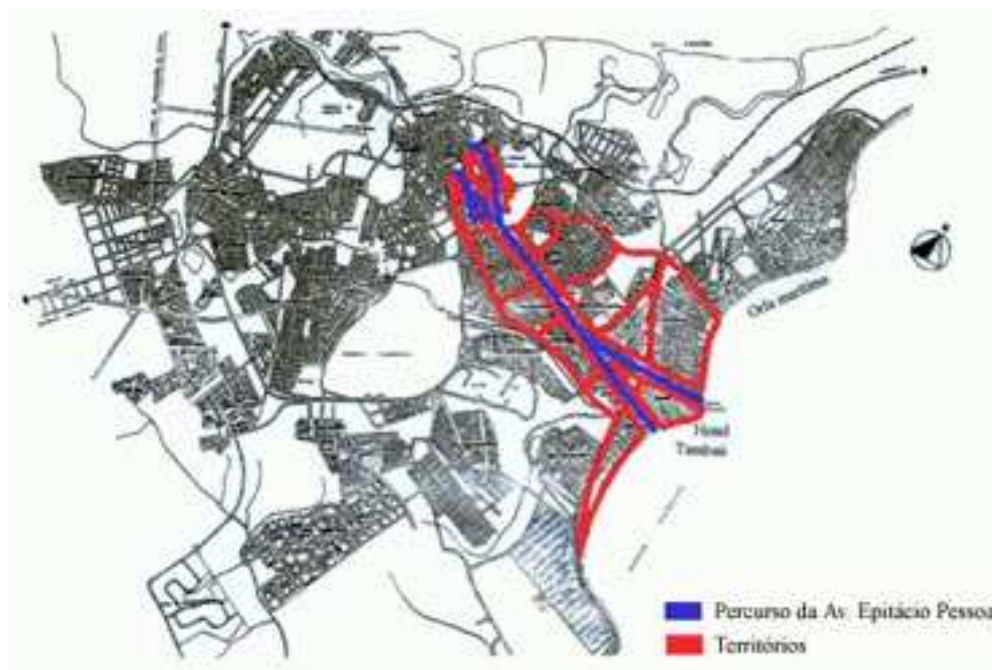
diferentes vias de acesso e movimento, proporcionando vetores de expansão distintos, evidenciados pela lógica de produção e “apropriação” do espaço.

Com de mais de 700 mil habitantes, distribuídos em 211 quilômetros quadrados (IBGE, 2007), João Pessoa é considerada uma cidade de porte médio no Nordeste do Brasil. Nas últimas décadas, cidades desse porte vêm passando por um processo de urbanização superior aos das grandes metrópoles do país. Embora a expansão urbana dessas cidades permaneça até os dias atuais, o crescimento de algumas metrópoles começa a apresentar um processo de desaceleração, dando origem a um paradoxo para as novas análises do espaço urbano na atualidade. As relações metropolização/desmetropolização, de acordo com Milton Santos (1996), são fenômenos aparentemente contraditórios que se complementam. Segundo ele, os aparatos urbanos reforçam a metropolização e, ao mesmo tempo conduzem a uma espécie de desmetropolização.

A chegada de novos aparatos urbanos contribui cada vez mais para a valorização de determinadas áreas, desvalorização de outras, deslocamento de algumas atividades e serviços, bem como a atração de populações cada vez mais qualificadas, em virtude das atividades também serem qualificadas a partir do uso de novas tecnologias. É comum que alguns tipos de comércio se desloquem para lugares mais distantes, que novos loteamentos surjam, sobretudo, pelo aumento da especulação imobiliária.

O crescimento da malha urbana no sentido leste se deu após a valorização dos loteamentos de Tambaú e Manaíra a partir dos melhoramentos da infraestrutura desses bairros a partir da década de 1970. Desta forma, a construção da Av. Epitácio Pessoa, principal via de acesso em direção à orla marítima, proporcionou o adensamento das áreas litorâneas da cidade (LAVIERE e LAVIERE, 1999), viabilizando o deslocamento dos bares e boates em direção a orla marítima de Tambaú, principalmente a partir de 1980. A maioria dos sítios e matas próximos às áreas urbanas pouco a pouco foram transformando-se em loteamentos para fins residenciais, bem como comerciais, dando origem a uma nova estrutura intraurbana à cidade.

MAPA 02 – Avenida Epitácio Pessoa (principal via de expansão Leste)



Fonte: Laboratório do Ambiente Urbano e Edificado – LAURBE/CT/UFPB

O entendimento da questão fundiária e a relação entre a posse da terra e as condições sociais da maioria da população de João Pessoa são fundamentais para se definir parâmetros de análise e afirmar a função social da terra no espaço urbano atual, a partir da luta por uma cidade mais justa, humana e acessível. Desta análise, percebe-se o uso do espaço urbano para fins sociais frente à valorização especulativa, causadora de um enorme abismo entre os que detêm e os que não detêm o solo na cidade. Diante dos seus vários usos, é comum surgir grandes áreas periféricas, nas quais a população passa a viver na ilegalidade urbana, além de ter que percorrer distâncias cada vez maiores para ter acesso ao lazer, à diversão, saúde, educação e trabalho dentro deste espaço. Em contrapartida, grandes áreas de especulação permanecem sem uso nas regiões mais valorizadas, indo de encontro à condição social do solo, uma vez que o direito a moradia digna é considerado básico a todo e qualquer cidadão.

Em João Pessoa, as carências urbanas ensejaram a formação de grupos de pressão organizados (Movimentos Sociais Urbanos), que passaram a pedir providências do poder público, marcando o cenário de luta na cidade durante as décadas de 1970 e 1980. Assim, analisar o processo de produção e (re)produção

do espaço urbano de João Pessoa se torna de fundamental importância para compreender os novos contornos adquiridos por fenômenos socioespaciais extremamente complexos e contraditórios, mesmo se tratando de uma cidade de porte médio.

2.1 – A espacialidade urbana de João Pessoa e sua influência na territorialização dos seus primeiros bares

Fundada em 12 de agosto de 1585 com o nome de Nossa Senhora das Neves, João Pessoa é uma das cidades mais antigas do Brasil. Com o passar do tempo ela foi recebendo outros nomes: Filipéia de Nossa Senhora das Neves (1588) e entre 1634 e 1654 ela passou a se chamar Frederikstadt (cidade Frederica). Em 1859, a cidade mais uma vez muda de nome, passando a se chamar cidade de Parahyba. Somente em 04 de setembro de 1930, a Assembléia Legislativa Estadual aprovou a mudança do nome da cidade para João Pessoa, em homenagem ao político paraibano João Pessoa, assassinado em Recife – PE (ALMEIDA, 1978, p. 75).

Localizada no extremo leste do Estado da Paraíba e com uma área de aproximadamente 211 km², João Pessoa limita-se ao sul com o município de Conde, ao norte com o município de Cabedelo, ao oeste com o município de Bayeux e Santa Rita e ao leste com o oceano Atlântico.

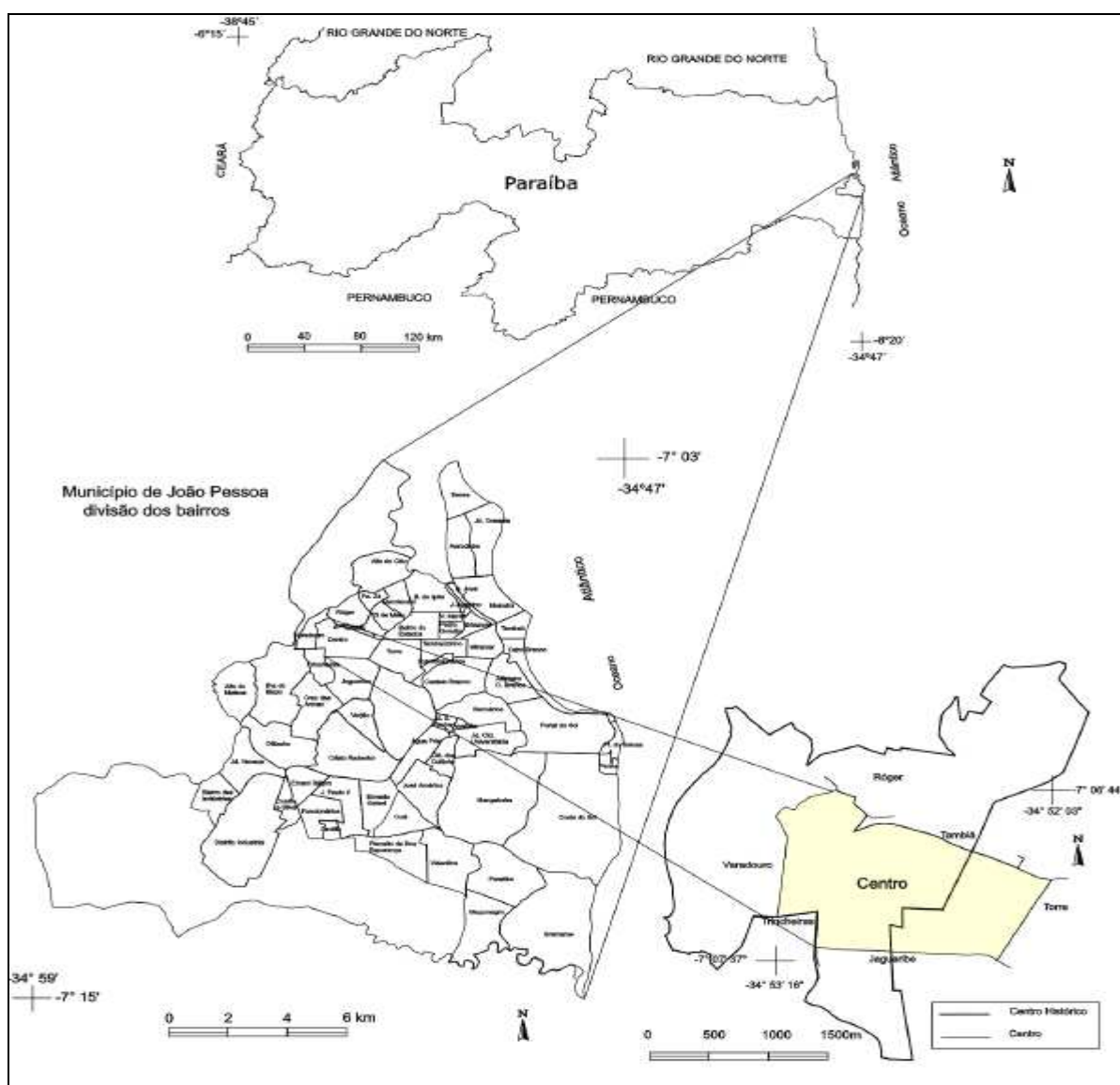
O núcleo urbano original da cidade desenvolveu-se numa área colinosa⁶ e manteve-se durante muito tempo entre à margem direita do rio Sanhauá e parte alta da colina por motivos políticos e de defesa. Sua parte mais baixa, por conta do ancoradouro do Porto do Capim, local de chegada de mercadorias, se destinou ao comércio. Na sua porção mais alta, era comum a existência de órgãos administrativos, religiosos, culturais e, principalmente, casas residenciais de famílias com padrão de vida elevado, permanecendo concentrada na área do atual Centro Histórico até o final do século XIX (ALMEIDA, 1978, p. 76).

Esta dicotomia, se assim pode-se chamar entre a cidade alta e a cidade baixa, embora tenha os fatores geográficos como elementos preponderantes,

⁶ Região de “relevo acidentado” onde se localiza o Centro Histórico de João Pessoa.

expressa características fortes da ordem social, isto é, do modo de pensar da sociedade, sobretudo, das elites, as quais desenvolviam projetos e planos de acordo com seus interesses. Ao observar de forma criteriosa, percebe-se que a cidade permaneceu nesse núcleo denominado Centro Histórico por muito tempo, demonstrando que o processo de urbanização foi bastante lento.

MAPA 03 – Delimitação do Centro Histórico de João Pessoa pelo IPHAEP (1982).



Fonte: SEPLAN/PMJP, IPHAEP, 1982.

No início do século XX, o crescimento da cidade ainda se mostrava pouco expressivo, desenvolvendo-se apenas as áreas no entorno da Cidade Alta até os limites do Lagoa dos Irerês, popularmente conhecida apenas como Lagoa. Até 1910, a lagoa caracterizou-se como um empecilho para a expansão da cidade em direção ao leste e ao sul. Somente em 1913 foi elaborado um projeto de rede de esgoto no governo Saturnino de Brito.

Figura 01 - A Lagoa (dos Irerês) antes da urbanização e de se tornar Parque Sólon de Lucena



Fonte: Arquivo Walfredo Rodriguez (Acesso em 23/10/2009)

Por volta de 1922, na administração do governador Sólon de Lucena, a antiga Lagoa passa por um processo de modificação a partir do projeto do paisagista Burle Marx e passa a se tornar um parque público, denominado de Parque Sólon de Lucena. Este projeto fez parte de um conjunto de modificações que visava o disciplinamento, embelezamento e saneamento das vias urbanas, dentro de uma nova racionalidade sobre as cidades que começava a ser implantada no Brasil.

É possível destacar os seus jardins, as palmeiras imperiais plantadas em todo o anel interno, o bambuzal, exemplares de pau-d'arco, entre outras espécies nativas da Mata Atlântica (COURY, 2004). Essa obra se tornou importante, uma vez que a partir desse projeto foi possível traçar as linhas gerais para a expansão da cidade em direção ao leste e ao sul.

Figura 02 - Parque Sólon de Lucena no final da década de 1940



Foto: Luiz Farias (Acesso em 23/10/2009)

Durante toda a década de 1920, o Brasil passava por um processo de manifestações políticas relacionadas ao nacionalismo econômico, em que as massas urbanas tiveram uma participação política mais ampla. As transformações políticas ocorridas a partir de 1923 culminaram na Revolução de 30 e se estenderam até 1963, acarretando a ativação da vida urbana de João Pessoa (RODRIGUES, 1980, p. 136).

Outra área da cidade que recebeu vários melhoramentos durante esse período foi o Ponto de Cem Réis⁷. A demolição de dois edifícios, da igreja do Rosário e de doze casas, como também a construção do logradouro com alamedas, bancos de cimento, abrigo para a espera dos bondes, mercado de flores, bomboniére, relógio ao Centro e o melhoramento da iluminação, da pavimentação em paralelepípedos e do desvio circular das linhas do bonde para melhorar as suas manobras durante o governo de Guedes Pereira, deu ao Ponto de Cem Réis o nome de Praça Vidal de Negreiros, cuja inauguração foi em 12 de outubro de 1924. Anos depois, passou a ser chamada por muitos de Praça do

⁷ Nome dado em virtude de ser o ponto inicial do serviço de bonde que interligava os principais bairros da cidade: Varadouro, Trinchiras e Tambiá. O valor de passagem era cem réis, anunciado a partir de gritos dos trabalhadores da companhia.

Relógio, contudo, o nome que predomina até os dias de hoje é o de Cem Réis (MELLO, 1987).

A partir daí, várias intervenções por parte da prefeitura foram implantadas no Ponto de Cem Réis. Em 1951, o prefeito Oswaldo Pessoa fez uma grande reforma substituindo o pavilhão que havia na Rua Direita⁸ (atual Duque de Caxias) por dois outros: um voltado para a artéria e o outro voltado para a Rua da Cadeia (atual Visconde de Pelotas) e substituiu o relógio pelo busto de Vidal de Negreiros (NÓBREGA, 1971).

Figura 03 - Ponto de Cem Réis em 1942



Foto: Arquivo Stuckert (Acesso em 23/10/2009)

Figura 04 - Ponto de Cem Réis em 1951



Foto: Arquivo Stuckert (Acesso em 23/10/2009)

Até o final da década de 1930 e primeiros anos da década de 1940, o reduto de agito da cidade eram as principais ruas no entorno do Centro Histórico, a exemplo da Rua da Gameleira (atual Desembargador Trindade), Rua das Convertidas (atualmente Maciel Pinheiro) e Rua da Areia. A Rua das convertidas, famosa pelas “pensões”, se tornou uma área de agito bastante frequentada por intelectuais, políticos e comerciantes ricos, dentre as quais as mais famosas eram a “Royal” e a “Antoninha”. Com a decadência dessa área em decorrência da expansão da cidade, as melhores fecharam e as poucas que restaram passaram a se chamar de cabarés. Além das pensões, essa rua contava ainda com alguns cafés também frequentados por grupos sociais que costumavam visitar esses *point's* para colocar o papo em dia (MELLO, 1987).

⁸ Terceira artéria que se abriu no perímetro urbano da cidade, recebendo esse nome.

Figura 05 - Centro Histórico revitalizado.



Foto: Luiz Maron (Acesso em 26/11/2009)

Ainda no início do século XX, o famoso botequim “Recreio Vale Quem Tem”, situado na Rua da Areia (destinada à moradia de famílias de alto poder aquisitivo), se torna o primeiro bar da “província” e consegue aglomerar sempre nos fins de tarde e início de noite um grande número de frequentadores que gostavam de tomar um bom drink. Na ocasião de sua abertura, os moradores passaram a enxergá-lo de maneira preconceituosa por pensarem que se tratava de um cabaré oriundo da Rua Maciel Pinheiro, visto que beber, até então, era um ato doméstico, ligado aos simpáticos saraus e festinhas de batizados, muito comuns na época (MELLO, 1987).

Figura 06 - Rua das Convertidas (atual Maciel Pinheiro)

Foto: Arquivo do Museu Walfredo Rodrigues

Figura 07 - Rua da Areia (antiga Barão da Passagem)

Foto: Arquivo: Museu Walfredo Rodrigues (Acesso em 23/10/2009)

Os limites correspondentes ao Centro Histórico foram transpostos. A expansão urbana ultrapassou os limites do Parque Sólon de Lucena em direção à orla marítima, deixando a cidade baixa num processo de deterioração, enquanto o Ponto de Cem Réis ia assumindo a condição de verdadeiro termômetro da vida social da capital, ou seja, passa a ser a área “central” mais frequentada da cidade (SILVA, 1995, p. 49).

Embora o processo de modernização da cidade tenha início em meados da década de 1910, é a partir da década de 1940 que ela começa a receber uma infraestrutura, até então nunca vista, como: a construção de praças, abertura e pavimentação de novas avenidas e ruas, redes de saneamento básico, melhoramento no fornecimento de energia e de transportes, construção de novas edificações particulares e públicas, as quais modificaram bastante suas feições coloniais e deram à cidade um aspecto de urbanidade. Todos esses equipamentos e aparatos estruturais “[...] foram aclamados por muitos como o início da modernidade”. Neste processo, é possível perceber as contradições socioespaciais que a cidade passa a comportar, principalmente, pela convergência de pessoas vindas de cidades circunvizinhas menores, para uma cidade “moderna”, em busca do acesso às novas infraestruturas e do melhoramento de suas condições de vida (MAIA, 1994, p. 19).

Nessa nova dialética, a cidade de João Pessoa passa a vivenciar um processo de ocupação e expansão urbana, de certa forma, acelerado. Com isso, surge a necessidade de elaboração de normas pela Câmara Municipal a fim de se estabelecer regras e condutas inerentes às áreas urbanas, cuja finalidade era

ordenar e disciplinar o uso comum destas, tanto pelo poder público como pelos agentes produtores da cidade.

As primeiras posturas da cidade da Parahyba datam de 1830. Essa documentação revela a preocupação por disciplinar o uso da cidade, a conduta das pessoas, enfim a sua vida social. Nas posturas de 1830, já se pode constatar a preocupação com a aparência da cidade e com o seu ordenamento (MAIA, 2006, p. 09).

Com a conclusão das obras de urbanização da Lagoa, por volta de 1940, essa “nova” área da cidade passou a ser um lugar de grande movimentação de pessoas que faziam caminhadas diurnas e noturnas, casais de namorados e crianças que podiam brincar tranquilamente em toda a extensão do parque. É nesse período que a cidade começa a se expandir na direção leste, rumo ao litoral.

Segundo o Sr. M. S. (entrevistado no dia 27 de março de 2009) “[...] a conclusão da obra de construção do Cassino da Lagoa foi uma coisa maravilhosa que aconteceu no Parque Sólon de Lucena [...], foi mais um atrativo para o local e movimentou muito esta parte do Centro [...], tornando-se uma área muito visitada, principalmente, por conta da fonte com jatos d’água coloridos [...]. Quem mais freqüentava o Cassino eram os ricos, intelectuais, políticos, jornalistas, deputados e homens de negócios. [...] nesse período ele se tornou um ponto de encontro “obrigatório” [...]. As músicas que tocavam lá eram o fox, bolero e a valsa, muito em moda nessa época [...]. Embora tivesse uma das melhores cozinhas da cidade [...], o pessoal gostava mesmo era do variado cardápio de bebidas a seus pratos em alto estilo [...]”.

A partir destes relatos, é possível perceber que a inauguração do Cassino da Lagoa contribuiu para que este se tornasse um novo point de agito da cidade. Frequentado pelas classes sociais mais favorecidas configurou-se, sem dúvida alguma, num novo território de agito, tendo em vista a identidade coletiva de seus frequentadores. Essa territorialização foi decorrente da expansão da cidade em direção leste, dando nova forma a cidade, como também mudando o comportamento de alguns grupos sociais.

Figura 08 - Construção do Cassino da Lagoa**Figura 09** - Cassino da Lagoa atualmente

Fonte: <http://www.pbnet.com.br> (Acesso em 23/10/2009) Foto: Antonio Carlos C. dos Santos, 2008.

A partir de caminhadas e conversas informais com alguns donos dos bares e quiosques, verificou-se que, atualmente, o Parque Sólon de Lucena ainda permanece sendo uma área de grande movimentação noturna da cidade, cuja forma de ocupação e presença diferencia-se bastante do passado. Hoje, durante o dia, seu espaço é marcado pela presença de várias lanchonetes, pelo fluxo constante de transeuntes que circulam a pé ou de automóvel, paradas ou passagem obrigatória dos ônibus que circulam na cidade, ponto de encontro de namorados, movimentos estudantis, atos políticos, festividades oficiais da prefeitura e do governo do estado, além de algumas pessoas “apropriarem-se” dos seus espaços como áreas de lazer, a exemplo de alguns aposentados e taxistas que adoram jogar baralho e dominó embaixo de suas árvores.

De acordo com a vivência no local, tendo em vista o método da pesquisa, é possível perceber que durante a noite a Lagoa se transforma num lugar de prostituição (tanto feminina quanto masculina) e de “boêmios” que passam a madrugada em seus quiosques curtindo músicas dos mais variados estilos, além de servir de dormida para moradores de rua.

O final de década de 1940 marca um processo de expansão da cidade balizado por dois núcleos: as avenidas Epitácio Pessoa e Cruz das Armas. Com a pavimentação da Av. Epitácio Pessoa por volta dos anos 50, a cidade começa a apresentar os seus primeiros passos rumo ao litoral. Nesse contexto, conforme vai se expandindo nessa direção, a cidade passa a apresentar “novas” áreas, as

quais vão se tornando mais em evidência, sobretudo, no que diz respeito ao surgimento de novos lugares de lazer e diversão.

Com base nos relatos de A. L. “[...] durante quase toda a década de 1960, o Ponto de Cem Réis era considerado como a área “central” da cidade [...], em todo o seu entorno a gente encontrava algumas lojas, lanchonetes [...]. Foi lá a inauguração da primeira boate no Hotel Paraíba Palace, ambiente bastante sofisticado com uso de ar condicionado e serviço de bar (novidade para a época). [...] A famosa Casa de Frios, situada na Rua Duque de Caxias, movimentava a cidade e era ponto obrigatório das rodas sócio/lítero/culturais/esportivas. [...] Tornou-se bastante frequentada por servir o chopp mais gelado da cidade, sempre regado ao sabor de frios da melhor qualidade e um sortimento invejável de bebidas finas para se degustar, como: conhaque francês, gin inglês ou mesmo uma vodka de qualidade [...]. Podemos dizer que ela sozinha fazia do Ponto de Cem Réis o local mais frequentado da vida noturna dessa época [...]” (entrevistado em 04/04/2009).

De acordo com Gonzaga Rodrigues (1980), na Casa de Frios era bastante comum as rodadas de “porrinha⁹”, que aconteciam quase todos os finais de semana. Assim, tornou-se um lugar de agito, uma vez que era bem frequentada por comerciantes, lojistas e intelectuais, que costumeiramente combinavam seus encontros. Com base nestas informações, este ambiente contribuiu para a formação de uma identidade coletiva, constituindo, portanto, um território.

O Sr. C. M. entrevistado em 23/05/2009 nos revelou que “[...] a Sorveteria Canadá, embora vendesse sorvete, o seu ponto alto era mesmo a venda de bebidas alcoólicas para garantir a diversão dos seus frequentadores [...]. O Café Alvear, era um ambiente muito sofisticado e muito frequentado pelos intelectuais, jornalistas e políticos. Sempre que passávamos pela frente ou entrávamos para comprar café, era possível perceber as mesas sempre lotadas de pessoas bem vestidas conversando e dando risadas nos finais de tarde e início de noite [...]. Além do Alvear, o Café Santa Rosa, na parte mais “baixa da cidade”, nas proximidades do Teatro Santa Rosa, tinha uma enorme frequência também. [...]

⁹ Espécie de aposta onde se brinca com palitos de fósforos. Os perdedores, geralmente, pagam uma rodada de bebidas.

Lá as pessoas eram mais simples e a gente podia conversar e comer salgados e pães deliciosos bem mais baratos [...]”.

Outros bares conhecidos, embora menos frequentados, se fizeram presentes na paisagem urbana de João Pessoa durante a passagem das décadas de 1960 e 1970. A cidade passou a comportar vários pontos de agito, os quais se espalhavam em quase todos os recantos do Centro da Cidade, sobretudo nas áreas compreendidas entre a cidade alta (áreas próximas ao Ponto de Cem Réis) e a cidade baixa (Varadouro).

Na década de 1970, mais uma vez o Ponto de Cem Réis passa por novas intervenções por parte do poder público, com a construção do Viaduto Damásio Franca, nome do então prefeito da cidade. O projeto arquitetônico foi de autoria do arquiteto Mário Di Láscio, sendo a terceira intervenção pública de sua história. Outras tentativas de intervenções foram feitas durante a década de 1990, porém não lograram êxito.

Recentemente, na gestão do então prefeito Ricardo Coutinho, o Ponto de Cem Réis passou por mais um processo de modificação em sua paisagem, cujas obras foram entregues em 04 de agosto de 2009, como parte do Programa de Revitalização de Sítios Históricos (PRSH)¹⁰. O busto de Vidal de Negreiros, embora tenha mudado de lugar, foi preservado. O espaço hoje conta com mais de cinco mil metros quadrados de área livre, luminárias em estrutura metálica, bancos em concreto e uma vegetação “funcional”, segundo o projeto. Com essa recente intervenção, o ponto de Cem Réis volta a assumir uma postura de point do agito, tendo em vista os vários shows promovidos pela prefeitura desde sua inauguração.

¹⁰ O objetivo desse programa é recuperar espaços públicos de grande circulação em locais estratégicos, para melhorar o acesso da população e a realização de eventos.

Figura 10 - Intervenção urbana de 1970.



Fonte: Assessoria da PMJP (Acesso em 22/02/2010)

Figura 11 - Última intervenção em 2009.



Fonte: Assessoria da PMJP (Acesso em 22/02/2010)

Além da Casa de Frios e da Sorveteria Canadá que fizeram sucesso e se transformaram em pontos de agito nas redondezas do Ponto de Cem Réis, no final da década de 1960, a Churrascaria Bambu, localizada no Parque Sólon de Lucena, com seu estilo diferente, se transformou numa “caixa de percussão”. Muito mais que um bar, ela se transformou no ponto de encontro da cidade pelo

seu estilo bem democrático. Costumava frequentar este famoso bar desde estudantes do Lyceu Paraibano até comerciantes, professores e intelectuais, como nos relata o Sr. G. S. C., entrevistado no dia 06/06/2009. “[...] Tinha uma aparência rústica, “ecológica” e uma das piores cozinhas que se tem notícia [...]”. Segundo o nosso entrevistado, a Bambu começou a mudar os costumes da cidade. “[...] Era comum você ver homossexuais e mulheres desacompanhadas bebendo em suas mesas tranquilamente, sem medo de serem colocados para fora e sofrer nenhum olhar de discriminação ou preconceito. Apesar de ser um bar “povão”, o proprietário conseguia fazer com que não houvesse brigas em seu interior [...]”.

Com base nesta entrevista, é possível verificar, que este bar contribuiu, de certa forma, para o “fim” a supremacia machista da sociedade pessoense, dando início a uma “ruptura” das fortes amarrações sociais da época, na busca de uma cidade mais “democrática” e capaz de conviver com as diversidades.

Em direção à cidade baixa, outros bares fizeram sucesso, como o do Hotel Globo, o Botijinha, o Pedro Américo e o Quejandos. Dos três, o Hotel Globo foi o que fez mais sucesso e apresentou uma maior atração, tanto pela sua beleza arquitetônica (arquitetura civil singular de traços ecléticos), quanto pela paisagem repleta de nostalgia do pôr do Sol e do estuário do rio Sanhauá com os seus mangues vizinhos, possíveis de serem contemplados do seu terraço (MELLO, 1987).

O bar do Hotel Globo “[...], por conta da linda paisagem do manguezal e do rio Sanhauá que era possível contemplar do seu terraço, se transformou em um lugar aonde os seus frequentadores iam à busca de uma deliciosa cerveja gelada e uma boa conversa para comentar os últimos acontecimentos da cidade. [...] O atrativo principal era a visão que podíamos ter do pôr do sol que, com sua beleza contagiante, deixava todos deslumbrados com este espetáculo da natureza à parte. [...] Sempre encontrávamos pessoas da “alta” sociedade, que costumavam ficar tomando seus drinks até à noite [...]. Como se tratava de uma área que fazia parte da história e da fundação da cidade, era comum a frequência de turistas vindos dos mais variados estados brasileiros e até de fora do Brasil (E. A., entrevistado em 12/06/2009).

Figura 12 - Visão frontal do Hotel Globo.



Foto: Antonio Carlos C. Dos Santos, 2009.

Figura 13 - Visão do pôr do Sol e do rio Sanhauá do terraço do Hotel Globo



Fonte: [http:// WWW. orvemundo.com.br](http://WWW.orvemundo.com.br) (Acesso em 22/02/2010)

O Tabajara, famoso pelas suas brigas nos finais de noite, contava sempre com um carro da “rádio patrulha” (polícia) do lado de fora, visto que os que bebiam exageradamente costumavam fazer confusões. Situado na Praça Antenor Navarro, seus frequentadores pertenciam a uma camada menos favorecida da sociedade. No seu interior havia uma vitrola com um som de péssima qualidade e um salão sempre cheio de pessoas dançando vários estilos musicais. Quando terminava o seu funcionamento, várias prostitutas estavam a esperar, do lado de fora, os aventureiros que ousavam transpor a boemia em troca de uma aventura sexual (AGUIAR, 1992).

De acordo com M. S., “o bar Pedro Américo era tão tumultuado, em termos de brigas, quanto o Tabajara [...], aberto durante vinte e quatro horas, todos os dias da semana, era uma espécie de vale tudo da cidade [...]. Lá serviam refeições, bebidas alcoólicas, dava abrigo aos andarilhos da noite e aos passageiros com destino ao interior, servia de ponto de encontro para prostitutas [...]. Durante o dia sua especialidade era servir refeições [...] e à noite costumava servir uma sopa que mais parecia uma mistura das sobras do almoço e as mais variadas bebidas alcoólicas [...]. Era bastante comum durante as madrugadas a polícia passar fazendo revista em seus frequentadores, por causa das constantes brigas e desentendimentos entre os clientes” (entrevistado em 22/06/2009).

Ainda de acordo com o mesmo entrevistado, “[...] a lanchonete Botijinha, ao lado do teatro Santa Rosa, mesmo sendo uma casa de lanches [...], sempre servia bebidas alcoólicas acompanhadas de queijo do reino como prato principal da casa e outros tipos de tira-gostos [...]. A culinária da cidade baixa não era de boa qualidade, mas conseguia atrair uma grande quantidade de pessoas por conta dos seus preços serem baixos em relação a outros estabelecimentos das outras áreas da cidade [...]. Esta lanchonete virou um ponto de encontro dos que gostavam de passar da conta na bebida, ficando aberta até tarde da noite”.

Na rua por trás do prédio dos Correios e Telégrafos, próximo ao Primeiro Batalhão de Polícia Militar da Paraíba, o bar Luzeirinho, anteriormente localizado na Av. Vasco da Gama no bairro de Jaguaribe, era bastante frequentado pelos coronéis da Polícia Militar. Este bar ficou famoso por apresentar um “leque” de opções de comidas típicas, as quais variavam desde ensopados de peixe, camarão e caranguejo, até batatinha frita, além do bate-papo e da falação da vida alheia. Ele se tornou um dos mais concorridos entre os existentes nessa área da cidade (MELLO, 1987).

Os bares da cidade baixa começam a “morrer” a partir do momento em que a cidade se desloca em direção à orla marítima e vai deixando o Varadouro num processo de esquecimento e abandono, no que se refere aos bares.

Apesar dos novos núcleos de expansão, a cidade permanecia com sua aparência concêntrica, pelo menos até a década de 1960. Já era possível observar uma valorização do uso do solo urbano, tendo em vista que as famílias

de maior renda passaram a morar nos bairros próximos à Avenida Epitácio Pessoa e as de menor poder aquisitivo nos bairros periféricos (Maia, 2000).

Durante o final da década de 1960 e toda a década de 1970, quase todos os bares da cidade passaram a se concentrar na Lagoa, em consequência da crescente expansão urbana da cidade em direção à orla marítima. De acordo com A. M. K., “[...] caminhar pela Lagoa durante a noite era coisa muito “chique” [...]. Na descida da Rua Padre Meira, no anel externo da Lagoa, o Pietros e o Flor da Paraíba foram dois bares que fizeram muito sucesso na noite pessoense [...]. O primeiro funcionou onde hoje é uma loja de importados (a Chinesinha) e o outro onde se encontra, na atualidade, uma Loja de eletrodomésticos (Atacadão dos Eletros). [...] Eles abriam no final da tarde e funcionavam de quinta a domingo, sempre com músicas ambiente estilo MPB. [...] Ambos eram bares ecléticos e bastante frequentado pelos mais jovens e por visitantes vindos de outras cidades [...]” (entrevista feita no dia 07 de agosto de 2009). Tanto o Pietros como o Flor da Paraíba eram bares abertos, chegando a ser considerados como “vitrines” da noite pessoense por serem totalmente expostos aos olhares da sociedade (MELLO, 1987).

O Cassino da Lagoa continuava se fazendo presente com o seu velho estilo de atrair as classes sociais mais abastadas, tornando a assumir destaque como ponto de encontro da “alta” sociedade.

A Blitz Choparia e o Cartier também disputavam a paisagem e a clientela da Lagoa, sobretudo a partir do final da década de 1970. De acordo com G. S., “[...] eram bares mais dançantes, onde os ritmos que mais embalavam os seus frequentadores eram o samba e a MPB [...]. Todas as sextas e sábados tinha música ao vivo e o grande diferencial desses dois bares era a cerveja bem gelada e tira-gostos sempre novinhos para atender as exigências de sua clientela que era bem diversificada [...]. As noites na Blitz garantiam muita diversão aos que marcavam presença todos os finais de semana. [...] Dificilmente os solteiros terminavam a noite sozinhos” (entrevistado em 12/03/2010).

O método adotado para esta pesquisa viabilizou o conhecimento de detalhes destes bares, a partir da participação dos antigos frequentadores dos mesmos. Embora o foco da pesquisa não seja o período em que estes bares concentravam o agito de João Pessoa, se fez necessário pontuá-los, mesmo de

forma sucinta, para que seja mais fácil identificar a mobilidade e a territorialização dos novos bares que foram surgindo ao longo do processo de expansão da cidade em direção à praia, principalmente, a partir dos anos 80.

2.2 – Expansão urbana rumo à praia, porção sul e sudeste da cidade

Assim como em outras cidades do Brasil, o tecido urbano de João Pessoa se expandiu com base em diferentes linhas de acesso e movimento, determinando percursos e vetores de expansão distintos, levando em consideração as suas particularidades morfológicas e as condições de deslocamento das pessoas, como também a segregação das classes sociais mais ricas.

A notável expansão da cidade, como também o deslocamento das famílias de rendas mais privilegiadas em direção aos bairros que ficam nos arredores da Avenida Epitácio Pessoa, tendo em vista a crescente especulação e ocupação imobiliária da orla marítima, sobretudo no final da década de 1970, favoreceu e acelerou o “declínio” do status social que o Ponto de Cem Réis adquiriu e o esvaziamento, quase que total, do Centro Histórico.

A Avenida Cruz das Armas, em virtude de ser um favorável acesso para Recife e um corredor de comércio e serviços, se torna o segundo núcleo de expansão da cidade, uma vez que no seu entorno vários bairros para as camadas de baixa renda foram construídos (LAVIERE, 1999; MAIA, 2000).

Ainda na década de 1970, outras intervenções públicas incentivaram a expansão urbana da cidade, a exemplo do Distrito Industrial que contribuiu de forma inquestionável para o crescimento da cidade na porção sul, o anel viário que liga o porto de Cabedelo à BR-101, o qual facilitou consideravelmente o escoamento da produção e o tráfego interestadual e a construção do campus I da UFPB, que também proporcionou a expansão da cidade na porção sudeste, contribuindo bastante para a expansão da malha urbana. Entre os anos 70 e 80, os bairros de Tambaú, Cabo Branco e Manaíra cresceram assustadoramente,

impulsionados pela adesão da PMJP ao projeto CURA¹¹, o qual beneficiou a orla marítima com obras de saneamento básico e pavimentação das ruas (LAVIERE e LAVIERE, 1999, p. 47).

As porções sul e sudeste da cidade, embora com uma infraestrutura precária, também alavancavam as suas expansões, passando a implantar uma nova estruturação urbana, pautada nas políticas federais de habitação e integração nacional, sobretudo a partir da década de 1960. Os conjuntos habitacionais construídos pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH) aceleraram ainda mais a expansão urbana para esta parte da cidade, com a construção de conjuntos habitacionais populares, tais como: José Américo, Ernesto Geisel, Ernani Sátyro, José Vieira Diniz, Costa e Silva, entre outros.

Conforme foi expandindo o seu processo de urbanização, João Pessoa passa a evidenciar um processo muito comum dos grandes centros urbanos que é a Conurbação¹² com os municípios de Bayeux e Santa Rita. Posteriormente esse mesmo processo se evidencia com os municípios de Cabedelo e Conde (CONDIAM-PB, 2004).

A crescente expansão da cidade põe em “xeque” a legitimação do Estado, principalmente no início da década de 1980, em que as contradições urbanas deram origem e fizeram eclodir vários conflitos urbanos, em virtude da falta de moradia. Nesse contexto, a cidade passa a desencadear um processo de favelização até então nunca visto, “forçando” o Governo do Estado e remover algumas favelas e construir, com investimentos da Cehap, novos conjuntos

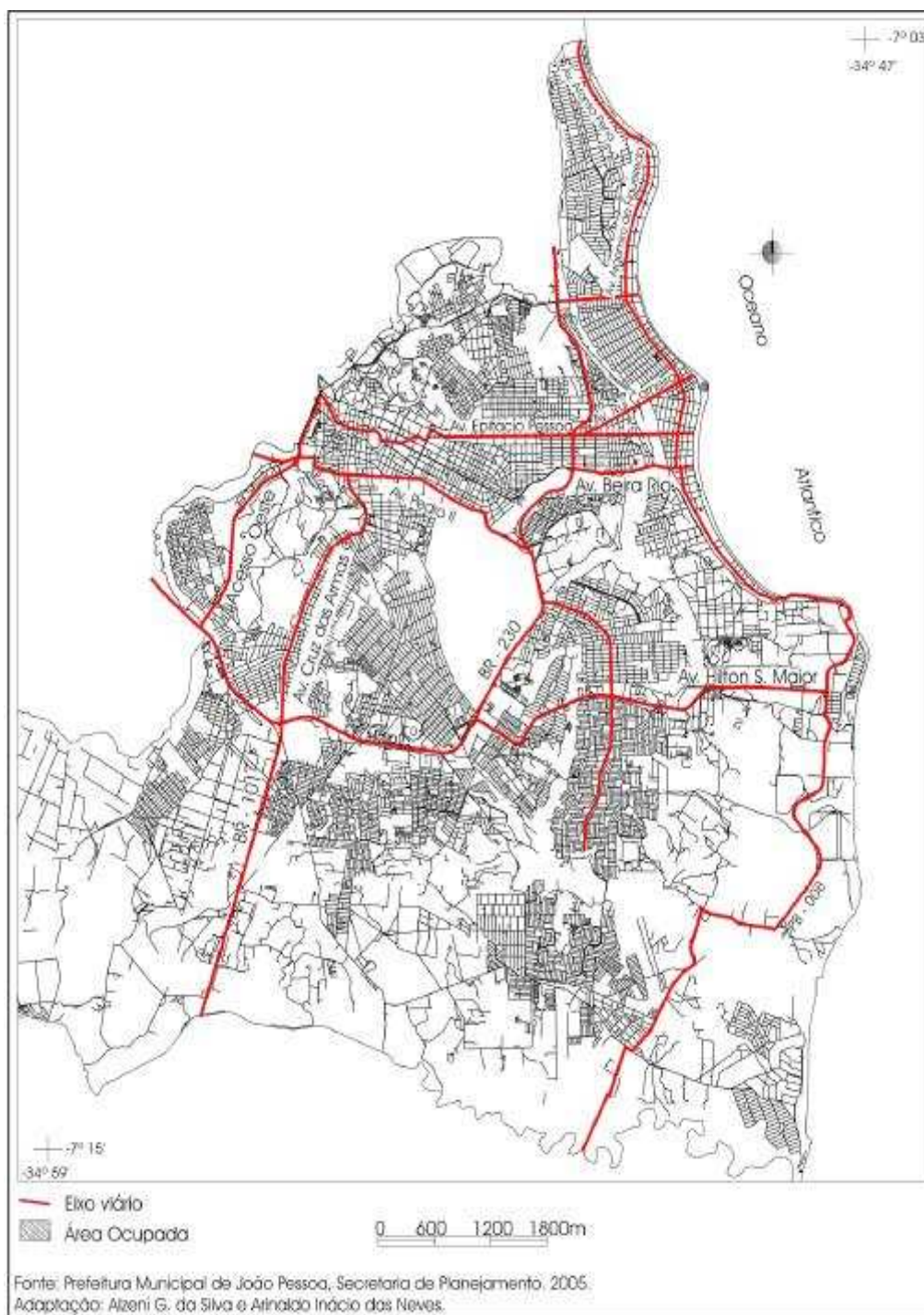
¹¹ Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada – Projeto realizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa entre os anos de 1977 e 1982, cujo objetivo era investir em infraestrutura de pavimentação, asfaltamento, galerias pluviais, saneamento básico, entre outros.

¹² Processo de unificação entre dois ou mais municípios em consequência do seu crescimento geográfico, que dificulta a identificação dos seus limites, dando a ideia de uma área urbana contínua.

habitacionais para resolver a problemática da moradia, a exemplo dos conjuntos habitacionais Mangabeira e Valentina de Figueiredo.

Mesmo com a construção desses bairros, o processo de expansão de João Pessoa, a exemplo do que ocorre em várias cidades brasileiras, também se apresenta de forma desordenada. Cresce o número de ocupações nos espaços impróprios, acelerando a degradação ambiental e tornando áreas vulneráveis a diversos riscos, apesar das restrições naturais à ocupação residencial nestas áreas, consideradas impróprias à moradia.

O mapa a seguir retrata o aumento da área ocupada da cidade e o surgimento de novas vias que passaram a viabilizar o comércio e o deslocamento de pessoas e trabalhadores, dando um novo delineamento do eixo viário da zona urbana de João Pessoa.

MAPA 04 – Delineamento do eixo viário de João Pessoa (2005)

A partir de 1970, a orla marítima de João Pessoa começa a ter maior valor econômico e a compra ou venda de antigos sítios, granjas e lotes vai mudando a forma de uso dessa parte da cidade, obrigando o poder público a implantar infraestrutura básica, como: saneamento, abertura de ruas e vias, transportes, eletrificação, entre outros, atraindo o comércio e a prestação de serviços. Desta

forma, há uma nova demanda de uso desses espaços, até então utilizados por pescadores, alguns banhistas de fins de semana e veranistas. Na verdade, a orla marítima de João Pessoa funcionava como segunda moradia para alguns veranistas (MADRUGA, 1992).

Ainda de acordo com Madruga (1992), durante a década de 1970 essa parte da cidade deixa progressivamente de ser um lugar de segunda moradia para abrigar residências fixas. Com a melhoria da infraestrutura, houve uma valorização econômica dos terrenos, sobretudo no Cabo Branco, Tambaú e, mais posteriormente, Manaíra, os quais passaram a ser dominados por especuladores imobiliários e pela rede hoteleira.

Durante a década de 1980, os investimentos públicos e privados redefinem a relação centro-periferia, promovendo a reestruturação urbana de João Pessoa a partir das novas centralidades que a cidade passa a apresentar. O uso do solo incrementa a especulação imobiliária de algumas áreas, fazendo surgir o aumento e a expansão de atividades comerciais, de serviços e de lazer para as camadas de maior poder aquisitivo, a exemplo das lojas comerciais de Tambaú e Manaíra, escritórios de advocacia, consultórios médicos, agências bancárias e escolas, entre outros. Em contrapartida, é possível perceber o empobrecimento de outras áreas da cidade com o aumento das ocupações irregulares de morros e encostas, margens de rios e beira de estradas por populações de baixa renda.

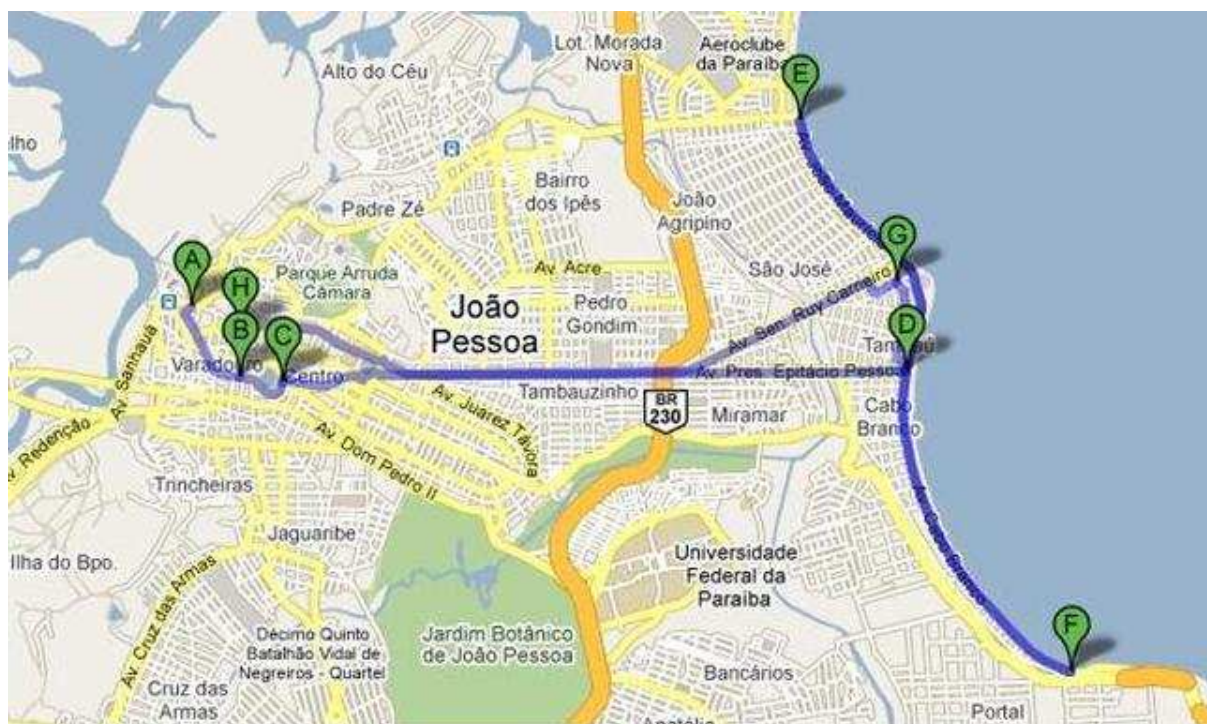
As diferentes formas de apropriação e uso do solo urbano, resultado do processo de expansão urbana, desencadeiam um processo de segregação que, de acordo com Caldeira (2000, p.211), é uma característica marcante das cidades. Segundo ele, a violência urbana reforça ainda mais a necessidade de uma segregação espacial a partir do que ele denomina de “enclaves fortificados”, isto é, espaços de lazer, moradia e trabalho, cada vez mais fechados e monitorados por tecnologias de segurança. Esse aparato tecnológico é perceptível nos luxuosos condomínios verticais e nas mansões da orla marítima. Só assim se torna possível habitar e dividir um mesmo espaço urbano com diferentes grupos sociais com segurança.

Em virtude dessa expansão urbana rumo ao litoral, João Pessoa passa a evidenciar uma nova territorialização do agito, tendo em vista a proliferação de bares e boates, principalmente em Tambaú, Manaíra e Cabo Branco. Os novos

hábitos e costumes dos grupos que passaram a frequentar essa área de diversão vão dando uma nova roupagem à vida noturna da cidade.

O mapa ilustrativo a seguir nos dá uma idéia do deslocamento das áreas de agito, desde o Centro histórico até a praia, e o seu consequente retorno para o Centro da Cidade a partir da década de 1990, com a territorialização dos bares e boates gays.

MAPA 05 – Deslocamento das áreas do agito



Fonte: Google Maps

- A: Centro Histórico - Início do Agito;
- B: Ponto de Cem Réis - Deslocamento do Agito, seguindo a expansão da cidade;
- C: Parque Solon de Lucena - Área do Agito durante a década de 1970 rumo à praia;
- D: Orla Marítima - Deslocamento dos bares e restaurantes, a partir da década de 1980;
- E: Boate Noventa Graus - Ponto de encontro da turma GLS, na orla da praia de Manaíra;
- F: Localização de vários bares e restaurantes na orla da praia do Cabo Branco;
- G: Territorialização de bares e boates, a partir da década de 1990;
- H: Territorialização de bares e boates gays no centro da cidade - Retorno do Agito.

2.3 – A Territorialização dos bares e boates na orla marítima

Já na década de 1980, momento em que a cidade já acelerava sua marcha em direção à praia, na Av. Epitácio Pessoa o Drive-in garantiu a diversão de uma grande parcela da sociedade. Ele apresentava quase as mesmas características

da Churrascaria Bambu (citada anteriormente). Alguns de seus garçons trabalharam na Bambu e passaram a reencontrar alguns adolescentes de outrora, agora com cabeleiras e barbas grisalhas e com “mais dinheiro no bolso” (AGUIAR, 1987).

Restaurante, bar e playground, o Drive-in dominou sozinho durante muitos anos a diversão e o agito da noite pessoense, com suas portas abertas durante vinte e quatro horas. Sem dúvida, esse bar representou uma nova área de agito nessa nova fase de reestruturação da paisagem urbana de João Pessoa, pelo fato de aglutinar em seu interior uma identidade coletiva entre os seus frequentadores. É possível assimilar que ele serviu de porta de acesso para os vários bares que se instalaram na orla marítima a partir dessa década, uma vez que se localizava na principal via de acesso em direção às praias de Tambaú, Cabo Branco e Manaíra. Assim como a Bambu e os demais bares citados nesta pesquisa, “morreu”, esvaziou-se, foi parando e saiu de cena (AGUIAR, 1987).

Afora as belezas naturais das praias da orla marítima, o que mais existe em Tambaú são bares. Do bairro do Bessa ao bairro do Cabo Branco, ou seja, toda a orla é pontilhada por bares, alguns botecos e muitos restaurantes. Alguns tiveram vida longa, a exemplo do Elite Bar e outros vida bastante efêmera como o Cavalo Marinho, o qual já teve dezenas de nomes e donos, sempre marcado pela “tragédia” da falência (MELLO, 1987).

“[...] Ambiente sofisticado de frente para o mar de Tambaú tinha excelentes tira-gostos e música ambiente [...]. O Elite sempre teve uma clientela fiel, tanto de dia como de noite [...], dava mais casais com filhos e era bem frequentado por políticos e empresários [...]. Funcionava dia e noite. Durante o dia era apenas restaurante [...], durante a noite ele apresentava músicas ao vivo em estilo MPB e costumava apresentar algumas atrações regionais [...]. O Gambrinos, localizado nas proximidades do Elite, no local onde hoje funciona a atual feirinha de artesanato de Tambaú, [...] também era muito frequentado por pessoas da “alta” sociedade [...]. Era um restaurante chique com pratos excelentes e caros [...], só quem podia frequentar era quem tinha dinheiro, “pobre” não chegava nem perto. [...] lembro do Cavalo Marinho que nessa época era como uma “coqueluche” da cidade para quem tinha mais dinheiro. [...] dos três, o que durou menos foi ele” (A. S., entrevistada em 20/07/2009).

Independente do seu tempo de duração pode-se entender estes três exemplos de bares e restaurantes como um território, posto que seus frequentadores apresentavam subjetividades simbólicas e identitárias, além do sentimento de topofilia ao lugar desenvolvido entre eles.

Segundo W. M., em meados da década de 1980, o bar da Xoxota, localizado na Rua Osório Paes em Tambaú, tornou-se referência como o primeiro bar voltado para atender ao público gay. “[...] O principal estilo musical era a MPB, mas tocava também outros estilos musicais [...]. Ficou sendo muito badalado na cidade e sempre foi alvo de comentários negativos [...]. A galera da universidade, professores e alunos da UFPB, [...] frequentavam todos os finais de semana, movimentando bastante essa rua, até então destinada a moradias. Por causa das várias denúncias dos vizinhos, era comum a polícia, inclusive a federal, fechar as portas do bar com todos os clientes dentro, para apurar as possíveis denúncias de prostituição e entrada de menores ao recinto. [...] Além dessas acusações, os vizinhos diziam que havia tráfico e consumo de drogas no local. No início dos anos 90, a mesma proprietária inaugura, na casa ao lado, a primeira boate gay da cidade (Boate BX). [...] Se tornou a única referência em ambiente gay na praia e na cidade reinando única e absolutamente na noite GLS. [...] não oferecia conforto, mas lotava todos os finais de semana, tendo em vista a falta de opções na orla marítima para esse tipo de público. [...] havia três ambientes : um com música ao vivo e algumas sinucas, outro com um dance com batidas eletrônicas e uma sala fechada com ar condicionado para os namorados ficarem mais à vontade [...]. Só era permitida a entrada de homossexuais” (entrevistado no dia 14/08/2009).

A UFPB teve uma grande contribuição para o sucesso deste bar, tendo em vista a chegada de professores, estudantes e intelectuais oriundos de outras cidades do Sudeste e Sul do país, influenciando, de certa forma, novos hábitos e costumes da população pessoense.

Figura: 14 Antigo bar da Xoxota (hoje uma pizzaria) **Figura: 15** Casa verde onde funcionou a boate BX



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Segundo A. T., entrevistada também no dia 14/08/2009, depois da inauguração da BX, outro bar, com o nome de 24 Horas foi aberto nas proximidades do ed. Santo Antonio, próximo do atual Centro Turístico de Tambaú. “[...] Foi um bar GLS bastante badalado também na noite da orla marítima. [...] dois espaços diferenciados, um com estilo MPB e outro com batidas eletrônicas faziam a diversão de gays e lésbicas, que agora contavam com mais um ambiente gay para a diversão. [...] só era permitida a entrada de pessoas homoafetivas, sendo terminantemente proibida a entrada de heterossexuais e curiosos. [...] os casais ficavam totalmente à vontade para trocar carícias e dançar nos dois ambientes”. Diferentemente da BX, que durou até o início dos anos 2000, esse bar teve uma vida muito breve e fechou anos depois.

Ainda no final da década de 1980, a boate Noventa Graus, instalada no prédio do Hotel Manaíra, onde hoje se localiza o Mag Shopping, agitava as noites na orla de Manaíra com suas batidas eletrônicas. O ambiente era bem sofisticado com espelhos, luz negra, efeitos de iluminação, ar condicionado e um excelente som acústico. “[...] Os beijos e as carícias entre pessoas do mesmo sexo eram permitidos, embora esta não fosse uma boate voltada para o público gay, era bastante frequentada por casais homoafetivos de ambos os sexos que costumavam amanhecer o dia ao som de batidas eletrônicas” (J. C., entrevistado em 02/09/2009).

A abertura de bares e boates na orla, voltados para o público gay, representou sem dúvida nenhuma, sobretudo nesse período, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma afirmação da luta contra a discriminação e o

preconceito para assegurar a visibilidade homoafetiva perante a sociedade como um todo.

O Travessia Bar, situado na Rua Aluísio Franca em Manaíra, garantiu a diversão de muita gente durante quase toda a década de 1980. “[...] Era um ponto de encontro de pessoas “cabeças” onde a ordem era se divertir sem “limite”. [...] Regado ao som de muita MPB, samba e forró, sem falar nos esporádicos shows de humor com artistas locais e regionais, a exemplo de Cristovão Tadeu, que iniciou sua carreira humorística lá e Nairon Barreto (Zé Lezin), deixava todos bastante frenéticos quando sentava à mesa um instante. [...] As noites no Travessia só costumavam terminar quando o Sol raiava no horizonte” (M. P., entrevistada em 22/08/2009). “[...] O público era tão fiel que a maioria dos frequentadores era conhecido por todos os garçons e pelo proprietário, gerando mais segurança por não haver brigas e confusões em seu interior, mesmo lotado como sempre costumava ficar nos finais de semana” [...].

Figura 16 Local onde funcionou o Travessia



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

A boate do Hotel Tambaú era muito frequentada “[...], Tinha músicas variadas que iam desde dance music até forró. No seu interior havia poltronas e cadeiras acolchoadas, ar condicionado, jogo de luz, espelhos, entre outros aparatos que a diferenciava das demais.” [...] Os que gostavam de um embalo maior nas noites de sextas e sábados não deixavam de ir”. [...] Era um público variado e os mais “metidos” da cidade diziam que lá era um ambiente que dava todo tipo de gente [...]. No final dos anos 80, as prostitutas começaram a

frequentar. A maioria delas vinha dos cabarés da estrada de Cabedelo (Cavalo Dourado, Escolinha de Tia Leninha, Vacaria, Cabaré de Dalvinha no Bessa e tantos outros que haviam lá). [...] Por causa da presença delas fazendo programas dentro da boate, as pessoas foram deixando de frequentar, o que ocasionou o seu fechamento ainda no final dos anos 80. [...] a fiscalização não era muito boa, pois era fácil encontrar pessoas de menor [...], eu mesmo sempre ia com dois sobrinhos de menor para lá em busca das prostitutas” (G. S., entrevistado em 03/10/2009)

A Boate Brumas, situada na av. Nossa Sr^a. dos Navegantes, “[...] foi inaugurada no final dos anos 80, quase em frente aonde fica a Prodígio Academia. [...] a estrutura dela era estrutura muito pequena, mas bastante moderna. [...] Era uma boate mais frequentada pelos jovens da classe “alta” que gostavam de curtir um bom dance músic e delirar com suas batidas. [...] A turma saía sempre muito embriagada e costumava fazer muito barulho nas ruas próximas, quando iam pegar seus carros para irem embora. [...] Sem falar no consumo de drogas dentro dos carros que ficavam estacionados nas redondezas” (E. L., entrevistado em 04/10/2009).

Embora com públicos bastante diferentes, estas duas boates se tornaram ambientes de agito na noite de Tambaú durante a década de 1980, transformando-se em territórios, tendo em vista o sentimento de pertencimento e identidade, sobretudo dos que frequentavam todos os finais de semana. Esse público era motivado a frequentar estes ambientes pelas relações simbólicas que davam aos mesmos o sentimento de pertencimento, além de desenvolverem um sentimento de topofilia com o ambiente.

Até o início da década de 1990, é possível perceber que os bares e boates que mais fizeram sucesso na vida noturna da orla marítima da cidade não se apresentavam concentrados em um único local. Várias eram as áreas da orla em que eles se instalavam para garantir a diversão de determinados grupos. Embora não houvesse um local de concentração dos mesmos, eles já se configuravam enquanto espaços-território, pelo fato de se tornarem espaços concretos, instrumentos de controle e exploração, e espaços diferentemente apropriados (concreta e simbolicamente, utilizando a distinção lefebvriana entre dominação e apropriação), uma vez que produziram símbolos e identidades, isto é, uma

multiplicidade de significados que operavam em conjunto, variando conforme o contexto em que foram construídos (HAESBAERT, 2006).

Já na década de 1990, é possível perceber que houve uma concentração de bares e boates nas ruas que ficam no entorno da feirinha de artesanato em Tambaú, principalmente após o Projeto Vitrine Turística Tambaú, desenvolvido pela PBTUR durante o primeiro governo de José Targino Maranhão, o qual oficializou a Rua Coração de Jesus como pioneira do projeto, cuja placa encontra-se numa parede desta referida rua. Após a criação desse projeto, percebe-se uma territorialização do agito em basicamente quatro ruas: Antonio Lira da Silva, Coração de Jesus, Izidro Gomes e Av. Olinda. Os bares localizados na Rua Coração de Jesus, são considerados até hoje como bares da “moda” por serem locais em que a permissividade é marca registrada entre os grupos que se identificam com essa área. Os moradores das áreas próximas costumam chamar essa rua de “esquina maldita”, devido o uso de drogas, as constantes brigas de grupos embriagados, o barulho dos carros, das músicas dos bares, entre outros (MELLO, 1987).

A foto abaixo mostra a placa de inauguração da Vitrine Turística Tambaú, a qual está colocada em um muro vizinho ao KS Bar. Hoje, não é possível identificá-la porque existem várias pinturas em grafite sobre a mesma.

Figura 17 Placa oficial do projeto Vitrine Tambaú



Foto: Antonio Carlos C. dos santos

Os notívagos¹³ da cidade, costumam frequentar esse território pelo fato de o mesmo apresentar bares e boates dos mais variados estilos. Nos finais de semana, essa área se torna de grande efervescência e movimentação de homossexuais, garotas e garotos de programas, “patricinhas”, “mauricinhos”, pessoas que fazem parte dos movimentos: Grunge¹⁴, Emo¹⁵, Punk¹⁶, Reggae¹⁷, entre outros.

Um bar que fez bastante sucesso na Rua Coração de Jesus durante meados dos anos 90 foi o Sanatório. Bastante frequentado pela turma GLS, esse bar se tornou referência nos roteiros gays de João Pessoa, pelo seu estilo diferente, segundo nos relata A. S., “[...] tinha um recanto com almofadas para relaxamento da galera, a cozinha especializada em saladas [...], um variado cardápio de bebidas e estilo musical rock pop [...]. Abria sempre a partir das terças feiras e sempre dava muita gente todos os dias, principalmente nas sextas e sábados. [...] A galera reclamava muito o fato de não ter espaço para dançar, por isso o dono resolveu alugar uma pequena casa vizinha e transformar em um espaço dançante com batidas eletrônicas, pop rock [...], para atender aos pedidos dos seus clientes. [...] mas essa área não chegou a completar um ano. [...] por causa disso, a galera que queria curtir músicas de boate passava a noite revezando o tempo entre ele e a *BX*, que ficava na rua por trás”.

Ainda segundo o nosso entrevistado, o Bardok, situado na Av. Olinda, onde hoje funciona o La Espanhola, vizinho à lanchonete Mundial, “[...] era o point de um grupo mais eclético das “noitadas”. [...] com estilos musicais bastante diferenciados em cada dia da semana: aos sábados dance music, nas quartas e domingos voz e violão, nas quintas pagode e nas sextas forró, garantia bons lucro à sua dona. [...] era um bar muito pequeno, mas aconchegante [...], tinha “certa” segurança porque não era totalmente aberto e contava com um segurança na

¹³ Quem tem preferência pela noite, isto é, pela vida noturna. Fonte: Dicionário Prático da Língua Portuguesa. Autor: Dermivaldo Ribeiro Rio.

¹⁴ Movimento formado por pessoas melancólicas que apresenta estilo musical a partir de vertentes do Rock.

¹⁵ Movimento contemporâneo que apresenta estilo próprio de vestir e estilo musical com letras melancólicas, oriundo do Punk Rock.

¹⁶ Movimento que surgiu nos EUA por volta de 1975, o qual fazia apologia à rebeldia e diversão.

¹⁷ Gênero musical desenvolvido originalmente na Jamaica no fim da década de 60, cuja palavra pode significar “farrapo” ou “roupa rasgada”, daí os seus simpatizantes se vestirem assim.

portaria que fazia o controle da entrada das pessoas. O Zabumbar, nessa mesma avenida, também agitou as noites e fez muito sucesso. [...] Suas músicas eram mais voltadas para o reggae, mas também tinha dias que apresentava só voz e violão. [...] ainda era menor do que o Bardok, mas vivia cheio, principalmente, da galera mais alternativa que adorava passar a noite em sua calçada [...], porque não tinha espaço para todo mundo dentro. [...] ele ficou conhecido como o bar dos ‘maconheiros’”. (entrevistado no dia 21/05/2010).

Na Rua Antonio Lira da Silva, encontra-se o Convívio Bar, famoso pelos seus petiscos e cerveja sempre gelada, pontifica como o mais antigo bar dessa rua, que permanece até os dias atuais. “[...] o pessoal que vem para o Convívio vem em busca de um bom tira-gosto e um bom papo com amigos, [...] nas sextas feiras, após uma longa jornada semanal de trabalho, nós queremos mesmo é tranquilidade e comer bem. [...] Este ambiente se torna um grande atrativo para relaxar na chegada do final de semana. [...] nós gostamos daqui porque não tem música ao vivo, não tem aquela barulheira infernal que os outros têm [...], a cozinha é muito boa e a qualidade do atendimento faz o diferencial dentre os vários bares localizados nas proximidades. [...] como você mesmo pode ver, aqui só vêm mais casais (muitas vezes acompanhados de seus filhos), empresários, jornalistas, comerciantes e alguns funcionários públicos como a gente” (K. B. e C. R., em 20/06/2009).

Figura 18 Convívio Bar



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

A boate Santuário também fez parte da diversão dessa rua durante o final da década de 1990. De acordo com N. G. A., funcionava de quinta a domingo com públicos variados “[...]. Nas quintas-feiras a boate era comandada pela agência de modelos Espaço da Moda e era bastante frequentada por gays e lésbicas. [...] A maioria tinha convite e não pagava entrada. Nas sextas e sábados era voltada para o público heterossexual que curtiava desde batidas eletrônicas até forró. [...] O movimento desses dois dias caiu muito depois que os preconceituosos que frequentavam aquela rua rotularam como boate gay. [...] cinco meses depois de sua inauguração, o proprietário resolveu transformá-la em boate gay de fato, passando a concorrer com a Boate BX (conhecida como boate da tia Jane). [...] Era uma boate com o melhor espaço físico entre todas que já existiram na praia, pena que fechou logo, não chegou nem a completar um ano de inaugurada. [...] O que levou ao seu fechamento foi o fato de a rua ser muito residencial, o que deixava muita gente sem coragem de frequentar com medo de ser visto e das várias cortesias concedidas aos conhecidos dos organizadores” (entrevista em 15/07/2009).

Na atualidade, o prédio onde funcionou a referida boate ainda pode ser visto na paisagem, embora esteja bastante deteriorado em virtude do tempo e da falta de uso depois do fechamento da mesma.

Figura 19 - Prédio onde funcionou a Santuário



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

O histórico da boate Santuário na área de agito de Tambaú só vem a reafirmar a ideia de território, de acordo com os argumentos de Marcelo Lopes de Souza (1995, p.78), quando diz que o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, posto que os indivíduos quando desenvolvem a habilidade de se impor uns aos outros vão criar uma localidade e a continuidade dessas relações transformará esta localidade em território. O caso da Santuário, só vem a afirmar este espaço enquanto território tendo em vista ter sido ocupado de forma concreta pelos grupos GLS e dentro dele terem existido relações de poder. Sua durabilidade enquanto território criou certa identidade sócio-espacial com esses grupos.

Por outro lado, é imprescindível entender que os limites de um território não são imutáveis, ao contrário, suas fronteiras podem ser alteradas a qualquer momento. A durabilidade ocasionará uma identidade sócio-espacial, não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e com o poder controlador do mesmo (SOUZA, 1995, p. 84).

Conforme a pesquisa foi avançando em torno do seu objeto, foi possível identificar que houve uma mobilidade nos territórios de agito na orla marítima desde a década de 1980 e, principalmente durante a década de 1990 e nos dias atuais, tendo em vista o tempo curto de duração da maioria dos bares e boates dessa área, como também a mudança de referência espacial-identitária que alguns grupos apresentaram com relativa facilidade.

Nos anos 2000, a mobilidade desses territórios continua a ser evidenciada ainda mais. Vários foram os bares e boates que abriram e fecharam e/ou mudaram de endereço durante o decorrer da pesquisa. Poucos são os que sobrevivem até hoje e permanecem fazendo sucesso e garantindo o agito dos seus grupos frequentadores.

O Empório Café, de propriedade do mesmo dono do Sanatório, segundo o nosso entrevistado, continua sendo bastante frequentado pela turma GLS de João Pessoa, como também de visitantes de outras cidades. “[...] Bastante badalado nas noites de segunda a domingo, permanece sendo ponto de encontro garantido para quem depois pretende “esticar” a noite em outro lugar. [...] “Todos” sempre dão uma passadinha lá antes de ir para a Vogue. [...] Apresenta quase o mesmo estilo do *Sanatório* e é visitado até por artistas globais. [...] Continua bastante

pequeno, mas é super aconchegante. Eu, particularmente, acho a ornamentação dele um luxo, totalmente original [...], proporcionando um visual bem “transado” e um estilo próprio [...], o estilo musical Pop Rock faz dele um diferencial nesta rua [...]. No seu interior os casais gays podem beijar, trocar carícias e se abraçar sem passar por constrangimentos, mesmo não sendo um bar totalmente voltado para os gays. [...] por isso eu o considero como um bar eclético, com espaço para todos os públicos. Suas saladas são deliciosas, sem falar dos variados tipos de bebidas e da cerveja sempre muito bem gelada [...]” (R. M., entrevistado em 21/05/2010)

Figura 20 - Empório Café



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Figura 21 – Parte interna do Empório Café



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Figura 22 – Parte interna vista de outro ângulo



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Nesta mesma rua encontrava-se também o Incógnito, estilo de boate-bar muito bem frequentado por grupos que costumam curtir sons musicais mais voltados às batidas eletrônicas e o Pop Rock. Ambiente fechado e bem estruturado, garantia certo conforto e segurança aos seus frequentadores. “[...] Os tira-gostos e as bebidas eram bastante variados [...]. Todas as sextas e sábados ficava super lotado, garantindo a paquera entre os grupos mais jovens. [...] As “patricinhas” e os “mauricinhos” da cidade marcavam presença todos os finais de semana e já tinham mesas estratégicas dentro do bar. O Incógnito era bastante diferenciado do estilo dos outros bares dessa rua [...]. Fechou por volta do mês de junho de 2010, devido à baixa frequência de seus clientes nos últimos meses, principalmente depois da abertura do Vinil Retro na rua da boate Zodíaco”. (Estas informações foram fornecidas no dia 08/08/2010 por um disc jockey que já trabalhou lá).

Figura 23 – Incógnito



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Diferenciando-se bastante do estilo da maioria dos bares desta rua, o KS bar se apresenta na noite como o único referencial em música tipicamente regional, tendo como especialidade o forró pé de serra. Costuma também ficar lotado nas sextas e sábados, garantindo a diversão de um público mais maduro, sobretudo formado por casais e adeptos do forró, conforme foi possível observar *in loco*, durante cinco visitas ao local. Ambiente relativamente pequeno, com refrigeração precária, costuma aglomerar um público bastante animado, embalado ao som de muito forró ao vivo com bandas locais. Este bar é um dos poucos que vem se mantendo nessa área de agito desde 2008.

Figura 24 - KS Bar: estilo bem paraibano ao som do forró



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

O Marley's bar assumia um estilo bem peculiar, cujo público era formado por pessoas adeptas ao reggae. “[...] Esse bar só dava “porra louca”, a galera que curtia muita droga, sexo e álcool. [...] durou muito pouco tempo (cerca de sete meses penas). [...] Fechou tem pouco tempo, acho que em Setembro de 2009, [...] mas ultimamente não estava dando muita gente, [...] a galera bebia muito aí, gostavam mais de bebidas destiladas (vodka, Ron, tequila) [...], os tira-gostos não eram muito variados, até porque a galera queria mesmo era beber e curtir muito Reggae” (J. P. O., entrevistado no dia 02/08/2010).

Figura 25 - Marley's Bar



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Detentor de uma infra-estrutura não muito boa, em termos de conforto, a Companhia do Chopp, localizada também na Antonio Lira, oferece aos seus clientes o melhor da MPB ao vivo, sendo o único que oferece chopp como carro chefe nessa rua. Segundo foi possível observar durante as visitas de campo, este bar é mais frequentado por casais de namorados que preferem ficar observando a movimentação de longe e curtir um bom namoro. Sua estrutura física é totalmente aberta e bastante simples (coberto com toldo), porém costuma concentrar um considerável número de clientes nas noites de sextas e sábados. Sempre oferece nestes dias música ao vivo (voz e violão). Além de chopp, o seu cardápio de bebidas e tira-gostos é variado. Segundo conversa informal com um garçom, sempre nos finais de semana são quase os mesmos clientes.

Figura 26 - Companhia do Chopp**Foto:** Antonio Carlos C. dos Santos

A Av. Olinda foi palco de vários bares e boates também no início dos anos 2000. De acordo com P. R., a boate Acrópolis agitou a noite de Tambaú durante cerca de três anos, garantindo a diversão dos grupos adeptos a uma boa balada. “[...] Só tinha ela na cidade, por isso todas as sextas e sábados era casa lotada. [...] Tocava desde dance até forró. Mesmo sendo uma boate para o público heterossexual, passou a ser bem frequentada por gays [...]. Ao começar a ser frequentada por gays, os heterossexuais começaram a deixar de ir, ocasionando o seu fechamento em 2006” (entrevistado em 21/07/2010).

Figura 27 – Local onde funcionou a Acrópole e posteriormente a Electra**Foto:** Antonio Carlos C. dos Santos

Localizado também nesta mesma avenida, o Tempero da Goma foi um bar aberto, bastante frequentado pelo público GLS que costumava fazer parada obrigatória antes de adentrar a boate Electra, também voltada para o mesmo público e do mesmo proprietário. Tanto o bar quanto a boate pontificaram a diversão GLS da orla de Tambaú de 2006 até meados de 2007.

De acordo com R. V., vários foram os motivos que levaram ao fechamento dos dois. “[...] Eram muitas as reclamações dos vizinhos, inclusive do proprietário do prédio onde funcionava o bar, que morava ao lado, por causa dos frequentadores que não se esquivavam de beijar seus companheiros em plena rua, das constantes brigas envolvendo travestis e casais de lésbicas [...]. [...] A polícia foi acionada pelos moradores da redondeza várias vezes para acalmar os ânimos. [...] Tinha uma especialidade em tapiocas e outras comidas à base de goma, como também panquecas dos mais variados sabores. Além desses problemas cotidianos [...], a abertura da boate *Vogue* no Centro da Cidade, passou a ser o novo ponto de encontro de gays e lésbicas, deixando o Tempero da Goma sem movimento, ocasionando o seu fechamento e a entrega do prédio ao seu proprietário”, conforme nos disse o entrevistado acima em 22/07/2010.

“A Electra pelo fato de se localizar numa rua muito movimentada e sob os olhos de todos os transeuntes dessa área de agito [...], muitos gays passaram a não frequentar com medo de serem vistos. [...] A frente da boate chamava muito a atenção de quem passava, pela grande quantidade de drag queen que se aglomerava na frente [...]. Por causa da “fechação” delas, o movimento era muito pequeno, não dando lucro suficiente para pagar as despesas. Por isso o dono resolveu fechá-la em meados de 2007. [...] não podemos também desprezar o fato da abertura da *Boate Vogue* no Centro da Cidade” (M. M. L., entrevistado em 22/07/2010).

Figura 28 - Prédio onde funcionou o Tempero da Goma



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Em 2008, o La Espanhola se transfere da beira mar para esta rua, em virtude do Ministério Público ter determinado a demolição do quiosque onde o mesmo funcionava. Segundo ações impetradas por este órgão, o bar estava ultrapassando os limites permitidos para este tipo de estabelecimento em áreas públicas municipais. A sua ida para a Av. Olinda só reafirmou ainda mais a territorialização do agito nesta área da orla de Tambaú.

Possuidor de uma grande variedade de bebidas e tira-gostos, oferece música ao vivo todos os dias da semana, cujos estilos variam desde samba até axé-music. O público que costuma frequentar este bar dançante é formado por pessoas acima dos 35 anos. Ambiente bastante agradável, costuma ser bem frequentado nas noites de sextas e sábados, como foi possível verificar *in loco*.

Figura 29 - La Espanhola



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Outro ambiente bastante sofisticado e que faz parte do roteiro do agito na praia de Tambaú é a boate Zodiaco, localizada na Rua Izidro Gomes. Bastante frequentada pelos grupos mais abastados da sociedade pessoense, a boate apresenta um estilo arquitetônico arrojado e moderno, dando a aparência de um navio. Suas instalações internas oferecem conforto e segurança aos seus clientes, que costumam lotar suas pistas, terminando suas noites ao raiar do Sol.

Figura 30 – Boate Zodiaco



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Ao interpretar as várias formas de “apropriação” dos bares e boates de João Pessoa por diferentes grupos urbanos, percebe-se a existência de alguma forma de poder, bem como de laços simbólicos que, em decorrência de alguns fatores subjetivos, transformaram esses espaços em território. O surgimento e a manutenção dos mesmos são importantes para que se possa entender os grupamentos e as mais variadas relações sociais que surgiram e surgirão na cidade.

Conforme foi aumentando o contato com os atores da pesquisa, foi possível perceber que os grupos que frequentaram e frequentam estes bares e boates desenvolvem sempre uma identificação em torno de um ideal comum para afirmar suas identidades. Assim, para pesquisar estes grupos, o conceito de território é o que mais se adéqua à proposta, uma vez que representa a possibilidade de investigar as relações de “poder” e as atribuições simbólicas, como também o sentimento de pertencimento desses atores que engendram o objeto em estudo.

Com os exemplos trabalhados, foi possível observar como as percepções são diferenciadas, mas ao mesmo tempo comportam em si elos intersubjetivos, através da formação das representações sociais. Estas, por outro lado, são mutantes e estão à mercê das estratégias ideológicas, da (re)configuração dos poderes e das (re)significações construídas e atribuídas em diferentes tempos e/ou momentos.

Analisar, comparar e interpretar tais interjubilidades, nos faz entender a relação íntima existente entre os sujeitos e o objeto da pesquisa, visto que todo relacionamento entre indivíduos num determinado ambiente se processa no campo da ação ou da liberdade de ação, isto é, na “negociação” com o outro.

CAPÍTULO 3: A territorialização de bares e boates gays no Centro da cidade a partir da década de 1990.

Compreender as mudanças de uso das ruas, bem como as práticas sociais dos antigos e atuais frequentadores dos bares e boates em relação a este espaço da cidade, nos leva a observar e questionar os diferentes espaços e universos simbólicos existentes no interior da vida social desta parte da cidade. Estes vários universos simbólicos podem ser explicitados na configuração espacial dos diferentes locais e em diferentes horas do dia ou da noite. Ao fazer estas análises, percebe-se que o Centro da Cidade de João Pessoa foi assumindo um significado distinto e um sentimento de identidade de acordo com as diferentes “apropriações”.

Analisar a cidade como um processo de recodificação do passado é entender todo o processo de transformações que se desloca progressivamente para um novo momento, isto é, é vivê-la como consciência de si (HILLMAN, 1993, p. 12). Partindo desse pressuposto, ela passa a ser o lugar onde o homem “moderno” vive, o espaço da casa, do indivíduo e da família. Ao mesmo tempo, é também o espaço das ruas e praças, do poder, dos centros econômicos e culturais, da multidão, dos grupos marginalizados e das manifestações políticas, ou seja, ela se torna o nosso contexto, fazendo parte de cada morador.

O deslocamento dos grupos e indivíduos entre os “territórios” de significação nas cidades é uma das questões cruciais para se compreender o fenômeno da memória coletiva e, por consequência, da estética urbana de João Pessoa, como fruto da ação recíproca de grupos e indivíduos no contexto das trocas sociais e das formas específicas dos arranjos da vida social desta área em foco. A complexidade dos gestos acumulados de seus habitantes proporciona subsídios para entender o processo de territorialização e desterritorialização de identidades sociais e a continuidade e descontinuidade sistêmica de valores acionados pelos grupos que frequentam esses territórios.

3.1 Diversidade e preconceito: o surgimento do movimento homossexual.

Conforme já foi assinalado, o foco de análise neste capítulo são os territórios homossexuais do Centro da Cidade. Assim, será apresentado, um breve histórico do movimento homossexual, visto que a partir deste movimento os homossexuais saíram da invisibilidade política.

O movimento em defesa dos direitos dos homossexuais, segundo Mott (1999) é internacional. De acordo com as leituras de algumas publicações dos grupos que compõem o movimento GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) brasileiro, percebemos casos de discriminação e repressão à orientação sexual destes grupos.

As primeiras manifestações do orgulho gay na América Latina aconteceram em 1977, em Lima, no Peru. No Brasil, este movimento teve origem no final dos anos 70 em São Paulo, com a fundação do grupo “O Somos”, que anos depois se estendeu ao Rio de Janeiro. Outros grupos surgiram ao longo da década 1980, a exemplo do Atoba e Triângulo Rosa/RJ; Grupo Gay da Bahia; Dialogay/SE; Grupo Dignidade/PR; Grupo Gay do Amazonas e Nuances de Porto alegre. Hoje, existem entidades de representação homossexual em todos os estados brasileiros, todos afiliados à ABGLBT- Associação Brasileira de Gays, Lésbicas Bissexuais e Travestis (entidade nacional de representação desse seguimento). Esta entidade costuma realizar anualmente encontros e palestras nacionais para discutir políticas específicas dos grupos e eleger sua direção (MOTT, 1999).

Os anos de 1980 representaram para o Brasil uma ascensão dos movimentos sociais, reforçando as lutas pelo retorno dos direitos civis, políticos, econômicos e sociais, modelando a concepção e a prática em direitos humanos para a construção da cidadania individual e coletiva. Segundo Gohn (1995), esta década foi extremamente importante de ponto de vista das experiências político-sociais, tendo em vista a volta das eleições diretas, o processo constitucional, o surgimento das centrais sindicais, das entidades organizadas, dos movimentos populares e de tantos outros. Foi nessa década que emergiram vários movimentos centrados na ética e na valorização da vida humana, como: O Movimento Viva Rio, o Movimento de Meninas e Meninos de Rua, Movimento dos aposentados, Movimento Nacional dos Direitos Humanos, entre outros. Não podemos deixar de lembrar também do aumento no surgimento de ONGs.

Na Paraíba, o Movimento Nacional dos Direitos Humanos surgiu a partir de organizações não governamentais e órgãos públicos, a exemplo do Centro da Mulher 8 de Março, do Serviço de Paz e Justiça (SERPAJ), do Movimento Margarida Maria Alves, da Comissão dos Direitos do Homem e do Cidadão (CDHC/UFPB), entre outros (ZENAIDE E CARNEIRO, 1994).

A década de 1990 foi marcada pela explosão de ONGs, comissões de direitos humanos e conselhos de cidadania. Em 1993 surge o Movimento do Espírito Lilás, marcando a luta dos homossexuais em busca de mecanismos de defesa dos seus direitos e atuando de forma emergencial às violações. Esse movimento impulsionou a luta para cobrar ação institucional do Estado e da própria sociedade. É também nessa década que a homossexualidade passa a não ser mais vista como doença pela OMS – Organização Mundial de Saúde (MOTT, 1999).

Apesar das conquistas sociais e da visibilidade alcançada pelas populações LGBT, são poucos os estudos que relacionam o uso do espaço e a identidade homoafetiva no Brasil. Em virtude disso, é preciso recorrer a alguns autores de outras ciências, sobretudo da psicologia, para embasar melhor o entendimento sobre essa questão e assim facilitar a compreensão a respeito dessa nova territorialização ocorrida no Centro da Cidade na década de 1990, principalmente nas Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas.

O termo homossexual (hoje homoafetivo) foi usado pelo húngaro Benckert em 1869, com o objetivo de atender a um pedido do Ministério da Justiça da Alemanha, que considerava a pederastia crime. Nesse período, tratava-se de um vocabulário atrelado à criminalização das sexualidades. Para alguns autores, esse termo é limitado e limitante, uma vez que induz à cristalização de um “modelo” de desviados no imaginário social (BRAGA JUNIOR, 2004, p. 213-218). Embora a homossexualidade seja uma “invenção” do século XIX, é a partir do século XX que os discursos sobre esse tema vêm se engendrando no cerne das lutas sociais. Assistimos a um aumento, no Brasil e no mundo, das políticas públicas e de cidadania, fomentados pelos movimentos homossexuais e pela proliferação de ONGs, que buscam lutar pelos direitos antidiscriminatórios, contra a violência homofóbica e, conseqüentemente, pela afirmação de uma identidade hegemônica e de resistência.

Se antes as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia¹⁸, a partir da segunda metade do século XX, essa prática passou a definir e representar um tipo especial de sujeito que viria a ser marcado e reconhecido. Caracterizado como um desvio da norma e de conduta, o segredo ou a segregação era algo comum entre esses grupos (GIDDENS, 1993). De acordo com ele:

As numerosas perversões sexuais catalogadas por psiquiatras, médicos e outros profissionais foram dessa forma abertas à exibição pública e transformadas em princípios de classificação da conduta, da personalidade e da autoidentidade. O propósito não era terminar com as perversões, mas atribuir-lhes uma realidade analítica visível e permanente, elas foram implantadas nos corpos, furtivamente introduzidas em modos de conduta indignos. Por isso, na legislação pré-moderna a sodomia era definida como um ato proibido, mas não era uma qualidade ou um padrão de comportamento de um indivíduo. (GIDDENS, 1993, p. 28-29)

Segundo Giddens (1993), o homossexual do século XIX tornou-se um personagem, um superado, um registro de caso, como também um tipo de vida, uma “morfologia”. Segundo as concepções de Foucault:

Não devemos imaginar que todas essas coisas anteriormente toleradas chamassem a atenção e recebessem uma designação pejorativa quando a época acabava de outorgar um papel regulador ao único tipo de sexualidade capaz de reproduzir o poder do trabalho e a forma da família [...] Foi através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder vinculadas ao sexo e ao prazer se espalharam e multiplicaram, avaliaram o corpo e penetraram nos modos de conduta.(FOUCAULT, 1981, p.47-48).

Hoje, as chamadas “minorias” sexuais estão muito mais visíveis e explícitas, desencadeando verdadeiras “lutas” com os grupos mais

¹⁸ Palavra de origem bíblica que faz referência às perversões sexuais, com ênfase para a cópula anal. Fonte: Mini Dicionário Aurélio.

conservadores. De acordo com Guacira Lopes (2003), [...] as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizarem, convertem o gueto em território, transformando-o em orgulho étnico ou de gênero.

A partir dessa premissa, pode-se afirmar que o segmento homoafetivo em João Pessoa é muito concreto, posto que haja vários lugares de encontros, bares e boates, além de festas e reuniões privadas que ocorrem periodicamente. Na verdade, esses espaços funcionam como lugares de encontro e sociabilidade onde os homoafetivos podem sentir-se sendo eles mesmos, uma vez que mesmo sendo lugares fechados e restritos, vão formar paradoxalmente espaços onde se cria uma escala micro social de identidade. Numa visão macro social, é possível afirmar que estes espaços de sociabilidade restritos são uma espécie de ilha habitada por grupos sociais “invisíveis”, mas que formam subjetividades identitárias.

O fato de esses indivíduos não comungarem com o padrão heteronormativo imposto pela sociedade cria um sentimento de ruptura, o qual vai provocar uma clandestinidade de suas “verdades”. A construção da liberdade homoafetiva no Brasil, como também em João Pessoa, foi obtida pelo esforço de uma sociabilidade específica, desencadeando uma autossegregação que funciona como mecanismo de reflexo subjetivo da verdade até então camuflada. Essa liberalização na busca de uma identidade homoafetiva tem se traduzido através da delimitação de espaços privados que “protegem” esses grupos contra o olhar e o preconceito daqueles que são eleitos socialmente como “normais”.

No caso de uma formação de identidade homoafetiva, o preconceito é um dos vários fatores que deve ser levado em consideração, visto que ele muitas vezes faz com que muitos indivíduos não exerçam sua identidade em sua plenitude, vivendo no “armário”. Para muitos, a vivência plena dessa identidade ocasionaria problemas ao exercer sua vida em sociedade. Todavia, dentro ou fora do “armário”, este indivíduo vivencia um forte processo de autorreconhecimento de suas identidades com pessoas semelhantes para dividir suas angústias, tendo como estratégia o campo simbólico, como afirma Kathryn Woodward (2000), quando diz que:

Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de campos simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros (WOODWARD, 2000, p.64).

Claval (1999) chama a atenção para a importância dos símbolos na construção da identidade quando coloca que os símbolos seriam responsáveis por definir o indivíduo e/ou grupo a partir de uma identificação, através de objetos, roupas, costumes, valores e estilos de vida que eles levam.

É possível perceber ainda a criação de outros mecanismos de instauração de uma sociabilidade e estabelecimento de espaços que vão contribuir para a formação de uma identidade e a visibilidade de uma “minorias” sexual. Estes sujeitos vão ser constituídos por uma identidade homoafetiva marginalizada, mas que busca seu espaço através de mecanismos sociais a partir da criação de ambientes permissivos (os bares e boates) e também de redes midiáticas de comunicação como a mídia, que, de acordo com Maffesoli (1995) “a mídia atua como espelho dos diversos narcisismos coletivos”. Outro mecanismo bastante utilizado é a internet nessa busca da autoafirmação da identidade.

3.2 As identidades de gênero e os territórios paradoxais do Centro da Cidade

Segundo Foucault (1988), as identidades de gênero se constroem nas relações de poder, exercido em múltiplas e várias direções como uma rede formada por toda a sociedade. Nesse sentido, devemos entendê-lo como uma estratégia formada a partir de manobras táticas e técnicas de funcionamento. De acordo com suas ideias, a identidade é constantemente subvertida e aberta ao novo, gerando a necessidade de políticas identitárias em que se forjam os processos de exclusão.

Partindo desse pressuposto, o espaço vai se transformar num gênero performático e ao mesmo tempo num elemento formado por atos de subjetividades que se diferenciam do ideal de gênero. De acordo com a teoria da

performatividade de Judith Butler, o gênero é algo que vai além dos papéis desempenhados por homens e mulheres diante da hegemonia da heteronormatividade. Assim, o processo de vinculação dos grupos homoafetivos que frequentam os bares e as boates gays do Centro da Cidade de João Pessoa vão está diretamente ligados aos espaços de identidade a partir das relações estabelecidas, as quais vão dar origem a um processo de vinculação socioespacial.

Etnografar esses bares e boates desperta no pesquisador a capacidade de identificar as várias formas de resistência, bem como entender o processo de formação de territórios de agito, dentro de um contexto em que é perceptível a criação de novas formas de lidar com a sexualidade. Os encontros e contatos com esses grupos possibilitaram o entendimento de que, ao mesmo tempo em que eles procuram iguais para suas relações, eles representam um ato de resistência a um modelo hegemônico de sexualidade.

A partir das investigações, foi possível entender as experiências homoafetivas como pluralidade inserida num contexto de lutas históricas. Para melhor trabalhar o conceito de experiência, as ideias de Walter Benjamin (1993), dão um suporte teórico-metodológico, que retrata a experiência como uma relação de transcendência do biográfico no político num determinado período histórico. A partir dessa visão, a experiência homoafetiva se transformará num estatuto político. Para este autor, diferentemente de muitos outros, a experiência nos traz a noção de um tempo histórico dinâmico e inacabado e não como uma linearidade. Segundo ele, a noção de experiência deve estar sempre atrelada a um tempo que é constantemente retomado e reinventado. Assim, nada se perde para a história, sobretudo a história das minorias sexuais, cujo passado é marcado por lutas políticas, as quais retratam as várias formas de apropriação do espaço social.

As idas e passeios a estes locais permitiram ficar de frente com a história dos que ainda frequentam os bares e boates da atualidade, como também dos que por ali passaram. Desta forma, foi possível vivenciar a cidade contando o seu passado. Com base nas afirmações de Benjamin (1994, p. 225), desenvolver análises e reflexões acerca dessas minúcias ou minorias é “escovar a história à contrapelo”.

De acordo com as análises de Michel Foucault acerca da sexualidade, ela é fruto de uma produção histórica da Modernidade, onde o cuidado com o corpo sexual funcionava como um condutor de controle médico e social. A heterossexualidade burguesa foi tomada como “natural”, sendo a única forma de expressar corretamente o desejo sexual humano de forma saudável. Qualquer sinal de desvio em relação à heteronormatividade era considerado como patologia.

O método de pesquisa utilizado permitiu articular a história, a experiência e a política dos grupos que freqüentaram e frequentam essas áreas da cidade enquanto espaços de sociabilidade homoafetiva, possibilitando um diálogo com uma minoria sexual que se constitui enquanto sujeitos históricos no reconhecimento do caráter polissêmico e polifônico da experiência em questão. “Importar” um método antropológico para uma pesquisa geográfica significa fazer uma problematização da histórica divisão entre as ciências humanas e sociais, tendo em vista que o objeto de investigação das Ciências Humanas traz consigo uma grande questão epistemológica onde o sujeito é o próprio objeto.

Diante desse contexto, ao trabalhar a etnografia dos bares e boates gays do Centro da Cidade, não está se desenvolvendo uma pesquisa de forma neutra de um movimento ou grupo social. Nesse método, o pesquisador se insere no lugar de sujeito e objeto a partir de um método investigativo *in loco* para retratar as experiências do sujeito homossexual. Para tanto, é necessário passar pelos muitos sentidos e vozes do “objeto”, ou seja, estar desenvolvendo uma observação-participante. Assim, ao visitar as Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas, foi possível recolher e captar imagens de onde funcionaram os bares e boates da década de 1990 para a partir daí compreender o processo de territorialização, como também as estratégias de resistências utilizadas pelos indivíduos e pelas coletividades homoafetivas.

A realização de entrevistas com sujeitos destes territórios de investigação e as várias visitas à boate Vogue na Rua Visconde de Pelotas possibilitou conhecer o que se produz na homoafetividade, sobretudo masculina, visto que todas as atrações oferecidas no seu interior são voltadas para esse público, a exemplo dos shows de drag queen, gogo boy, transformistas, entre outros. Muito raramente existem shows voltados para o público gay feminino.

Embora o olhar desta pesquisa esteja voltado à compreensão do homoafetivo enquanto sujeito social e político, com direitos e capacidade de agir com o meio, promover discussões, promover políticas que envolvam sua condição humana, não se quer e nem se pretende construir conceitos gays, mas sim problematizar a experiência homoafetiva como um processo de embates históricos e políticos dentro de um contexto em que seja possível entender e identificar o processo de formação e territorialização de ambientes gays no Centro de João Pessoa. Pretende-se na verdade, discutir e entender como determinados atores se apropriam do espaço, neste caso representado por um grupo específico, que delimita e delinea territórios, não só no sentido local, mas também cultural, imprimindo neles sua identidade através de uma relação simbólica de poder.

Portanto, é importante compreender que esses grupos identitários também apresentam um comportamento espaço-territorial, o qual se expressa a partir da territorialidade ou mesmo de territórios propriamente ditos e reconhecidos socialmente. Segundo afirma Claval (1999, p. 16), a ligação entre identidade e território é bastante forte, visto que “a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades”. Ele ainda chama a atenção para o fato de que a delimitação desse território livraria esse grupo do que ele apregoa de “poluição” que o “outro” seria portador. No caso dos grupos homoafetivos em estudo, essa “poluição” se mostra a partir das formas de discriminação que impedem alguns indivíduos de exercerem suas identidades plenamente.

Assim, os territórios de convivência homoafetiva de João Pessoa se caracterizam pelos símbolos ligados a ele, transformando-se num território simbólico, materializado pela afirmação dessa identidade, conforme a visão de Haesbaert (2007). Ao ser analisado de forma mais criteriosa, percebe-se que cada vez mais essa identidade homoafetiva ganha espaço no Brasil e no mundo, se encaixando no que Pierre Bourdieu (1984) chama de “campo social”, tendo em vista que entre eles é possível encontrar verdadeiras famílias com seus espaços de vivência e conjuntos simbólicos, mediados por significados culturais sobre sexualidade.

3.3 – A linguagem e o estilo como marcas da simbologia dos homoafetivos de João Pessoa

Como já foi mencionado anteriormente, apesar do preconceito que ainda existe na atualidade, é possível verificar que a identidade homoafetiva vem ganhando cada vez mais espaço a partir de seus símbolos e imagens que são cada vez mais difundidas e evidenciadas, inclusive por indivíduos que não comungam com essa identidade, devido à vinculação dos mesmos na mídia ou por fazer parte do cotidiano de muitas pessoas.

As formas como as pessoas se expressam; as gírias¹⁹, as palavras, entonações, entre outros, revelam um pouco da identidade de indivíduos e/ou grupos, podendo variar em escala nacional e local. Algumas gírias são usadas pelos grupos homoafetivos de todo o Brasil, contudo existem aquelas particulares que os demais grupos de outras regiões não as conhecem. Portanto, a fala serve como uma forma de marcar determinadas identidades em diferentes escalas.

Ao conversar informalmente, como também através das entrevistas com os frequentadores dos bares e boates gays do Centro, verifica-se que são várias as gírias e expressões utilizadas por estes grupos, chegando a formar um vasto e criativo “vocabulário”, o qual vai fazer parte da definição de suas identidades. Para tanto, com o objetivo de compartilhar dessa vivência, algumas destas palavras e seus respectivos significados dentro do dialeto²⁰ deles, foram elencadas, tendo em vista a sua representatividade em seu campo simbólico como uma forma particular de se expressar, tais como:

Abalou	- o mesmo que arrasou
Aqué	- dinheiro
Aquendar	- ficar ou fazer sexo com alguém
Bafom	- confusão
Barbie	- gay malhado, porém afeminado
Bofe	- homem bonito

¹⁹ S.f. 1. Linguagem especial, cifrada, usada por marginais. 2. P.ext. linguagem especial de artes, técnica e profissões de modo geral. 3. Jargão; calão. Fonte: Dicionário Prático da Língua Portuguesa, de Dermival Riberio Rios. m

²⁰ S.m. 1. Linguagem peculiar a uma região. 2. Variedade regional de uma língua. Fonte: Dicionário Prático da Língua Portuguesa. Autor: Dermival Ribeiro Rios.

Bolacha	- homossexual feminino
Bubu	- pênis pequeno
Cheque	- cocô
Carimbo	- doença sexualmente transmissível
Carimbar	- transmitir doença
Caminhoneira	- mulher homossexual masculinizada
Carão	- fazer pose, caras e bocas
Chuça	- lavagem intestinal
Colar velcro	- ato sexual entre duas mulheres
Colocado	- embriagado ou drogado
Demônio	- gay feio(a)
Dumdum	- pessoa negra
Desaquendar	- sair fora, deixar o lugar
E aê?	- expressão de cumprimento
Ebó	- macumba, trabalho
Edí	- ânus
É tudo	- algo muito bonito e/ou interessante
Entendida(o)	- gay, lésbica
Elza	- roubar
Erê	- criança
Equê	- mentira
Gravação	- sexo oral
Mona	- homossexual masculino afeminado
Mala	- órgão genital masculino
Mala pronta	- estar excitado
Maricon	- gay com mais de 50 anos
Nena	- cocô ou desinteria
Neca	- órgão genital masculino
Odara	- grande
Oco	- homem
Pencas	- em grande quantidade, muito
PAM	- sigla para passiva até a morte
Pintosa	- gay masculino muito afeminado

Racha	- referência a uma mulher
Se joga!	- expressão de estímulo
Suzie	- homem homossexual malhado, afeminado e já com mais de 40
Tombar	- arrasar, chegar arrasando
Tô loka	- expressão de raiva
Tá meu bem!	- expressão de admiração
Trava	- travesti
Tô passada!	- expressão de espanto
Tô bege!	- expressão de espanto
Uó	- alguma coisa ruim
Um luxo!	- algo bonito, interessante

Estes são pequenos exemplos do “vocabulário” utilizado por eles, sobretudo quando estão em seus grupos, definindo suas identidades, como também contribuindo a distingui-los de outros grupos. Contudo, ele é mais utilizado pelos transformistas e travestis na hora dos seus shows para a interação com o público. Ao utilizarem essas palavras, eles arrancam várias risadas, tornando as noites descontraídas e engraçadas.

Outro mecanismo bastante forte é o estilo²¹ para definir uma identidade. A forma como nos apresentamos, seja pela postura ou por determinado tipo de roupa, combinação de cores e modelos podem revelar um pouco da identidade de um indivíduo ou até mesmo de um grupo. O estilo, segundo Maffesoli (1995), pode ser reconhecido como uma “espécie de língua comum”. Ao observar a forma de vestir de alguns indivíduos que circulam nas cidades, é possível identificar a qual grupo eles pertencem. No caso de um roqueiro, seus vários brincos, piercings, correntes e pulseiras de metal e roupas pretas ajudam a identificá-lo como tal. O mesmo ocorre com o Emo, que tem seu estilo próprio de vestir, expressão facial, forma de pentear os cabelos, gosto musical, entre outros.

Estes são alguns exemplos de como o estilo pode refletir a identidade coletiva de um determinado grupo, diferenciando-se da sociedade como um todo.

²¹ S.m. 1. Maneira ou caráter particular de se expressar em qualquer arte; feição especial dos trabalhos de um artista, de um gênero ou de uma época. Fonte: Dicionário Prático da Língua Portuguesa. Autor: Bermival Ribeiro Rios.

Estes indivíduos optam por se diferenciarem enquanto grupo ou comunidade em relação à sociedade. Desta forma, eles são movidos por um “ideal comunitário em detrimento do ideal societário”, como bem coloca Michel Maffesoli (1995). Para este autor, o estilo reflete a identidade das inúmeras tribos urbanas existentes, uma vez que “multiplicam-se agregações em torno de um estilo, com o objetivo de estar com o semelhante, com o risco de excluir o diferente”.

A mídia também assume um papel importante na influência do estilo das pessoas e dos grupos lançando modas e tendências. No caso dos grupos homoafetivos, é possível verificar a adoção de alguns estilos, contudo não se pode generalizar. A partir das várias visitas à boate Vogue, foi possível perceber o cuidado com o corpo e o uso de roupas que evidenciam os músculos por parte de muitos frequentadores, os quais depois de certa hora da noite tiram suas camisas para exhibir seus corpos. O uso de tatuagens, roupas mais justas (baby look) com desenhos brilhosos e preferência por algumas grifes também fazem parte do estilo de muitos deles.

Portanto, essa tendência a um padrão de estilo não deve ser vista como um processo de alienação motivado pelo consumismo, mas como uma estratégia de luta dos grupos homoafetivos que sofrem com a discriminação e o preconceito, na busca de se mostrarem visíveis na sociedade.

3.4 – A multiterritorialidade homoafetiva no Centro da Cidade

No final da década de 1980, quando a orla marítima já era palco de uma forte especulação imobiliária, o Centro da Cidade passa a servir apenas como área comercial. Os prédios residenciais cederam lugar a instalações comerciais, as quais funcionavam no período diurno. As ruas passaram a assumir outro tipo de uso, ficando completamente vazias no período noturno. A partir desse período, a existência de vários bares e boates gays nessa área da cidade, até então “esquecida” em termos de vida noturna, torna-se visível. Segundo os entrevistados, dois motivos básicos fizeram do Centro da Cidade uma área de atração para esse novo foco de agito que João Pessoa passou a apresentar.

“Em virtude dos altos preços dos alugueis dos imóveis que ficavam nas áreas mais próximas à orla [...]; como também dos olhares preconceituosos da

sociedade, resolvi abrir o Baco's bar na Av. Diogo Velho, de certa forma, uma rua pouco movimentada à noite e com o preço dos alugueis bem mais acessíveis [...]. Como todas as atenções estavam voltadas para a praia, as “bibas” não corriam o risco de serem vistas pelos seus familiares [...]; pena que durou tão pouco tempo, cerca de dois anos e meio apenas [...]. A ideia do nome Baco's bar veio do meu “namorado” que adorava a Mitologia Grega [...]. O meu bar era totalmente voltado para o público gay e havia muito respeito no seu interior, apesar de ser um bar nesse estilo. Do lado de fora não me incomodava com o que rolava [...]; todos os finais de semana ele ficava lotado, mesmo não tendo música ao vivo e nem ambiente para dançar [...]. Na copa de 1990 eu abri durante os jogos do Brasil e foi um sucesso [...]. Depois que eu abri esse bar, outros bares foram abertos, inclusive uma boate, quase em frente. [...] por esse motivo tive que fechar porque o meu movimento caiu bastante. O público gay não é muito fiel aos ambientes, eles trocam de lugar a cada bar que abre e passa a oferecer novidades [...]” (C. C., entrevistado em 08/09/2008).

Figura 31 - Casa onde funcionou o Baco's bar



Foto: Antonio Carlos C. Santos

“A boate Notórius [...] fez a badalação do Centro da Cidade. Também situada na mesma Rua do Baco's, ela virou a “fechação” da noite gay de João Pessoa [...]. Embora já existisse a boate BX na praia, muita gente gostava mais da Notorius porque tinha um público mais seletivo [...], a BX dava mais lésbica e as “bichas” mais “pobres” [...]. O público da Notorius se vestia melhor e tinha outro nível [...]. Todas as sextas e sábados era uma verdadeira ferveção (agitação) [...];

todos que gostavam de curtir dance music marcavam presença e dançavam até as cinco da manhã [...]; a boate era toda espelhada e com ar condicionado. [...] Todos os sábados tinham shows de transformistas e algumas vezes de gogo boy. [...] O que mais atraía além das músicas era o dark room²² onde os mais ousados faziam suas pegações²³. As “bichas” mais metidas a fina costumavam se jogar no dark room quando já estavam perto de ir embora [...]. Todos os sábados circulava um jornalzinho dentro da boate contando as fofocas da semana; os que estavam “casados”, os que levaram “chifre” dos seus namorados, os que viajaram para o exterior, os que foram vistos nos locais de pegação, a exemplo do banheiro das Lojas Americanas da lagoa (atual Hiper Bompreço), a parte de trás do Hotel Tambaú, o antigo bar da Pólvora [...], entre outros. Sempre que tinha shows, os transformistas para brincar com a galera mandavam as “passivas” irem para trás e as “ativas” para a frente do dance. (S. S. entrevistado em 11/09/2008).

Embora com entonação de brincadeira, essa atitude por parte desses transformistas, revela uma segregação existente entre os grupos dentro desses territórios, a qual pode ser entendida como relação de poder.

Figura 32 - Casa rosa onde funcionou a Notorius



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

²² Em inglês significa quarto escuro. Porém, segundo o entrevistado era um quartinho escuro, aonde todos iam buscar sexo sem saber com quem.

²³ No “vocabulário” gay, segundo o entrevistado, significa sexo por sexo, satisfação da necessidade sem compromisso sério.

“Por volta de 1994, mais um bar é inaugurado na escadaria da faculdade de Direito, próximo à Praça João Pessoa. [...] O Anjo Azul era um bar completamente aberto e sem estrutura, onde as mesas ficavam na rua mesmo [...]; nas noites de chuva não tinha como abrigar seus clientes. [...] mas tornou-se parada obrigatória para a galera que ia passar a noite na Notorius. Lá era um ponto de encontro para a paquera e para colocar o papo em dia [...]. Como a boate tinha um público predominantemente masculino, o Anjo Azul, embora fosse de uma mulher, a qual foi escolhida como madrinha dos gays, só dava mais homens. [...] A dona também costumava frequentar a Notorius e participar de alguns eventos da boate. [...] Depois que começou a rolar alguns assaltos com a galera que ia a pé de lá para a boate e alguns foram agredidos por cheira-colas e michês²⁴, muitos deixaram de frequentar o Anjo Azul, ocasionando o seu fechamento pouco tempo depois de sua abertura”. (D. M., entrevistado em 13/09/2008).

Figura 33 - prédio onde funcionou o Bar Anjo azul



Foto: Antonio Carlos c. dos Santos

O Bar Sem Censura foi o primeiro bar gay da Rua Duque de Caxias. [...] funcionava a partir das quintas feiras, abrindo a partir das 20:00 horas e era bem frequentado por gays e lésbicas [...]; estilo bar dançante, era uma referência na noite porque todos os demais citados anteriormente já haviam fechado. [...] Nas sextas feiras costumava ter música ao vivo (voz e violão) e nos domingos muito forró, samba, carimbó, axé e até músicas eletrônicas, mas não era ao vivo. [...] O

²⁴ S.m. Ch. 1. Ato de se prostituir. 2. Quantia paga a um prostituto para fazer sexo. Fonte: *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*, Dermival Ribeiro Rios

movimento maior era aos domingos, porque neste período a boate BX na praia, tinha passado por uma reforma e estava atraindo a turma GLS para lá nas noites do sábado [...]. O Sem Censura era de um casal hetero e durou uns dois anos, fechando por volta de 1998, [...] depois que passaram a cobrar entrada, o movimento caiu muito. Segundo seus proprietários [...]; eles passaram a cobrar para selecionar mais as pessoas, por conta das constantes brigas que estavam ocorrendo [...]. Depois do Sem Censura, a Duque de Caxias virou um reduto da turma GLS [...], vários outros bares e também boates abriram nesta época. (E. M. L. entrevistada em 14/09/2008)

Figura 34 - Local onde funcionou o Sem Censura



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Segundo entrevista com U. S., os anos de 1990 marcam o foco da vida noturna para gays e lésbicas no Centro da Cidade, “[...] muitos chamavam esta área de ‘Disneylândia’ da turma GLS. Durante essa década foram vários os bares e boates que abriram e fecharam, principalmente, nas Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas [...]. Alguns empresários gays de Recife vieram abrir boate aqui porque viam João Pessoa como um lugar promissor para esse ramo, já que as opções eram poucas e os aluguéis eram baixos. [...] As instalações físicas dos bares e das boates eram péssimas [...], eles alugavam as casas, derrubavam algumas paredes e passavam a funcionar sem a menor infraestrutura [...]; a boate butterfly era um exemplo vivo disso, inaugurada no finalzinho da década de 1990 [...]. Os banheiros eram em péssimo estado de conservação, o forro do teto era

um plástico preto, o piso todo remendado, não havia ar condicionado [...]; mas sempre ficava lotada nos fins de semana. [...] O seu dono era de Recife, cuja sede da boate ficava lá. O interior da boate mais parecia a “casa do terror”, [...] fazia medo o teto cair na cabeça das pessoas. Mesmo com essa estrutura precária, conseguia um bom público nas sextas e sábados, deixando a boate da praia com um público pequeno [...]” (entrevistado no dia 15/09/2008).

Figura 35 - Casa onde funcionou a Butterfly



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Até meados dos anos 2000 também foi forte a presença de bares gays na Duque de Caxias, a exemplo do Bambuluar e do Oca bar, ambos abertos praticamente no mesmo período. “[...] Infraestrutura precária, ambiente mal conservado, som de péssima qualidade, muito calor em seu interior [...], mas garantia a diversão de um público de poder aquisitivo menor, vindo, principalmente, de Bayeux e Santa Rita [...]. Os “entendidos²⁵” mais “chiques” não costumavam frequentar esses dois bares [...]. Os seus donos “brigavam” para diversificar seus atrativos para garantir maior clientela, [...] era muito comum os entendidos ficarem revezando a noite entre um e outro já que ficavam bastante próximos. Sem fazer muito sucesso, por volta de 2006, ambos fecharam e a noite gay da Duque de Caxias “morreu”. (A. A., entrevistado em 03/10/2008).

²⁵ Termo usado, segundo o entrevistado, para designar um homossexual.

Figura 36 - Casa onde funcionou a Bambuluar**Foto:** Antonio Carlos C. dos Santos**Figura 37** - Casa onde funcionou o Oca Bar**Foto:** Antonio Carlos C. dos Santos

Além da Rua Duque de Caxias, ainda merece destaque a Av. Visconde de Pelotas como parte dessa territorialização de bares e boates gays nos anos 2000.

Segundo F. N., entrevistada em 08/10/2008, “o terraço da API (Associação Paraibana de Imprensa) abrigou um bar bastante frequentado por lésbicas e gays que adoravam curtir um fim de tarde e início de noite jogando conversa fora e tomando um drink. [...] Sem infraestrutura e sem oferecer nada além de bebidas e tira-gostos [...], bastante conhecido entre a turma GLS e alguns profissionais da imprensa que costumavam se misturar aos homossexuais, este bar assegurou uma boa frequência de público até 2006”.

Antes de falar na boate Vogue, a qual é a única referência de boate gay na atualidade em toda a cidade, se faz necessário elencar alguns bares e boates que surgiram em outras ruas do Centro, porém com vida bastante efêmera, a exemplo do Baitombar (inaugurado em 2004, fechando meses depois), da boate Roliday, (inaugurada em 2006), durando cerca de um ano apenas, ambos na Rua 13 de Maio, por trás das Lojas Maia, como também do Ozzadia Dance Bar, inaugurado em 2009 na Rua Joaquim Nabuco, durando muito pouco (cerca de seis meses apenas).

Essas informações foram obtidas através de entrevista com E. M. no dia 15/10/2008. Porém, como não fazem parte do objeto de análise não foram colhidas informações mais minuciosas dos mesmos.

Como já foi citada anteriormente, a boate Vogue proporcionou uma observação *in loco* durante cerca de quatro meses e marcou o ponto alto desta

pesquisa nessa área da cidade. Nela foi possível vivenciar o cotidiano deste espaço, marcado por diferenças, mas que enquanto território se afirma na busca identitária de uma “minorias sexual”, que se expressa a partir de estratégias de resistência para se fazer presente na sociedade como um todo.

Figura 38 - Boate Vogue JP na Av. Visconde de Pelotas



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Durante o convívio com os atores do objeto, foi possível perceber que dentro do próprio território existem brincadeiras que segregam os gays que moram nos bairros mais centrais dos que moram nos bairros mais periféricos. Também são comuns comentários pejorativos com aqueles que desenvolvem práticas sexuais passivas, principalmente por parte dos sujeitos que fazem os shows transformistas. Sempre que são chamados ao palco, são estimulados a responder perguntas do tipo: ativo ou passivo? Mora em que bairro? Faz o que da vida?

O espaço interno da boate é formado por um dance com músicas e batidas eletrônicas e um palco onde ocorrem os shows de transformistas, caricatas e gogo bays. Existe também uma área externa com palco para shows ao vivo de bandas locais e regionais, onde são oferecidos dois shows por noite, sendo um de rock pop e outro de forró.

De acordo com O. U. [...] a Vogue foi inaugurada em 2007 e até então foi a única boate do Centro a oferecer segurança e conforto aos seus clientes. “[...] Todas as outras que se instalaram nessa área da cidade mais pareciam um “lixo” do que uma boate [...]. Aqui Você tem um serviço de segurança com revista na

entrada, limpeza nos banheiros constantemente, bebidas sempre geladas e diversificadas, músicas novas que tocam nas melhores boates do Brasil [...]; além de atrações com artistas e cantores conhecidos nacionalmente [...]. Como a Vogue é uma boate que também tem em Natal e a de lá é cinco vezes maior que a daqui, ela sempre oferece pacotes para eventos maiores que ocorrem lá, incluindo o ônibus e a entrada [...]" (entrevistado dia 17/07/2010).

Figura 39 – Parte aberta onde ocorrem os shows



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Figura 40 – Palco do dance onde ocorrem os shows



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

Figura 41 – Banda de forró fazendo show no palco externo



Foto: Antonio Carlos C. dos Santos

De acordo com essa cadeia de eventos, é possível entender que a expansão da territorialidade, bem como o surgimento de novos territórios, significa um processo de (re)ordenamento do espaço vivido. O foco desse processo nas grandes cidades, sobretudo em João Pessoa, está concentrado na relação de posse dos espaços públicos como estratégia de defesa e na ligação subjetiva entre o uso do solo urbano e seus habitantes.

Assim, a territorialidade urbana funciona como um vetor de mudança das cidades, uma vez que o espaço público enquanto espaço de conflito e de competição destrói todo e qualquer sentido de cidade aberta, democrática e capaz de favorecer a harmonia dos vários segmentos sociais.

A partir da vivência com estes atores, verifica-se que tal estrutura territorial engendra consequências para o sentido de cidade, que se chocam e se superpõem no tempo e no espaço, definindo uma nova forma de se pensar o urbano, como sendo palco de representações das diferenças, isto é, uma projeção da sociedade sobre um espaço, não apenas sobre o aspecto da vida social de cada lugar, mas no plano da representação abstrata.

Partindo desse pressuposto, o Centro da Cidade passa a traduzir um conjunto de diferenças, transformando-se em lócus de coexistência da pluralidade e das simultaneidades de padrões e de maneiras de viver a vida urbana em João Pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar o impacto das transformações urbanas na vida cotidiana dos sujeitos desta pesquisa e compreender como estes elaboram em suas narrativas as suas vivências em uma cidade em constante expansão e transformação urbana, frente às diferentes formas de “apropriação” do espaço, não foi tarefa muito fácil.

Criar um universo “polifônico” daquilo que se entende por neutralidade do pesquisador diante da vivência etnográfica com os indivíduos e/ou grupos que vivenciaram, vivenciam e “praticam” os territórios do agito em João Pessoa, coloca esta pesquisa de frente com a questão identitária dos mesmos e desvela o caráter dinâmico das “apropriações”.

Analisar, interpretar e refletir a (re)estruturação urbana à luz das mudanças verificáveis no papel e nas funções dos espaços vividos através das relações sociais, convidam a pensar os vários caminhos trilhados pela cidade de João Pessoa no decurso de sua expansão em direção à orla marítima. Para tanto, é de fundamental importância compreender a cidade como um produto social, revestido de historicidade, a qual carrega consigo e revela as “singularidades da vida cotidiana em sociedade”.

A partir do método de pesquisa adotado, foi possível experienciar a ambiência de João Pessoa através da observação sistemática da emergência dos primeiros bares e boates, seus deslocamentos, a “vida” efêmera de muitos, como também o perfil e estilos dos seus frequentadores, com base nas suas performances cotidianas. Nesse exercício, foram (re)traçados os cenários onde transcorreram suas histórias de vida e, a partir delas, delinear as ambiências das inúmeras formas de significados que abrigam esses territórios. Assim, esta pesquisa defende a ideia de cidade como objeto temporal, isto é, como um lugar de trajetos e percursos sobrepostos que legitimam as ações cotidianas dos diferentes grupos sociais.

Percorrer os lugares que conformaram ou conformam os territórios de agito, significou conhecer os itinerários dos seus frequentadores, fazendo evocar as origens do próprio movimento temporal, não sincrônico nem acrônico, mas diacrônico. Desta forma, pode-se afirmar que João Pessoa é uma cidade moldada

pelas trajetórias sociais, não apenas como mero traçado de deslocamentos distintos no espaço, mas como resultado de deslocamentos humanos, que, a partir da sequência espacial dos diferentes lugares, vão dando forma e estética a estes, transformando-os em territórios.

Após analisar as leituras bibliográficas e as entrevistas feitas com as pessoas que vivenciaram os cafés e os bares do Centro da Cidade durante as décadas de 1960 e 1970, é fácil perceber que a expansão urbana proporcionou o surgimento e, ao mesmo tempo, a “morte” deles. Conforme a cidade foi se expandindo rumo ao litoral, o deslocamento da população foi inevitável. Desta forma, a cidade passou a evidenciar uma nova relação do uso do solo urbano, desencadeando o deslocamento do comércio, dos serviços, das áreas de lazer e também dos seus bares e boates, a partir da lógica da especulação imobiliária.

A partir das investigações com relação aos bares e boates gays do Centro da Cidade, foi possível identificar que as experiências homoafetivas desenvolvidas neles, são antes de tudo, espaços de sociabilidade e de resistência, os quais vão se transformar em territórios, tendo em vista a relação de subjetividade de símbolos, como também a relação identitária desenvolvida entre os seus frequentadores. Como ainda há muito preconceito com relação à questão homoafetiva, sobretudo em João Pessoa, o Centro da Cidade se tornou um lugar propício para abrigar esses territórios por dois motivos: o primeiro, pelo fato dos preços dos aluguéis serem bem mais baixos do que na orla marítima e o segundo pelo esvaziamento dessa área durante a noite. Assim, o medo de serem vistos por familiares e conhecidos ao adentrarem esses estabelecimentos, principalmente, por parte daqueles que ainda vão escondidos dos pais, se transforma em “tranquilidade” para vivenciarem suas práticas homoafetivas, e assim desenvolver suas relações identitárias.

Com relação ao pequeno período de duração da maioria deles, de acordo com as entrevistas concedidas, verificou-se que o público gay que frequenta esse estilo de bares e boates ainda é muito pequeno, quando comparado a outras cidades do Brasil. Assim, o fato de a década de 1990 ter abrigado vários deles ao mesmo tempo, além da péssima estrutura interna da maioria deles, contribuiu para o fechamento em tão pouco tempo, tendo em vista a frequência relativamente pequena em virtude da falta de conforto dos mesmos.

Uma prova disso é a Vogue, que desde 2007 consegue manter seu público. Primeiro porque “reina” única e absoluta na cidade, depois pelas boas instalações internas que garantem conforto aos seus clientes.

Com base nas análises dos autores mais modernos, os quais levantam novas discussões em relação à formação de territórios, como também ao processo de territorialização dentro de cidades, pode-se afirmar que João Pessoa apresentou e apresenta esses processos, uma vez que o movimento que leva ao surgimento e “morte” de muitos bares e boates se dá mediante dimensões simbólicas e mais subjetivas, sobretudo, como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Wellington. H. V de. **Cidade de João Pessoa: A memória do tempo.** João Pessoa: GRAFSET – Gráfica e Editora, 1993, 356p.
- AGUIAR, Wellington & OTAVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro.** João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.
- BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUDRILLARD, J. **Modernidade** (verbetes) In: ENCICLOPÉDIA Universalis. Paris: Production Rhmnales, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Edições 70, 1995.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política.** SP: Brasiliense, 1993.
- _____. **O Flâneur.** In: _____. Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1991; PP.33 – 65.
- BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI.** São Paulo. Hucitec, 1996.
- BRAGA JÚNIOR. **Homoerotismo e Homossociabilidade**, p. 213-218 . In: LOPES, Denílson (et al). **Imagem & Diversidade sexual** - estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo. Editora 34/Edusp, 2000.
- CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía.** Barcelona: Barcanova, 1981.
- CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no Mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. A. **O espaço urbano.** São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).
- CASTORIADIS, Cornelius. **“Paixão e Conhecimento”** In: **Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 133-179.

CECCIM R.B. 2005. **Educação permanente em saúde:** desafio ambicioso e necessário. Interface – Comunic, Saúde, Educ 9(16):161-168.

CHALMERS, Alain F. (1976) **O que é ciência, afinal?** São Paulo : Brasiliense, 1993.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Florianópolis: EDUFSC, 1999.

_____. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia.** In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.

CORRÊA, Roberto.Lobato. **“Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução”.** In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.

COSTA, W. M da. **Geografia Política e Geopolítica:** discursos sobre o território e o poder. São Paulo: HUCITEC, 1992.

DEBORD, Guy. **La sociedad del espectáculo.** Buenos Aires: La Marca, 1995.

DE CERTAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano:** 1. Artes de Fazer. Petrópolis/RJ: Vozes. 1994.

Dicionário on line Aurélio da Língua Portuguesa – <http://portugues.babylon.com>.

ENTRIKIN, J. Nicholas. **O Humanismo Contemporâneo** em Geografia. Boletim Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19 p. 5-30, 1980.

ESCOLAR, M. **Crítica do Discurso Geográfico.** São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRA, M. U. 1991. **Epidemiologia e geografia:** o complexo patogênico de Max Sorre. Cadernos de Saúde Pública, 7:301-309. [Links]

FEYRABEND, P. **Contra o Método.** Tradução: Cezar Augusto Mortari – São Paulo: UNESP, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. RJ: Graal, 1988. 152 p.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979 a.

GENRO FILHO, A. **O segredo da Pirâmide.** Porto alegre: Tchê, 1986.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia.** São Paulo: Difusão Européia do Livro 1972. (Coleção Saber Atual).

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed Unesp, 1993.

GIL, I.C. **Territorialidade e Desenvolvimento Contemporâneo**. REVISTA NERA - ANO 7, N. 4 – JANEIRO/JULHO DE 2004.

GOLDMANN, L. **Que é a Sociologia?** Rio de Janeiro: Difel, 1978. Tradução de Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.

GUATTARI, F. **Espaço e poder: a criação de territórios na cidade**. Espaço e Debates, n. 16, ano V. São Paulo: Cortez, 1985.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-caminhos e perspectivas do território**. In: RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marcos A. (Org.). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 87- 120.

_____. **Dês-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. RS: **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HARTSHORNE, R. (1939) - **A natureza da geografia: Um exame crítico do pensamento atual na luz do passado**. *Annals of the Association of American Geographers*, 39: 173-658

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1994.

HILMANN, James. **Cidade & Alma**. Studio Nobel, São Paulo, 1993.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.

HOLZER, W. **Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 149-168.

_____. **O lugar na geografia humanista**, In: Revista Território. LAGET, UFRJ, ano IV, nº 7, jul/dez. Rio de Janeiro, 1999.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução às ciências humanas**. 2ª. Ed. São Paulo: Letras & Letras, 1994.

_____. **“O que é epistemologia?”** In. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 7º Ed. Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1992, PP. 21-39.

KASTRUP, V. **Aprendizagem, arte e invenção**. Psicol. Estud., v.6, n.1, p.17-25, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Parque Sólon de Lucena: espaço público, potencial de urbanidade e desenvolvimento da cidade**. João Pessoa: GREM/DCS/PROBEX – PRAC/UFPB, 2004.

LACOSTE, Yves. **A geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LAVIERI, João Roberto & LAVIERI, Beatriz. **“Evolução da estrutura urbana recente de João Pessoa – 1960 a 1986”**. Textos UFPB-NDIHR, n. 29. LEAL, José . (1989), Itinerário histórico da Paraíba. 2ª edição, João Pessoa, A União.

_____. **Evolução Urbana de João Pessoa pós-1960**. In: A questão urbana na Paraíba. João Pessoa. Editora Universitária, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**, 3.ed. Barcelona. Ediciones Península. 269 p. 1975.

_____. **La presencia y la ausência**. Contribución a la teoria de las representationes. México: Fondo de cultura Econômica, 1983.

_____. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

_____. **Le Manisfetes différentialisme; Au-delà du struturalisme; Vers le cybernantrope, contre les technocrates**, 1971.

_____. **Espado y política**. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

_____. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. **O direito à cidade**. Tradução R. E. Frias. São Paulo, Editora Moraes. 145 p. 1991.

LIMA, Maria do Céu de. **Do território desejado ao lugar possível: cidade, luta e apropriação**. 1997. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

LOURO, Guacira Lopes. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento.** In: LOPES Denílson (et al). **Imagem & Diversidade sexual - estudos da homocultura.** São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação:** em direção a uma nova epistemologia da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. p. 101-130.

MADRUGA, A. Moacyr. **Litoralização da Fantasia da Liberdade à Modernidade Autofágica.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 1992.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo;** tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, RS. Artes e Ofícios , 1995.

MAIA, Doralice Satyro. **O Campo na Cidade:** necessidade e desejo (um estudo sobre subespaços rurais em João Pessoa – PB). Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis (1994). p. 208.

_____. **Tempos lentos na cidade:** Permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa – PB. Tese. São Paulo, Departamento Geografia – USP, 2000.

_____. **Uma cidade em (re)construção:** a cidade da Parahyba no século XIX. In: Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales. Vol. X, núm. 218. Barcelona, agosto 2006.

MARICATO, E. **“Reforma Urbana:** Limites e Possibilidades. Uma Trajetória Incompleta”. Ribeiro, Luiz César de Queiroz e Orlando Alves dos Santos Jr. (orgs). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 309-325.

MELO, João Baptista Ferreira de. **A Geografia Humanística:** a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia.* Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Rio de Janeiro, v.52, n. 4, p. 91-114, out/dez, 1990.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Capítulos de História da Paraíba.** Campina Grande: Grafiset, 1987, 660 p.

MORAES, A. C. R. **Geografia:** Pequena História. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. [[Links](#)]

_____. **Introdução.** In: RATZEL, F.[1899] Ratzel – Geografia. S. I.: Ed.Ática, 1990. N. 59. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MORIN, E. **A Cabeça bem Feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **O problema epistemológico da complexidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.

MOTT, M. L. **Reverendo a história da enfermagem em São Paulo.** Revista Pagu, n 13, p. 327 – 355, 1999.

NATARELLI, E. **La costruzione del paesaggio,** Roma, Gangemi. 1997.

NÓBREGA, Humberto Carneiro da Cunha. **História do Ponto de Cem Réis.** Revista do IHGP, n. 19. 1971.

NUNES, J. A. **Um discurso sobre as ciências 16 anos depois.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento Prudente para uma vida decente: “um discurso sobre as ciências”** revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **"Espaço e tempo: compreensão materialista e dialética".** In: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da geografia brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1982.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Território e migração: uma discussão conceitual na Geografia.** São Paulo: USP (mimeo), 1999.

QUAINI, M. **A Construção da Geografia Humana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Marxismo e geografia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ed. Ática, 1993. (Série Temas).

_____. **Remarques sur lês Motions d'Espace, de Territoire et de Territorialité.** Espaces et Societés, p. 167-171, Juin-Déc. 1982.

RATZEL, Friedrich. **Geografia.** S. I.: Ed.Ática, 1990. N. 59. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. **El Territorio, La sociedade y El estado.** In: MENDONZA,J.G, JIMENEZ,J.M e CANTERO,N.O (orgs). **El pensamiento geográfico.** 2ºed. Alianza Editorial,S.A. Madri, 1988.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da Geografia.** vol.4, n 7, 1-25, abril, 1979.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. **Identidade e Resistência no Urbano: O Quarteirão do Soul em Belo Horizonte**. UFMG, Tese de Doutorado, 2008.

RODRIGUES, Luis Gonzaga. **Filipéia e outras saudades**. João Pessoa: A União Editora, 1993, 146p.

_____. **Notas do meu lugar**. João Pessoa: Acauã, 1933, 259p.

RODRIGUES, Walfredo. **Roteiro Sentimental de uma Cidade**. João Pessoa: A União Editora, 1994.

ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 12-74.

SACK, R. **Human Teritoriality: its theory and history**. Cambrige University Press, 1986.

SANTOS, B. de S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

_____. **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Thiago Araújo. **Território e relações de poder**. A busca por autonomia camponesas pos meio da feira agroecológica da UFPB. 2007.

SAQUET, Marcos A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre: EST edições, 2003.

SPOSITO, M. E. Beltrão. **O chão em pedaços: urbanização economia e cidades do estado de São Paulo**. Tese (livre docência em geografia) - FCT/UNESP. Presidente Prudente:2004.

SILVA, Armando Coréia da. **O Espaço como Ser: uma auto-avaliação crítica**. In: MOREIRA, Ruy (Org.). **Geografia: teoria e crítica** (o saber posto em questão). Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, L. M. T. da. **Memória e intervenção urbana: o caso do “Ponto de Cem Réis” no centro de João Pessoa – PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

SILVEIRA, Maria Laura. **Globalização, trabalho, cidades médias**. In: Revista: Geo-UERJ (Revista do Departamento de Geografia. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ, 2002, pp.11-17.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SORRE, M., 1955. **Fundamentos Biológicos de la Geografía Humana**. Ensayo de Una Ecología del Hombre. Barcelona: Editorial Juventud. [[Links](#)]

SOUZA, E.A. & PEDON, N.R. 2007. **Território e Identidade**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas Três Lagoas - MS, V 1 – n.º6 - ano 4, Novembro de 2007.

SOUZA, M. L. de. **O território sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia Conceitos e Temas**; Rio de Janeiro: Bertrand, 6ª ed. 2003.

STRECK, D. **Pesquisar é Pronunciar o Mundo: notas sobre método e metodologia**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

SUERTEGARAY, Dirce. **Espaço uno e múltiplo**. In Scripta Nova, Revista Electronica de Geografia Y Ciencias Sociales, n.93, Barcelona, julho de 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo. Difel. 250 p. 1983.

_____. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 288p, 1982.

VASCONCELOS, P. A. **O Espaço na Geografia: texto elaborado e distribuído durante o III Congresso Brasileiro de Epidemiologia da Abrasco, Salvador, 24-28 abril**. Rio de Janeiro: Abrasco, 1995. (mimeo.) [[Links](#)]